

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Luciano Borges Muniz

**REPRESENTAÇÕES JUVENIS SOBRE O TRABALHO E DESAFIOS PARA A  
INSERÇÃO NO MERCADO CONTEMPORÂNEO: um estudo sobre a motivação dos  
jovens para participar do Programa Plug Minas**

Belo Horizonte  
2013

Luciano Borges Muniz

**REPRESENTAÇÕES JUVENIS SOBRE O TRABALHO E DESAFIOS PARA A  
INSERÇÃO NO MERCADO CONTEMPORÂNEO: um estudo sobre a motivação dos  
jovens para participar do Programa Plug Minas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>: Regina de Paula Medeiros.

Belo Horizonte  
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M966r	<p>Muniz, Luciano Borges</p> <p>Representações juvenis sobre o trabalho e desafios para a inserção no mercado contemporâneo: um estudo sobre a motivação dos jovens para participar do Programa Plug Minas / Luciano Borges Muniz. Belo Horizonte, 2013.</p> <p>120f.: il.</p> <p>Orientadora: Regina de Paula Medeiros.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.</p> <p>1. Mercado de trabalho. 2. Juventude. 3. Projeto Centro de Formação e Experimentação Digital Plug Minas. 4. Empregabilidade. 5. Autonomia. I. Medeiros, Regina de Paula. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 331.16</p>
-------	---

**Revisão ortográfica e Normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor**

Luciano Borges Muniz

**REPRESENTAÇÕES JUVENIS SOBRE O TRABALHO E DESAFIOS PARA A  
INSERÇÃO NO MERCADO CONTEMPORÂNEO: um estudo sobre a motivação dos  
jovens para participar do Programa Plug Minas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Regina de Paula Medeiros (Orientadora)  
PUC Minas

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Cristina Almeida Cunha Filgueiras  
PUC Minas

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Hila Bernadete Silva Rodrigues  
UFOP

Belo Horizonte, 17 de junho de 2013.

A minha querida avó, por mostrar a mim e a tantos o valor da vida mesmo quando não existe mais juventude.

Aos jovens Gustavo e Fernanda, que compartilham muitos sentidos e percepções com os sujeitos desta pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao departamento de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas que possibilitou a concretização desse projeto. Em especial aos professores que me apresentaram várias possibilidades de interpretações e sentidos da realidade social, possibilitando um novo posicionamento enquanto indivíduo e pesquisador. Terminei essa etapa com a certeza de estar bem melhor do que quando fui aceito para fazer parte do programa.

À professora Regina Medeiros pela orientação desta pesquisa e por ter apresentado caminhos e ideias que não teriam sido percebidos sem sua valiosa contribuição. Por ter me acompanhado de perto nessa trajetória me dando autonomia quando era possível e me guiando quando se fazia necessário.

À professora Cristina Filgueiras pelas importantes contribuições e sugestões dadas em setembro de 2012 no momento da qualificação. A partir desse momento minha pesquisa se expandiu e se enriqueceu.

Aos funcionários da secretaria do Programa, Ângela, Guilherme e Nelmar, por sempre estarem dispostos a me atender com toda presteza e agilidade.

A todos os integrantes do grupo da pesquisa “*Estratégias de mobilização e articulações políticas dos jovens nas comunidades de origem através das redes de sociabilidades juvenis*”, Regina Medeiros (coordenadora), Manoel de Almeida Neto, Andreia Santos, Andréia Ribeiro, Elaine Mello, Selmara Mamede, Luísa Barroso e Juliano Fonseca, por terem contribuído de várias maneiras para a realização desse trabalho. A participação nesse grupo foi fundamental para as escolhas e posicionamentos aqui apresentados.

Aos funcionários do Plug Minas por terem possibilitado a realização do trabalho de campo nas instalações do programa, fornecendo o espaço e materiais para a realização das atividades.

Agradeço especialmente aos jovens que participaram desta pesquisa, por não se importarem em passar horas nos contatos sobre suas vidas, experiências e expectativas futuras, especialmente por terem concedido as entrevistas para um grupo grande de pesquisadores ávidos por entender os processos internos do programa. Sem esta disposição não seria possível a realização deste trabalho.

Aos amigos e colegas de turma, por terem permitido momentos ricos de discussão e debates e contribuído para que esse tempo fosse mais leve e prazeroso. Em especial cito: Marcus, Aline, Sara, Rejane e Vanessa, parceiros de caminhada.

Agradeço à minha querida esposa, Ozânia Andrade, pelo amor, carinho, compreensão e companheirismo, tão importantes para a concretização dessa etapa. Ter uma pessoa assim ao lado, torna a vida mais fácil.

Aos meus familiares, Maria Aparecida, Luciene, Fernanda, Gustavo e Camila, por serem aqueles que posso contar sempre e a quem recorro constantemente mesmo sem que saibam disso.

À Maria Rosilene Andrade que desde os primeiros passos na academia tem me incentivado e apoiado de diversas formas, sempre servindo de exemplo de força e determinação.

Por fim, a todos os meus amigos que me motivaram de várias maneiras. Cada um desses tem um valor especial. A vida sem amigos seria um desastre.

## RESUMO

Esta dissertação trata das relações que se estabelecem entre juventude e o mundo do trabalho na contemporaneidade. O objetivo desse estudo é compreender os sentidos e motivações dos jovens para participarem dos cursos oferecidos pelos núcleos do Plug Minas e a relação dessa motivação com o mundo do trabalho. A metodologia utilizada foi a qualitativa, considerada mais adequada para essa pesquisa, e as técnicas foram: análise documental, entrevistas em grupo, feitas com 37 (trinta e sete) jovens; entrevistas individuais com 5 (cinco) técnicos coordenadores dos núcleos do Plug Minas e a observação direta. Nossas análises nos permitiram perceber que os postos de trabalho que têm sido destinados aos jovens, embora caracterizados pela precarização, com carências de seguridades sociais e pela baixa remuneração, servem como elemento central para a construção dos projetos de vida e identidades juvenis. O desejo pelo trabalho e sua valorização, apresentada pelos jovens entrevistados, estão relacionados com a forma de organização da sociedade contemporânea que apresenta o consumo como objetivo central e a autonomia individual como meta. Dessa forma, o trabalho apresenta para o jovem um meio para acessar esses elementos. Por fim percebemos que os participantes dessa pesquisa reproduzem a lógica da empregabilidade, que se fundamenta na responsabilização do indivíduo por seu sucesso ou fracasso na esfera profissional e no âmbito individual. Partindo dessa lógica é possível explicar a motivação dos jovens para participarem do Plug Minas e sua relação com o desejo de trabalhar.

Palavras-chave: Juventude, trabalho, Plug Minas, consumo, autonomia, reconhecimento social e empregabilidade.

## **ABSTRACT**

This essay talks about the relationships that are established between youth and the working world in present times. This study aims at understanding the feelings and motivations the young people have to participate in the courses offered by “Plug Minas” and the relationship of the motivation with the working world. The methodology applied was a qualitative one, which was considered more appropriate for the research, and the techniques used were: documental analysis, group interview, performed with 37 (thirty-seven) young people; individual interview performed with 5 (five) technicians who are coordinators in the “Plug Minas” branches and the direct observation. Our analysis allowed us to perceive that the working positions that have been designated to young people, although characterized by being precarious, lacking social security and having small salaries, serves as a core element for building the youth identity and the projects of life. The desire for working and being valued, mentioned by the interviewed people, is related to the way the contemporary society is organized. It shows consumption as the main objective and has individual autonomy as a goal. This way, working means a way to access these elements for these young people. We finally realized that the participants in this research replicate the logic of employment, which is based on putting the individual as the person responsible for his/her success or failure, both professionally and as an individual. Starting with this logical thought, it is possible to explain what motivates young people to participate in “Plug Minas” program and its relationship with the desire to work.

Key words: youth, work, Plug Minas, consumption, autonomy, social recognition, employment.

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Porcentagem de jovens matriculados por núcleo no ano de 2012.....	46
GRÁFICO 2 - Distribuição dos jovens frequentes por sexo.....	46
GRÁFICO 3 - Distribuição de jovens matriculados por idade.....	47
GRÁFICO 4 - Percentual de jovens frequentes no Plug Minas por local de moradia – Belo Horizonte/Região Metropolitana/2012.....	48
GRÁFICO 5 - Distribuição dos jovens, residentes em Belo Horizonte, matriculados no Plug Minas por regional administrativa – 2012.....	49

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Breve descrição dos jovens do grupo 1.....	20
QUADRO 2 – Breve descrição dos jovens do grupo 2.....	21
QUADRO 3 – Breve descrição dos jovens do grupo 3.....	22
QUADRO 4 – Breve descrição dos jovens do grupo 4.....	23
QUADRO 5 – Breve descrição dos jovens do grupo 5.....	23
QUADRO 6 – Breve descrição dos jovens do grupo 6.....	24
QUADRO 7 – Breve descrição dos jovens do grupo 7.....	24

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 - Composição do universo da pesquisa por sexo.....	44
TABELA 2 - Vagas oferecidas e número de jovens matriculados por núcleo no ano de 2012..	45

## **LISTA DE SIGLAS**

PEA – População Economicamente Ativa

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PAMJ - Programa Mundial de Ação para a Juventude

OIJ - Organização Ibero-Americana de Juventude

ONU - Organização das Nações Unidas

PMDI – Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado.

OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

NPG - Núcleo de Planejamento e Gestão

FEBEM - Fundação Estadual do Bem-Estar ao Menor

OIT – Organização Internacional do Trabalho

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
<b>1. JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS: A EXPERIÊNCIA DOS JOVENS PARTICIPANTES DO PLUG MINAS.....</b>	<b>29</b>
1.1 Juventudes: os impasses e desafios na conceituação do que é ser jovem.....	29
1.2. Políticas Públicas para Juventude: tendências observadas no cenário contemporâneo.....	32
1.3 O Universo da pesquisa – Caracterização do Plug Minas.....	39
1.3.1 <i>Estrutura e Funcionamento do Plug Minas em 2012</i> .....	43
1.4. A imagem do Plug Minas no imaginário dos jovens envolvidos com o programa....	50
1.4.1 <i>Os aprovados e os reprovados no processo seletivo do Plug Minas.</i> ....	55
<b>2. JUVENTUDE E TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: TRANSFORMAÇÕES, EXPECTATIVAS E POSSIBILIDADES.....</b>	<b>60</b>
2.1 A formação da sociedade salarial e a alteração do sentido do trabalho.....	61
2.1.1 <i>O mundo do trabalho flexibilizado.</i> ....	65
2.2 Sociedade contemporânea e juventude: características e processos de consumo.....	70
2.2.1 <i>Onde se situam os jovens em meio à sociedade contemporânea e a nova cultura do trabalho.</i> ....	75
<b>3. REPRESENTAÇÕES E SENTIDOS SOBRE O TRABALHO EM MEIO AOS JOVENS DO PLUG MINAS.....</b>	<b>82</b>
3.1 A reprodução da lógica da empregabilidade no discurso dos jovens atores dessa pesquisa: “só basta força de vontade e correr atrás”.....	82
3.1.1 <i>De que tipo de trabalho falam os jovens e como percebem as possibilidades de acessá-lo.</i> ....	92
3.1.2 <i>O trabalho como elemento estratégico para a autonomia e consumo juvenil na sociedade contemporânea.</i> .....	99
3.1.3 <i>Reconhecimento social pela via do trabalho</i> .....	105
CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS .....	116

## INTRODUÇÃO

Estudos que tomam como objeto de análise a juventude, em qualquer de suas manifestações ou relações sociais, incorrem nos desafios de definição deste conceito. Percebe-se que já se tornou comum considerar adequado o uso do vocábulo juventudes no lugar de juventude. Essa postura traz implícito o reconhecimento da juventude como grupo social múltiplo e diversificado que apresenta diversas possibilidades de definição conceitual, que se distanciam de definições objetivas e singulares.

Não existe consenso quanto ao critério de definição de juventude baseado na faixa etária. Como aponta Dayrell e Gomes (2013) no Brasil as estatísticas consideram como jovem o indivíduo que tenha entre 15 e 24 anos. Porém, algumas pesquisas tanto estendem para além dos 24 anos, quanto diminuem para antes dos 15 a idade daqueles que são tratados como jovens pelas mesmas. Encontra-se indivíduos definidos como jovens desde os 12 até os 29 anos. (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007). Isso se explica, em parte, pelo fato da categoria social juventude poder ser definida tanto por um caráter universal, que produz transformações físicas e biológicas, quanto por um caráter cultural, que é determinado pelas condições sociais e históricas de cada indivíduo. (DAYRELL; GOMES, 2013).

Mesmo diante dessas indefinições a juventude brasileira tem sido estudada nos últimos anos a partir de uma gama de temas variados que passaram a ser objeto de interesse tanto da academia, quanto das organizações políticas brasileiras. Dentre esses temas, o trabalho, ou a falta dele, e suas implicações para os jovens tem ganhado relevância. O valor do trabalho para a juventude e os usos sociais que a juventude faz dele em meio à sociedade contemporânea, tem se destacado como aspecto investigado. Embora os enfoques sejam variados, as pesquisas nessa área apontam a valorização do trabalho em meio aos jovens que o percebem como elemento estratégico para a realização de seus projetos de vida.

Toda essa atenção destinada ao tema do trabalho juvenil no Brasil se justifica diante da realidade social brasileira que pode ser percebida pelos dados da PEA – População Economicamente Ativa. Segundo esses dados um número bastante elevado de jovens brasileiros se encontram relacionados, de alguma forma, com o mundo do trabalho. Em 2009, de acordo com os dados do PNAD – IBGE, 33% da população brasileira era jovem<sup>1</sup> e 73,1%

---

<sup>1</sup> No estudo *A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000*, de onde se extraiu essa informação, utilizou-se a faixa etária entre 16 e 29 para afirmar que 33% da população brasileira era composta por jovens em 2009.

dessa parcela da população compunha a PEA, isto é, população que trabalha ou que se encontra a procura de emprego (DIEESE, 2012). Observa-se que no Brasil, para cada dez jovens, aproximadamente sete se encontram ativos no mercado de trabalho, enquanto que em países desenvolvidos o número é menor, já que para cada jovem ativo existem nove inativos. (POCHMANN, 2005).

Este estudo insere-se no campo de investigação das relações que se estabelecem entre juventude e o mundo do trabalho. Diante das indicações e dos dados que apontam a valorização do trabalho entre os jovens, nos interessou investigar quais as razões que fazem com que o trabalho seja tão desejado e valorizado por esse grupo social. A ideia de que os jovens estariam interessados em trabalhar apenas por motivo de necessidade, tendo o trabalho como elemento indispensável para a sobrevivência, parece muito simplista para dar conta de toda a complexidade dessas relações, mesmo que esta possa ser uma possibilidade em alguns casos. Nossa suspeita, que serviu como hipótese principal para esta pesquisa, era de que o desejo juvenil pelo trabalho guardasse relação com a dinâmica da sociedade contemporânea, organizada em torno do consumo e de um modelo específico e ideal de indivíduo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa escolhemos como objeto de análise os jovens participantes do Plug Minas – Centro de Experimentação Digital, aqui denominados sujeitos ou atores da pesquisa. O Plug Minas é uma política pública do governo de Minas Gerais voltada para atender o público jovem de Belo Horizonte e Região Metropolitana que tenha entre 14 e 24 anos e seja estudante ou egresso de escolas da rede pública de ensino. Este centro de experimentação digital visa oferecer aos jovens participantes cursos em diversas áreas do conhecimento que envolva a cultura digital, a arte ou o empreendedorismo. A expectativa dos formuladores do programa é obter resultados na área do trabalho, da educação e da participação social. (LARA, 2010).

A justificativa para a escolha do Plug Minas como unidade de análise está relacionada à minha participação na pesquisa denominada “Estratégias de mobilização e articulações políticas dos jovens nas comunidades de origem através das redes de sociabilidades juvenis”, realizada junto aos jovens do Plug Minas e coordenada pela Prof: Dr<sup>a</sup>. Regina de Paula Medeiros. Por se tratar de uma pesquisa com amplo campo de interesse e abordagens variadas, foi possível investigar a relação dos jovens com o mundo do trabalho, possibilitando assim a realização deste estudo concomitante às atividades da pesquisa.

Como o público alvo do Plug Minas são os jovens e um de seus objetivos é alcançar resultados no campo do trabalho, entendemos que seria apropriado o estudo do tema nesse ambiente. A princípio nos deparamos com o receio de não encontrar no Plug Minas jovens

que estivessem matriculados no programa com o objetivo de se instrumentalizarem para o mundo do trabalho, o que inviabilizaria a realização da pesquisa com esse público. Este receio se justifica uma vez que o Plug Minas não se define como projeto formador, nem tampouco espera resultados apenas na área do trabalho. No entanto, desde as primeiras incursões no campo, tivemos indicações de que os jovens participantes, de alguma maneira, estavam no Plug Minas com a expectativa de que a participação no programa pudesse contribuir para o aumento das possibilidades de inserção bem sucedida no mundo do trabalho contemporâneo.

Não tivemos a intenção de analisar a política pública Plug Minas, nem a de analisar a eficácia ou não do programa no cumprimento de seus objetivos. Nosso objetivo central era analisar as motivações dos jovens estudantes ou egressos da rede pública de ensino de Belo Horizonte e região metropolitana para participar do Plug Minas e a relação dessa motivação com o mundo do trabalho.

Como mostra Guimarães (2008) a partir de dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” realizada em 2003, o trabalho está presente como referência para as opiniões, atitudes e expectativas dos jovens brasileiros, ocupando um lugar central no universo juvenil. O que indica que esses indivíduos se importam com o trabalho e desejam trabalhar mesmo com todas as modificações percebidas no mundo do trabalho nos últimos anos.

Partindo do pressuposto que pesquisar o universo dos jovens envolvidos com o Plug Minas nos possibilitaria entender aspectos relevantes da relação entre os jovens e os desafios do mundo do trabalho, iniciamos nossa investigação buscando informações que nos fossem úteis nesse sentido. Dessa forma, formulamos a seguinte inquietação como principal problema norteador do nosso trabalho de pesquisa: Quais são as expectativas dos jovens procedentes de escolas públicas de Belo Horizonte e região metropolitana participantes do Plug Minas em relação ao mundo do trabalho e se essas expectativas servem como motivação para procurar o programa.

Esta questão traz implícita a ideia que a juventude valoriza o trabalho e, portanto, deseja trabalhar. Assim acreditou-se que ao mesmo tempo em que as investigações nos permitiriam entender a motivação dos jovens para participar do Plug Minas, entender-se-ia também a motivação deles para trabalhar. A partir dessa expectativa considerou-se relevante analisar a percepção dos jovens participantes do Plug Minas sobre o trabalho e sobre as possibilidades de inserção no atual mercado de trabalho; analisar a percepção dos jovens sobre o que o acesso ao mercado de trabalho oferece como possibilidades para a vida na sociedade contemporânea. Estes foram os objetivos específicos desse estudo.

A proposta de investigação desse estudo, como é possível perceber nos objetivos apresentados acima, se baseou nas percepções e sentidos juvenis. Interessou-se pela maneira como os jovens entrevistados percebiam e falavam sobre os aspectos contemporâneos do mundo do trabalho, desejo de inserção, fatores que dificultam a inserção juvenil, tipo de trabalho ideal, qualificação, currículo e principalmente sobre o que os motivam a trabalhar.

Para sua efetivação optou-se pelo uso da metodologia qualitativa. Pois “a pesquisa qualitativa torna-se importante para compreender os valores culturais e as representações de determinado grupo sobre temas específicos”. (MINAYO, 1994, p. 134). Considerando as pretensões desse estudo, não houve dúvidas de que o procedimento metodológico qualitativo seria o mais apropriado para guiar a investigação.

Como esta pesquisa foi desenvolvida junto a um grupo de pesquisadores do Departamento de Ciências Sociais da PUC–Minas, em muitos momentos tive o privilégio de participar de intensos debates e discussões sobre juventude e também sobre o valor e sentidos do trabalho para os jovens entrevistados. Isto sem dúvida fez despertar ideias e possibilitou o amadurecimento de uma série de outras que sem esse ambiente não teriam se desenvolvido. Em outros momentos tive que lidar com questões próprias de alguém que se propõe a desenvolver um estudo acadêmico e, portanto fazer opções por conceitos, abordagens e procedimentos metodológicos.

Como foi priorizado nesta dissertação a análise das significações e representações atribuídas por esses sujeitos no ato de suas falas ou manifestações linguísticas exteriorizados durante as entrevistas, a postura metodológica foi analítica, buscando a reconstrução de sentidos. Conforme aponta Guerra (2008) esta postura permite ao pesquisador compreender sentidos sociais através da exploração dos conteúdos das entrevistas realizadas e também de outros materiais de pesquisa analisados. Assim, nosso desafio durante o exercício de análise do material produzido no campo foi compreender os sentidos que os jovens atribuíam ao trabalho e aos temas que se relacionavam a ele.

As técnicas utilizadas foram a análise documental, a observação direta, entrevistas individuais com os técnicos (coordenadores dos núcleos) e entrevistas em grupo dialógica/participativa com os jovens participantes do Plug Minas. Iniciamos nossos trabalhos pela análise documental a fim de entendermos os objetivos e a lógica de funcionamento do projeto Plug Minas. Selecionamos documentos institucionais que esclareciam as pretensões do programa, bem como elucidavam o seu funcionamento. Esses documentos foram: *Diretrizes Pedagógicas*, *Regimento Interno*, *Proposta Técnica Preliminar*

*e Termo de Replicação – Critérios.* Todos esses documentos citados foram disponibilizados pelos representantes da instituição.

Fizemos uso também da observação direta, feita durante as atividades de pesquisa e durante os trajetos de locomoção para o local do Plug Minas. A ideia de observar os jovens durante os trajetos para o Plug Minas surgiu a partir dos meus encontros constantes com jovens que utilizavam o transporte público (ônibus e metrô) nos mesmos horários em que me deslocava para o local de pesquisa. Principalmente na estação de metrô, que se localiza próxima ao espaço Plug Minas (Estação Santa Inês) e dentro do metrô, os jovens participantes do Plug Minas se encontravam, na maioria das vezes, em grupo e conversando sobre assuntos que se referiam ao cotidiano juvenil, como assuntos relacionados à escola e ao próprio Plug Minas.

A partir dos encontros, percebi que a observação desses grupos em suas conversas e comportamentos, poderia ser uma fonte rica de informações sobre os temas de meu interesse. Com isso em mente, procurei sempre manter a menor distância possível desses grupos para que eu pudesse ouvir e entender bem sobre o que conversavam, sem, no entanto permitir que minha presença fosse percebida como de um pesquisador. Os dados observados através dessa técnica eram anotados, no momento da observação ou assim que se fazia possível, em um diário de campo que carreguei comigo durante o tempo da pesquisa.

Foram feitas entrevistas com os técnicos (coordenadores dos núcleos do programa) e com os jovens do Plug Minas. Para a realização das entrevistas com os jovens foi utilizada a técnica de entrevista em grupo do tipo dialógica/participativa. Segundo Aires (2011) a entrevista em grupo proporciona uma grande quantidade e grande diversidade de informações. A autora aponta que esta é uma técnica de pesquisa em expansão no campo dos estudos qualitativos e em comparação com a entrevista individual, ela é mais cumulativa e elaborativa, já que estimula à participação de todos os envolvidos.

Segundo Medeiros (2012) esse tipo de entrevista é adequado para analisar a lógica do pensamento dos sujeitos coletivos, os embates, contradições e opiniões ambivalentes. Além de “oportunizar maior precisão nas representações e práticas sociais, no sistema de significados, na apreensão de valores, nas experiências individuais e na interação social”. (MEDEIROS, 2012, p. 70). Outra vantagem que a autora percebe no uso dessa técnica é que a forma como ela se desenvolve conduz os entrevistados para um momento relacional, em que os próprios componentes do grupo relacionam-se dialogicamente e, com isso criam um ambiente favorável para o entendimento de aspectos coletivos daquele grupo.

Essa técnica exige mais competências do entrevistador na gestão da dinâmica dos grupos, pois o grupo pode ser liderado pela fala de um único indivíduo e o discurso dominante do grupo pode interferir na postura individual de um componente. (AIRES, 2011). A organização da ordem das falas é outra dificuldade que é enfrentada pelo condutor da entrevista, por isso a recomendação é que se tenham, pelo menos, dois pesquisadores que trabalhem em cada entrevista: um que coordene e o outro que observe, auxilie e interfira, quando considerar necessário. (MEDEIROS, 2012).

Essas dificuldades que são apontadas por Aires (2011) e Medeiros (2012), presentes nas etapas da realização das entrevistas em grupo, foram vivenciadas pela equipe de pesquisa em vários momentos em que os jovens entrevistados sentiam-se tão motivados a falar sobre determinados assuntos que inibiam a fala dos outros; ou, ao contrário, houve jovens que não se sentiam estimulados a falar e limitavam-se a dizer que concordavam com o que já havia sido dito por outros. Então, nesses momentos, cabia ao coordenador de cada grupo mediar a situação, quer seja com estímulos àqueles que não se manifestavam ou com controle aos que queriam se sobressair.

Quanto à transcrição das entrevistas em grupo, recomenda-se que, além das gravações das entrevistas, os pesquisadores que apoiam o coordenador destas façam anotações que auxiliem-na e sempre que possível, identifique o dono da fala. (MEDEIROS, 2012).

Tendo por base essas dificuldades, aconselha-se que os grupos formados sejam no máximo de 8 (oito) indivíduos participantes, já que todos são estimulados a responder as questões apresentadas e também a expressar opiniões que estejam relacionadas a algum tema que surja durante as falas. O que exige intenso envolvimento do pesquisador com os grupos para que estes se sintam estimulados a argumentar sobre os confrontos e consensos que surjam durante as atividades desenvolvidas. Dessa forma um possível resultado da utilização dessa técnica é a percepção do pensamento do grupo investigado. (AIRES, 2011).

No início do trabalho de campo, havia uma previsão de que as entrevistas fossem com 10 (dez) grupos compostos de 8 (oito) jovens, o que totalizaria 80 jovens entrevistados. Desses grupos, 5 (cinco) seriam constituídos de jovens matriculados e frequentes nas atividades do Plug Minas e os outros 5 (cinco) seriam formados por jovens que, embora tivessem se inscrito para participar do programa, não estivessem matriculados por alguma razão, como não ter sido aprovado no processo seletivo ou mesmo não ter procurado o programa após a inscrição.

Todos os grupos com os jovens matriculados foram realizados. Quanto aos não matriculados apenas dois foram realizados, com a presença de 2 (dois) jovens em cada grupo.

Esse fato se deu devido a indisponibilidade dos jovens para participar das entrevistas e as justificativas destes variavam entre falta de tempo e interesse para a participação. Acredita-se que isso ocorreu devido ao fato de esses jovens não terem vínculo com o Plug Minas. Dessa forma mesmo mediante à oferta de recursos para o deslocamento e horários flexíveis, os jovens não se interessavam em participar do processo.

Em relação à composição dos grupos entrevistados, adotou-se o critério de sorteio aleatório, que foi feito a partir de lista com os nomes de todos os alunos matriculados no Plug Minas no ano de 2012 e também de todos os inscritos no programa e não matriculados, no mesmo ano. Esses grupos contemplaram alunos dos seguintes núcleos: Empreendedorismo Juvenil; Oi Kabum; Valores de Minas; INOVE – Jogos Digitais e Laboratórios de Culturas do Mundo.

A seguir consta uma breve descrição de cada jovem participante da pesquisa. Esta descrição traz informações pessoais, a identificação do núcleo em que o jovem participa e informações sobre a relação deles com o mundo do trabalho. Considero importante mencionar que os nomes dos jovens entrevistados foram alterados com o objetivo de preservar a identidade dos mesmos. O uso dos nomes fictícios visa não permitir identificação e possível associação das falas com seus autores.

**Quadro 1 – Breve descrição dos jovens do grupo 1**

Nome:	Idade	Sexo	Núcleo	Experiência de Trabalho	Pretensão para o futuro.
Miguel	18	Masculino	Empreendedorismo Juvenil- NEJ	Não	Trabalhar numa grande empresa. “Ter um bom salário, uma boa família e uma boa casa”.
Júlia	17	Feminino	Empreendedorismo Juvenil- NEJ	Não	Pretende fazer curso de espanhol, faculdade de Direito, ter um emprego, uma casa, casar e ter dois filhos.
Davi	17	Masculino	OI-Kabum!	Produz trabalhos em linguagem multimídia e elabora projetos que lhe garante alguma renda	Pretende continuar os estudos, mas tem dúvidas se cursa Ciências da Computação, Engenharia da Computação ou Química.
Gabriel	17	Masculino	INOVE – Jogos Digitais,	Trabalha no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – Como estagiário	Pretende fazer faculdade de Direito e Relações Internacionais para ser Diplomata, quer ter estabilidade financeira, casar e ter filhos.

Arthur	18	Masculino	INOVE – Jogos Digitais,	Não	Quer fazer faculdade, mas não sabe qual curso fazer.
--------	----	-----------	-------------------------	-----	--

Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 2 – Breve descrição dos jovens do grupo 2

Nome:	Idade	Sexo	Núcleo	Experiência de Trabalho	Pretensão para o futuro.
Sophia	22	Feminino	Empreendedorismo Juvenil-NEJ	Não trabalha atualmente, mas já trabalhou.	Pretende, primeiramente, trabalhar, cursar inglês ou espanhol no Laboratório de Culturas do Mundo e fazer faculdade de Administração.
Isabela	18	Feminino	Empreendedorismo Juvenil-NEJ	Não	Pretende trabalhar na área de administração e fazer faculdade de Medicina.
Manuela	18	Feminino	INOVE- Jogos Digitais	Não trabalha atualmente, mas já trabalhou como menor aprendiz.	Ainda não decidiu qual profissão seguir.
Giovana	21	Feminino	INOVE- Jogos Digitais	Não	Quer fazer outro curso no Plug Minas - Oi Kabum, e faculdade de jogos digitais na PUC Minas, pretende trabalhar na parte artística e gráfica de games.
João Pedro	19	Masculino	Oi – Kabum.	Conseguiu trabalho pelo núcleo para desenvolver book trailers.	Para o futuro pretende entrelaçar três profissões que gosta muito: programador, escritor profissional e professor de taekwondo.
Alice	16	Feminino	INOVE – Jogos Digitais	Não	Pretende fazer outros cursos para depois fazer uma faculdade e trabalhar no que gosta.
Maria Eduarda	21	Feminino	Oi – Kabum.	Não	Diz não querer ser funcionária de ninguém, por isso busca conhecimento e pretende trabalhar na área de programação gráfica que é o que gosta de fazer.

Laura	17	Feminino	Valores de Minas	Não trabalha atualmente, mas antes de se matricular no Plug Minas, trabalhava numa padaria.	Sonha em fazer shows e cantar em festas; não gosta de estudar, mas pretende fazer uma faculdade.
-------	----	----------	------------------	---	--

Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 3 – Breve descrição dos jovens do grupo 3

Nome	Idade	Sexo	Núcleo	Experiência de Trabalho	Pretensão para o futuro
Luiza	16	Feminino	Valores de Minas	Sim. Como voluntária em uma ONG	Pretende fazer um curso técnico, conseguir um bom emprego e fazer faculdade de Arquitetura ou de Relações Internacionais.
Beatriz	16	Feminino	Valores de Minas	Não	Pretende fazer faculdade de Gastronomia ou Nutrição, sonha em abrir um restaurante e levar a culinária brasileira para o exterior.
Matheus	18	Masculino	Valores de Minas	Não	Pretende fazer mais cursos e seguir carreira na música.
Angélica	16	Feminino	Valores de Minas	Não	Quer muito trabalhar e ter o próprio dinheiro; pretende fazer faculdade de Direito e ser <i>promotora</i> de justiça.
Gizele	18	Feminino	Empreendedorismo Juvenil	Não	Quer conseguir um emprego urgente; pretende fazer faculdade, mas está em dúvida em relação a área, se faz Comunicação, Administração ou Artes.
Mariana	18	Feminino	Empreendedorismo Juvenil	Fez estágio por dois anos numa escola e conseguiu seu primeiro emprego recentemente	Pretende fazer faculdade de Psicologia, conseguir um bom emprego, comprar um apartamento e morar sozinha.
Helena	18	Feminino	Empreendedorismo Juvenil	Não	Quer terminar o curso de inglês, pretende fazer faculdade de Administração Pública e viajar.
Letícia	17	Feminino	Empreendedorismo Juvenil	Trabalha numa empresa de transportes como técnica administrativa de monitoramento e vigilância	Quer fazer curso de inglês, pretende fazer faculdade de Administração e crescer na empresa que trabalha.

Fonte: Dados da pesquisa

**Quadro 4 – Breve descrição dos jovens do grupo 4**

Nome	Idade	Sexo	Núcleo	Experiência de Trabalho	Pretensão para o futuro
Rafael	17	Masculino	Oi-Kabum	Trabalha como atendente em uma <i>lan-house</i> na parte da manhã.	Pretende terminar o curso <i>web design</i> e trabalhar no próprio núcleo.
Eduardo	15	Masculino	Inove	Não	Pretende obter um emprego que pague um bom salário.
Betânia	16	Feminino	Valores de Minas	Não	Pretende terminar o curso de dança, trabalhar na área, fazer faculdade de Dança e conhecer outros países.
Alessandra	16	Feminino	Inove	Trabalha como estagiária na parte da manhã,	Pretende fazer diversos cursos, faculdade de Engenharia e Design.
Amanda	17	Feminino	Valores de Minas	Não	Pretende fazer faculdade de Psicopedagogia e trabalhar na periferia.
Priscila	16	Feminino	INOVE- Jogos Digitais	Não	Sente-se perdida em relação ao que gosta de fazer e, conseqüentemente, sobre seu futuro.
Janaína	20	Feminino	Oi-Kabum.	Faz estágio no horário da manhã	Quer fazer curso de mecânica e de desenho, pretende ter duas graduações, fazer mestrado e doutorado.
Karine	18	Feminino	Oi-Kabum	Às vezes faz serviços como manicure	Quer terminar o curso de design gráfico, pretende fazer outros cursos técnicos para aprofundar os conhecimentos e trabalhar na área.

Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 5 – Breve descrição dos jovens do grupo 5**

Nome	Idade	Sexo	Núcleo	Experiência de Trabalho	Pretensão para o futuro
Guilherme	18	Masculino	Laboratório de Culturas do Mundo	Trabalha no setor de comunicação interna numa empresa de telefonia;	Trabalhar, fazer faculdade, ter estabilidade financeira e conhecer outros países.

Jonathan	18	Masculino	Laboratórios de Culturas do Mundo	Trabalha na área administrativa numa empresa de informática que presta serviços para a Prefeitura	Pretende fazer faculdade de Letras e mestrado, quer aproveitar a vida ao máximo, ter uma casa, um carro e adotar uma criança.
Denise	17	Feminino	Laboratório de Culturas do Mundo	Trabalha durante o dia no setor de telemarketing	Pretende fazer faculdade de Publicidade e Propaganda, ter a casa própria e constituir família.
Valéria	22	Feminino	Laboratórios de Culturas do Mundo	Trabalha no setor de monitoramento do processo seletivo do Plug Minas.	Pretende trabalhar na área de turismo, ter estabilidade financeira, conhecer outros lugares e culturas, e ter filhos.

Fonte: Dados da pesquisa.

#### Quadro 6 – Breve descrição dos jovens do grupo 6

Nome	Idade	Sexo	Núcleo	Experiência de Trabalho	Pretensão para o futuro
Reinaldo	17	Masculino	Inscrito para o núcleo Laboratórios de Cultura do Mundo	Não	Se vê como alguém cheio de sonhos. Sonho de fazer faculdade, de ser alguém na vida.
Fabiana	18	Feminino	Inscrito para o núcleo Laboratórios de Cultura do Mundo	Não	Conseguir emprego, depois entrar na faculdade, fazer intercâmbio, fazer curso de aviação.

Fonte: Dados da pesquisa.

#### Quadro 7 – Breve descrição dos jovens do grupo 7

Nome	Idade	Sexo	Núcleo	Experiência de Trabalho	Pretensão para o futuro
Frederico	18	Masculino	Inscrito para o núcleo Inove – Jogos Digitais.	Não	Pretende fazer faculdade de Jornalismo e quer atuar na área de esportes.
Simone	15	Feminino	Inscrita para o núcleo Valores de Minas	Não	Pretende fazer faculdade de Engenharia Civil e ter um bom emprego.

Fonte: Dados da pesquisa.

Todas as entrevistas iniciaram-se pela apresentação dos pesquisadores, seguida pela dos jovens e dos objetivos da pesquisa pelo coordenador de cada entrevista. Os jovens participantes, em sua totalidade, leram e assinaram o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento – TCLE, antes de iniciarem as atividades. As entrevistas em grupo foram divididas em blocos temáticos com atividades coletivas variadas cujo objetivo foi estimular os jovens a expressarem significados particulares e do grupo.

Os blocos tinham os seguintes temas: Bloco A - Motivação para participar do Plug Minas; Bloco B – Estilo de vida e cotidiano; Bloco C - Mapeamento de rede e construção da Identidade; Bloco D - Papel das novas tecnologias na vida do Jovem; Bloco E – Expectativas dos jovens sobre o futuro. Como é possível perceber o tema trabalho não foi tratado diretamente em nenhum dos blocos. Questionamentos sobre o significado do trabalho para os jovens foram feitos apenas nos blocos A e E, em que os jovens entrevistados foram interrogados sobre a relação entre participar do Plug Minas e esperar resultados relacionados ao mundo do trabalho e ainda, sobre o espaço que o trabalho ocupa nos planos para o futuro de cada um deles. No entanto, para nossa surpresa, em praticamente todos os momentos das entrevistas, nos deparamos com colocações feitas pelos jovens que se relacionavam com o mundo do trabalho e suas expectativas em torno dele.

Para a realização das entrevistas em grupo, os temas dos blocos foram explorados a partir de perguntas feitas diretamente aos jovens ou de atividades dinâmicas em que se exigia a apresentação do resultado que foi produzido em cada atividade, por cada jovem. Inicialmente os entrevistados eram interrogados sobre como haviam tomado conhecimento do Plug Minas e qual era a motivação para a participação e permanência no programa, após a efetivação da matrícula. Dessa forma, através de perguntas diretas, desenvolveu-se o primeiro bloco da entrevista, denominado, bloco A: Motivações para participar do Plug Minas.

No bloco B: Estilo de vida e Cotidiano, os jovens recebiam um envelope com imagens sobre temas variados, uma cartolina, cola e caneta com a instrução de escrever seus nomes em algum lugar da cartolina e escolher imagens que tivessem relação com o cotidiano deles. Na sequência, essas imagens deveriam ser coladas obedecendo a lógica de quanto maior a aproximação do que a imagem retratava para o jovem, com a sua vida, mais próxima do seu nome ela deveria ser colada. Por fim, cada jovem explicava individualmente o porquê das imagens escolhidas, o que estas significavam para ele e a relação delas com o seu cotidiano. Embora essa atividade fosse individual, ocorreram várias interações e intervenções durante a preparação do material e mesmo durante as apresentações, em alguns grupos.

Para o bloco C: Mapeamento de rede e construção de Identidade, os jovens recebiam uma lista com nomes de sujeitos sociais que, potencialmente, poderiam ser considerados por eles como pessoas importantes, como mãe, pai, líder religioso, professor, amigo, etc. A seguir recebiam uma folha numerada de 1 (um) a 4 (quatro) para que fossem indicados os 4 sujeitos sociais mais importantes para eles, da lista recebida, depois apresentavam os nomes escolhidos e explicavam as escolhas.

Para o bloco D e E foram feitas perguntas diretas como no bloco A, em que no primeiro os jovens falaram sobre as relações dos jovens contemporâneos com as novas tecnologias e a dependência delas para a juventude e no segundo, sobre as expectativas juvenis para o futuro.

Conforme a sequência apresentada, todas as entrevistas em grupos duraram entre três horas e três horas e meia, com exceção daquelas que contaram com a participação de apenas 2 jovens, que, por isso, teve duração menor. Ao término de cada uma delas, notava-se a produção de um material bastante rico, no qual as falas dos jovens surgiam mediante questionamentos diretos ou de atividades em que eles se sentiam motivados a falar espontaneamente sobre os temas que se relacionavam a elas. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para a realização da análise. Como material complementar às entrevistas e mesmo para análise delas, utilizou-se as anotações feitas pelos pesquisadores, que integraram a equipe, a fim de facilitar a identificação das vozes dos jovens durante as transcrições, bem como de registrar comportamentos, desconfortos, expressões corporais e faciais que não poderiam ser captadas apenas pela gravação das vozes.

A intenção para o momento de análise das entrevistas em grupo era a observação apenas dos blocos (A e E), que continham questionamentos diretos sobre o trabalho, no entanto, a maneira como as entrevistas foram conduzidas estimularam o constante diálogo entre os jovens, o que desencadeou uma série de assuntos que foram evocados, abandonados e apresentados novamente, durante todo o tempo em que ocorreram as entrevistas. Por essa razão assuntos relacionados ao trabalho apareceram em meio a todos os blocos da entrevista o que nos motivou a fazer uma análise cuidadosa de todo o conteúdo das mesmas e não apenas dos blocos em que se esperava que houvesse falas nesse sentido.

Para alguns blocos era esperado e desejado o desenvolvimento de temas relacionados ao trabalho, já que constava neles perguntas e/ou materiais diretamente relacionados a ele, porém, para os outros blocos citados não se esperava que os jovens discutissem esse assunto. O que para nossa surpresa, ocorreu. Entendemos que o surgimento de assuntos referentes ao trabalho, bastante recorrente durante as entrevistas, sugere uma confirmação da valorização

que tem o trabalho para os jovens entrevistados, especialmente no que se refere à realização de projetos de vida e para o estabelecimento de relações sociais. A maneira como trataram o trabalho nas entrevistas representa uma dimensão do trabalho juvenil que perpassa toda a dinâmica de existência do jovem contemporâneo, o que faz dele um elemento estratégico e indispensável nesse contexto.

Para uma melhor compreensão dos propósitos desta dissertação, os temas tratados foram estruturados em três capítulos, seguindo a ordem que se julgou mais apropriada para o entendimento das relações contemporâneas entre juventude e mundo do trabalho.

No primeiro capítulo apresenta-se tendências e possibilidades de definição do conceito juventude. Apresenta-se ainda nesse capítulo a formulação de políticas públicas para esse grupo geracional, como uma tendência atual que se verifica para além das fronteiras nacionais. As tendências principais que têm guiado a formulação dessas ações políticas são apresentadas evidenciando o que se tem desenvolvido no Brasil. Nesse contexto considera-se o Plug Minas como exemplo de política pública voltada para a juventude. Dados desse programa são apresentados nesse capítulo, assim como algumas falas dos jovens que foram entrevistados são analisadas com o intuito de demonstrar a forma como pensam e expressam-se sobre o programa Plug Minas.

O segundo capítulo é constituído de uma reflexão teórica. Apresenta-se o mundo do trabalho a partir das transformações ocorridas nos últimos anos, com destaque para a formatação contemporânea que ele adquiriu e, em certa medida, ainda tem adquirido; além da flexibilização como característica do processo produtivo que se estendeu para as relações sociais de trabalho. Destaca-se a precarização das condições de trabalho que tem afetado de forma significativa os indivíduos desde as últimas décadas do século passado. Este capítulo concentra-se na busca por apresentar onde se situa o jovem nesse cenário contemporâneo do mundo do trabalho.

No terceiro capítulo, a análise volta-se para as percepções e sentidos dos jovens sobre o mundo do trabalho e sobre a relação que estes estabelecem entre esse ambiente e a participação no Plug Minas. Além disso, aborda-se aspectos da lógica da empregabilidade, do arcabouço da sociedade contemporânea e da condição juvenil nesse ambiente. Portanto, pretende-se, nesse capítulo, através da análise das entrevistas, compreender quais são as vantagens que os jovens percebem na condição de trabalhador e suas motivações para trabalhar. Tendo como referência os jovens do Plug Minas busca-se perceber como eles interpretam as demandas de emprego e de que forma incorporam as ideologias do cenário contemporâneo.

As informações que foram construídas sobre as expectativas e vivências relacionadas à entrada e permanência juvenil no mundo do trabalho serão apresentadas nesse capítulo da seguinte forma: inicialmente discute-se as implicações da lógica da empregabilidade para o comportamento dos jovens frente às questões do trabalho e a relação entre essa lógica e a procura por cursos de qualificação; apresenta-se a maneira como os jovens percebem que deve ser o trabalho, para depois apresentar as condições que eles percebem ter para acessar o tipo de trabalho considerado ideal; relaciona-se o desejo/necessidade de trabalhar dos jovens com aspectos da sociedade contemporânea. Assim se estabelece uma relação entre o desejo juvenil pelo trabalho com dois outros desejos, que são possibilitados pelo próprio trabalho: desejo de consumir e o desejo de serem indivíduos mais independentes em relação aos seus familiares e sociedade. Por fim, apresenta-se outro aspecto relevante que foi percebido durante as entrevistas: o desejo de alguns jovens, de trabalhar para serem reconhecidos socialmente como indivíduos trabalhadores.

## **1. JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS: A EXPERIÊNCIA DOS JOVENS PARTICIPANTES DO PLUG MINAS**

Este capítulo aborda questões relacionadas à definição do conceito juventude. Ocupa-se também de assuntos relacionados às políticas públicas desenvolvidas com foco nesse grupo geracional. Considerando as dificuldades de definição do termo juventude, buscou-se posicionar de forma favorável às definições que não levam em conta apenas o critério da faixa etária para definir quem são os jovens. Preferiu-se as definições que, concomitantemente, a isso, levam em conta aspectos sociais e históricos baseados em concepções simbólicas.

Observa-se que as dificuldades encontradas para definir quais os grupos de indivíduos que podem ser considerados parte da juventude refletem na formulação de políticas públicas para esse público. As ações políticas apresentam-se de formas variadas, às vezes até divergentes, quando tentam conceber quem são os jovens. Percebe-se que essas divergências tem relação com o período, objetivo e com a área em que essas ações são desenvolvidas. Com efeito, o tema em questão e principalmente o entendimento dele, se caracteriza por grandes desafios que são enfrentados pelos formuladores de ações políticas para a juventude.

Observa-se ainda que os jovens contemporâneos têm feito parte de um processo de valorização desse grupo geracional, em que os indivíduos considerados jovens passam a ser vistos como agentes de mudanças e potencialmente capazes de promover transformações pessoais e sociais.

### **1.1 Juventudes: os impasses e desafios na conceituação do que é ser jovem**

Nos últimos anos, os jovens têm sido alvo de diversos estudos feitos nas mais diferentes áreas do conhecimento, pois o interesse pela investigação e compreensão dos modos de vida e características da juventude ganhou grandes proporções e não se limitou ao âmbito acadêmico. Percebe-se um crescimento do interesse por esse tema já na década de 90, quando a juventude passou a ser objeto de interesse da academia, de instituições governamentais e não governamentais e dos meios de comunicação. (ABRAMO, 1997). Da década de 90 até os dias de hoje, o interesse por estudos sobre a juventude tem aumentando de forma considerável. Segundo Abramovay e Esteves, a “juventude alcançou maior visibilidade nos últimos quinze anos no Brasil como produto da intersecção de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores”. (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007).

Abramo (2008) também percebe essa importância dada à Juventude e aponta que “o termo nunca esteve tão presente nos discursos e nas pautas políticas”. Segundo a autora, atualmente os assuntos relacionados aos jovens têm feito parte dos círculos acadêmicos e da mesma forma tem feito parte dos discursos políticos, em uma intensidade que até então não se havia verificado no Brasil. (ABRAMO, 2008).

Mas, se por um lado o interesse pela juventude é grande e notório, existe, por outro lado, a dificuldade relacionada à definição do que é juventude. Perguntas do tipo: *Quem são os jovens?* ou *O que são os jovens?* permitem respostas variadas entre os pesquisadores, que tendem a concordar com a possibilidade de definir juventude de várias formas a partir de situações, vivências e identidades sociais bastante variadas. (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006).

É comum, entre os estudiosos da juventude, a advertência quanto ao uso do termo no singular, o que consiste, para esses pesquisadores, em um equívoco frente às múltiplas maneiras de se vivenciar a condição juvenil. Vários estudos sugerem a necessidade de maior cautela quando se usa o vocábulo juventude, visto que a população jovem divide-se em grupos diferenciados, que apresentam características muito distintas. (ABRAMO, 2008; ABRAMOVAY; CASTRO, 2006; DAYRELL, 2003; FRIGOTTO, 2004; PERALVA, 1997; SPOSITO, 2003). Os autores citados nos afirmam a necessidade de não se tomar o conceito juventude como rígido e no singular, como se existisse uma única juventude. Os referidos autores aconselham o uso do termo juventudes, no lugar de juventude, como uma forma de se aproximar de uma definição que leva em conta toda a diversidade de situações existentes que envolvem os indivíduos nesse momento da vida.

Quando se observa alguns parâmetros como, nível de escolaridade, renda individual e da família, inserção no mercado de trabalho, acesso a determinados lugares, acesso ao consumo, percebe-se a inadequação que ocorre quando se engloba inúmeros indivíduos que compartilham determinada faixa etária, sob um mesmo conceito. Por isso reafirma-se ser importante considerar que a cultura juvenil é múltipla e variável de acordo com as condições sociais de cada indivíduo e de cada grupo.

Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si. Ate porque, e conforme bem acrescentam Margulis e Urresti (1996b), vivencia-se a condição juvenil de diferentes maneiras, em função das diferenças sociais e de parâmetros concretos, como o dinheiro, a educação, o trabalho, o lugar de moradia, o tempo livre etc. Logo, a definição da categoria juventude em hipótese alguma pode ser a mesma para todos aqueles que nela estão enquadrados. (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007, p.25)

Para Abramo (2008), embora o termo juventude seja daqueles que pareçam óbvios e daqueles assuntos que todo mundo tem algo a dizer, quando se tenta precisar o significado do termo, as dificuldades aparecem e demonstram que a imprecisão do conceito juventude é algo relevante. (ABRAMO, 2008).

Gropo (2000) entende que a sociologia da juventude tem a sua mais fraca colaboração no que se refere à tentativa de definição e conceituação do que é a juventude enquanto objeto de análise. Ainda segundo o autor, as definições sociológicas do termo passam por dois critérios principais e norteadores que não se encontram em conciliação. São eles: o critério etário, que reconhece como jovem aquele indivíduo que se encontra em determinado intervalo de idade, e o critério sócio-cultural, que considera a juventude como fase transitória ou momento de passagem para a vida adulta. (GROPPO, 2000).

O autor define juventude como uma categoria social, uma representação sócio-cultural e um momento social que é definido por “concepções, representações ou criações simbólicas que são fabricadas pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.” (GROPPO, 2000). A proposta do autor parece se distanciar da conceituação baseada apenas no critério etário, que é definido a partir de pressupostos naturais e objetivos e amplia as possibilidades de definição a partir de outros critérios baseados nas representações simbólicas.

Entende-se que esta proposta evita os equívocos das definições que limitam o conceito à ideia de um grupo social coeso e rígido, ao mesmo tempo em que extrapola a ideia de juventude apenas como fase de preparação para a vida adulta. Em conformidade com esta perspectiva Dayrell e Gomes (2013) entendem que a juventude é ao mesmo tempo uma condição social e um tipo de representação. Os autores defendem que a definição de juventude deve considerar as transformações universalmente inerentes a todos os indivíduos durante determinada fase da vida e também as construções históricas e sociais que variam de grupo para grupo.

Nessa perspectiva apresentada o termo juventude não é limitado a uma única possibilidade de definição, ao contrário, considera-se a possibilidade de pensar e compreender os grupos juvenis através dos aspectos subjetivos constitutivos de cada indivíduo dentro do seu grupo social. Além disso, as definições baseadas na faixa etária são divergentes e têm cada vez mais se mostrado instáveis nas pesquisas sobre o tema.

Como aponta Abramovay e Esteves, é comum o uso da faixa de 15 a 24 anos para definir quem se encontra na fase da vida denominada juventude, no entanto, esse uso não é

padrão. Os autores mostram que a pesquisa espanhola, *Informe Juventud en España*, considera a faixa etária de 15 a 29 anos e a pesquisa feita pelo Instituto Mexicano de La Juventud, *Encuesta Nacional de Juventud 2000*, usa a faixa etária de 12 a 29 anos. Os mesmos autores apontam ainda que, no debate contemporâneo sobre juventude, muitos pesquisadores defendem a extensão dessa faixa etária para além dos 24 anos, já que, segundo eles, a construção da autonomia, que é uma marca desse momento da vida, avança crescentemente sobre os anos a partir dessa faixa etária que termina nos 24 anos de idade. (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007).

A imprecisão que acompanha o conceito juventude é facilmente percebida nos estudos que tem o tema como objeto. No entanto, esse problema de definição conceitual, embora bastante evidente quando se trata da juventude, parece não ser algo peculiar ao tema. Embora essa dificuldade apareça mais nitidamente para alguns conceitos, dos quais este é um exemplo, essa mesma dificuldade verifica-se em outros conceitos. Isso ocorre em função da complexidade que é derivada da diversidade das dimensões estruturais e simbólicas do mundo social e dos sentidos criados e atribuídos pelos sujeitos sociais. (SETTON, 2011). Isso quer dizer que os sentidos criados e atribuídos ao mundo social, permitem que várias categorias sociais possam ser concebidas de formas diferenciadas. Assim o que é ser jovem pode ser pensando e concebido de várias maneiras, dependendo das características e condições sociais particulares de cada grupo em questão, sem que isso represente um comprometimento para os estudos que se proponham investigar aspectos relacionados a esses indivíduos.

Para efeito dessa pesquisa, a juventude será considerada uma condição social, marcada por comportamentos e atitudes que são representados, simbolicamente, como típicos da juventude e se refere a um momento que pode ser vivido de formas diferentes e peculiares. Dessa forma afasta-se da definição puramente etária e também da definição sócio-cultural que considera a juventude apenas como fase de transição da infância para a vida adulta, como se esse período da vida se caracterizasse pela ausência de sentido, já que representaria apenas uma fase de preparação para a vida adulta e não tivesse um valor em si mesmo.

## **1.2 Políticas Públicas para Juventude: tendências observadas no cenário contemporâneo**

Nas duas últimas décadas, o tema juventude adquiriu grande relevância no campo das políticas contemporâneas. Essa relevância deve-se às ações desenvolvidas pela ONU para a

inserção do debate sobre o tema na pauta dos programas políticos de seus países membros. Segundo Castro e Aquino (2008) desde 1965, a ONU tem demonstrado compromisso com o tema juventude. Prova disso é que, neste período, os países membros assinaram a Declaração sobre o Fomento entre a Juventude dos Ideais de Paz, Respeito Mútuo e compreensão entre os povos. Porém, ainda segundo esses autores, somente a partir de 1985, quando ocorreu a instituição do Ano Internacional da Juventude: *Participação, Desenvolvimento e Paz*, foi que o tema alcançou maior visibilidade.

Em 1995, outro importante passo foi dado para ampliar a atenção dada ao tema juventude, uma vez que nesse ano foi instituído o Programa Mundial de Ação para a Juventude (PAMJ). Desde então, uma série de outros acordos internacionais foram firmados, com a finalidade de implementar políticas direcionadas ao público jovem em vários países cujos exemplos são a *Conferência Mundial de Ministros Responsáveis pelos Jovens* (1998), que resultou na adoção da Declaração de Lisboa sobre a Juventude, e o *Fórum Mundial de Juventude do Sistema das Nacionais Unidas*, que gerou a elaboração do Plano de ação de Braga. (CASTRO; AQUINO, 2008).

Em 1987, motivados por esta postura da ONU, os países Ibero-americanos já haviam criado uma organização que almejava ser capaz de viabilizar a troca de experiências, bem como promover o auxílio recíproco entre esses países no que se refere às políticas para os jovens. O Instituto da Juventude da Espanha iniciou esse processo convocando a Conferência Intergovernamental sobre Políticas de Juventude na Ibero América. Essa ação inicial, que envolveu os países ibero-americanos, foi continuada através de reuniões anuais que culminou com a criação formal da Organização Ibero-Americana de Juventude (OIJ), em 1992. A partir de sua criação, essa organização tenta ser eficiente em apontar soluções para os problemas típicos da juventude dos países ibero-americanos.

Pode-se dizer, que tanto no âmbito geral da ONU quanto nas agendas dos países que compõem a Organização Ibero-Americana de Juventude, nos últimos anos, a população juvenil tornou-se alvo do interesse público, o que tem motivado a elaboração de políticas públicas para lidar com questões relacionadas a esse grupo social. Esta situação fez com que houvesse a superação de um momento anterior de inexistência dessas ações específicas. Essas medidas, observadas em conjunto, permitem afirmar que as políticas, que são voltadas a atender as demandas juvenis no cenário contemporâneo, não representam um movimento isolado, mas sim um movimento que ultrapassa barreiras nacionais e transformam-se em uma tendência internacional, que se verifica nos últimos anos.

De acordo com Castro e Aquino (2008) existem duas abordagens principais que nortearam as ações políticas com a finalidade de contemplar os jovens em alguma esfera de suas vidas. Segundo esses autores, por um lado eram evidenciados os problemas sociais relacionados aos jovens, como delinquência, comportamentos de riscos, o envolvimento com drogas e vários outros comportamentos que são considerados problemáticos e típicos da fase juvenil. Por outro lado, o jovem era visto como indivíduo que vive uma fase de transição para a vida adulta, portanto dependente de um preparo para viver a nova fase. Dessa maneira, ora a juventude era considerada como *etapa problemática*, ora como *fase preparatória* para a vida adulta.

Embora essas representações sejam dominantes e ainda sirvam como norteadoras para muitas ações destinadas aos jovens, atualmente tem surgido uma nova perspectiva que considera o jovem como *ator estratégico do desenvolvimento*. (CASTRO; AQUINO, 2008). Segundo os autores, esta nova perspectiva tem sido observada desde o início da década de 1990 e foi difundida e apoiada por agências internacionais e organismos multilaterais e tem reatualizado a ideia de preparação da fase juvenil.

No Brasil, também foi possível verificar a relevância dada às questões da juventude, a partir de ações e abordagens variadas. Da mesma forma como ocorreu em outros países, como nos demais países latino-americanos, as ações da ONU e a criação da Organização Ibero-Americana de Juventude serviram como elementos impulsionadores da inclusão da juventude na pauta das políticas públicas brasileiras. Desde o final da década de 1990, algumas ações de âmbito federal, estadual e municipal começaram a ser implementadas. (CASTRO; AQUINO, 2008).

De acordo com Abramo (1997), em meados da década de 90, houve um aumento da atenção voltada para a juventude brasileira, porque, nesse período foi possível observar a preocupação governamental em formular políticas voltadas especificamente para a população jovem. Na visão da autora, quando se compara os dias atuais com tempos anteriores, percebe-se que a juventude nunca esteve tanto em evidência nos discursos e nas pautas políticas no Brasil. (ABRAMO, 2008). Outros autores como Sposito e Carrano (2003) estão de acordo com Abramo, o que se percebe quando estes apontam o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, como momento em que iniciativas públicas voltadas para atender as demandas da juventude começam a ser observadas no cenário político nacional.

Para Sposito e Carrano (2003), seguindo as tendências dominantes no que se refere à tematização da juventude, também, no Brasil, o jovem foi caracterizado como indivíduo que potencialmente vive uma situação de risco social. Essa concepção pode ser percebida, quando

se observa a criação de programas que visavam o controle do tempo livre dos jovens, como programas esportivos, culturais ou de trabalho, com a finalidade de ocupá-los e evitar o envolvimento com atividades consideradas perigosas e indesejáveis.

Na análise dos referidos autores, até o início da primeira década do século XXI, embora existentes, os programas ou projetos governamentais com foco na juventude desenvolvidos no Brasil, apresentavam também algumas características que demonstravam a fragilidade institucional no que se refere ao tratamento desse tema. As ações propostas eram desarticuladas e a superposição de projetos no que se refere aos objetivos, público-alvo e as áreas de atuação, representavam os desencontros das ações políticas voltadas para a juventude brasileira nesse momento.

Alguns esforços para superar essa fragilidade e aprimorar as discussões e ações sobre a temática começam a surgir a partir de 2004, quando o governo e os movimentos sociais iniciam um diálogo sobre a necessidade de elaborar uma política de juventude no país. Neste contexto, o governo federal criou em 2005 a Secretaria Nacional de Juventude, órgão executivo ligado à Secretaria Geral da Presidência da República, que almeja promover uma articulação entre os programas federais de juventude. Além disso, foram criados o programa de emergência voltado para jovens que estivessem fora da escola e do mercado de trabalho e o Conselho Nacional da Juventude. (CASTRO; AQUINO, 2008).

No início de 2007, dando continuidade à atenção dada às questões da juventude no Brasil, se iniciou, no âmbito do governo federal, um processo de estudos e discussões sobre a política nacional de juventude, nos mesmos moldes de 2004. Esse novo processo atendia ao interesse de ampliação e integração dos programas federais e o aumento da abrangência dos atendimentos aos jovens nesses programas específicos. A partir dessas análises, problemas persistentes de falta de integração, paralelismo e superposição dos programas existentes foram apontados mais uma vez. (CASTRO; AQUINO, 2008)

Comparando a realidade brasileira com a realidade de outros países, no que se refere ao tratamento político dispensado à juventude, nota-se que ocorreu no Brasil algo similar ao que se percebe em outras realidades. Tradicionalmente as ações políticas com a finalidade de atender à juventude concentraram-se em duas vertentes: educação e mercado de trabalho (considerando a ideia da juventude como fase de preparação) e saúde e segurança pública, (considerando a juventude como uma fase crítica da vida, mais propensa à aproximação com experiências problemáticas). Nessa perspectiva, as políticas públicas consideravam que a juventude representa uma fase de risco social e, portanto deve ser preparada para evitar

desvios e transtornos, tanto no tempo presente, quanto no futuro, quando os jovens serão inseridos no mundo adulto.

A alteração na forma de perceber o jovem, promovendo-o a ator estratégico de desenvolvimento, também foi observada no Brasil. Sposito e Carrano (2003) apontam que, em documentos de órgãos do governo federal e organizações não governamentais, vigora não só o conceito tradicional de jovens em situação de risco, mas também o conceito de protagonismo juvenil. Embora a definição do que seja protagonismo juvenil não seja clara no discurso governamental, a expressão “estimular o protagonismo juvenil”, que segundo os autores é constantemente encontrada em textos de projetos sociais governamentais, aproxima-se da ideia do jovem como sujeito estratégico de desenvolvimento em detrimento da ideia do jovem como sujeito em situação de risco.

Essa concepção, relativamente recente, por um lado parece ser um avanço em relação às concepções anteriores, por construir uma imagem positiva do jovem em si mesmo, por outro, quando melhor observada, ela se apresenta pouco clara e bastante indefinida. Não é esclarecido qual é a capacidade que se atribui a esse jovem, nem tampouco para que ele é considerado estratégico e que tipo de desenvolvimento se espera dele. Além disso, como ressalta Rodrigues (2009), alguns estudos sobre políticas públicas para a juventude identificam que, ao considerar o jovem como *agente de mudança*, visa transferir responsabilidades do Estado para segmentos juvenis.

Essa nova perspectiva refere-se a uma série de expectativas em relação aos jovens, em que sobressai à expectativa da participação política juvenil e da obtenção de sucesso frente ao mundo do trabalho. Essa última expectativa, sucesso no mundo do trabalho, tem cada vez mais se destacado e ganhado importância em meio aos assuntos que mais interessam aos jovens. Sendo, portanto, uma das demandas mais evidentes da juventude.

Diante dessa demanda, como aponta Weller (2007), os problemas e desafios relacionados à inserção dos jovens no mundo do trabalho, tem sido objeto de estudo de muitos organismos internacionais que examinam tais aspectos com a finalidade de encontrar maneiras de melhorar esse cenário, o que gera empregos dignos e produtivos para a juventude. No entanto, a expectativa da geração de melhores empregos para a juventude esbarra em um problema que Weller (2007) aponta como típico da América Latina, mas não especificamente latino-americano, a segmentação socioeconômica e a elevada desigualdade social. Ainda segundo o autor, na tentativa de resolver ou amenizar esse quadro, ocorre a formulação de políticas públicas com vistas à preparação dos jovens para uma melhor inserção laboral. Essas políticas, na contemporaneidade, trazem a marca de considerar o

jovem como *ator estratégico de desenvolvimento*, que enxerga no jovem, ao menos no discurso institucional, um potencial de transformação social que se acredita poder ser estimulado por esses programas.

Entretanto, a tendência de valorização da juventude como grupo estratégico para a elaboração de políticas públicas, embora abrangente, não garante que a juventude seja atendida e considerada de forma plena em todas as suas demandas. Seja no âmbito nacional ou internacional a formulação de políticas públicas para a juventude depara-se com o problema da inadequação na forma como os jovens têm sido percebidos e representados por estas ações políticas.

Se levarmos em conta apenas o aumento no número de programas que visam atender à juventude nos últimos anos e à mudança na maneira de perceber e considerar os jovens, é possível acreditar que os avanços ofusquem as limitações e os desafios que ainda existem no campo da formulação de políticas públicas para os jovens. Porém a existência dessas limitações e desafios tem sido observada e analisada por alguns estudiosos que tentam entender e aprofundar a discussão.

Rodrigues (2009), em estudo sobre programas e projetos com foco na juventude desenvolvidos em Belo Horizonte, identifica uma série de desafios enfrentados pelos seus formuladores. A autora evidencia a preponderância de políticas públicas criadas com base em demandas que se definem no âmbito das instituições societárias e governamentais. Por essa razão, a autora aponta a escassez de ações públicas para a juventude formuladas a partir de demandas dos próprios grupos juvenis. Essa situação faz com que os programas e projetos implementados sejam pouco atrativos para os jovens que deles participam.

Conforme observa Rodrigues (2009), a participação do jovem na construção das políticas destinadas a atendê-lo é essencial para o sucesso das mesmas. No entanto, antes que se pense em participação, deve-se pensar na identificação das diferenças entre as demandas que os próprios jovens formulam e expressam e aquelas que partem das instituições sociais e governamentais. Sem o objetivo de classificar essas demandas entre melhores e piores, a autora centraliza a questão da necessidade de ouvir os próprios jovens que falem de seus interesses e anseios, e afirma que não basta ouvir apenas a juventude organizada institucionalmente. Faz-se necessário dar ouvido à “juventude dispersa, pobre e não organizada”, para que se conheça quais são os seus problemas e desejos.

Rodrigues (2009) mostra que a observação de outros dois elementos são necessários, para não comprometer a produtividade dessas ações: as concepções que se formulam sobre a juventude e a diversidade e pluralidade que caracterizam o universo juvenil. Assim, para que

se discuta a participação dos jovens como parte importante e ativa na construção das ações políticas destinadas a eles, torna-se necessário discutir a capacidade do poder governamental em identificar quais são as demandas e representações sociais juvenis e de que maneira o Estado lida com a diversidade e pluralidade juvenil no espaço urbano. Na percepção da autora dois desafios principais estão postos para os gestores públicos que são responsáveis pelas políticas públicas para a juventude. Primeiro, a elaboração e implementação de ações políticas para os jovens devem acontecer com base em uma estrutura flexível de execução, que permita adequações e reformulações sem que se distancie do foco do programa. Segundo, o deslocamento da concepção dos jovens como grupo de risco para uma concepção que considerem os jovens como atores sociais relevantes e sujeitos estratégicos para o desenvolvimento pessoal e social. Essas medidas, se realizadas, contribuirão de forma expressiva para aumentar as possibilidades de participação juvenil na formulação das políticas públicas, bem como para conhecer efetivamente as demandas juvenis.

Diante dos desafios que são enfrentados pelo poder público, Rodrigues (2009) entende que o município tem melhores condições do que o Estado ou a União para obter sucesso na formulação e execução de políticas públicas direcionadas aos jovens, porque, segundo a autora, o município tem mecanismos para identificar demandas, acompanhar o processo de implementação, monitorar as atividades e, se necessário, alterar as ações implementadas. As vantagens do município, apontadas pela autora, estão relacionadas à aproximação deste com os jovens e suas questões, o que nem sempre é possível ao Estado e à União.

Trabalhar com demandas efetivamente juvenis e construir políticas públicas capazes de traduzir a diversidade desse segmento geracional não é tarefa que se faça “de longe”. Embora vários dos aspectos revelados por este trabalho não correspondam necessariamente à realidade de outros municípios do país e do mundo, há um elemento central, que parece válido para todas as regiões: a capacidade do município – e não do Estado ou da União – de espelhar os anseios, as aflições e os desejos das comunidades que o constituem, e sobretudo dos jovens inseridos nessas comunidades. É nesse sentido que as possibilidades de construção de um diagnóstico mais rigoroso são ampliadas e, com elas, também as possibilidades de angariar subsídios valiosos à formulação e implementação de políticas capazes de atender efetivamente às necessidades e interesses manifestados pelos segmentos juvenis. (RODRIGUES, 2009, p. 273).

Levando em conta a proposta de análise de grupos juvenis e suas relações com o mundo do trabalho, nessa pesquisa toma-se como referência o programa Plug Minas, entendendo que é uma política pública que tem como alvo, jovens de Belo Horizonte e região metropolitana, que se relacionam com o mundo do trabalho, quer seja através de experiências de trabalho vividas ou mesmo de anseios relacionados à essa esfera da vida social.

### **1.3 O Universo da pesquisa – Caracterização do Plug Minas**

No Estado de Minas Gerais a juventude foi apontada como grupo prioritário nas políticas públicas do governo do Estado, de acordo com o Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado (2007 – 2023). Toda essa importância dada aos grupos juvenis em Minas Gerais faz parte de um contexto de valorização dos jovens como sujeitos sociais ocorridos nos últimos anos, que tem influenciado decisivamente a formulação de políticas públicas para esse público no Brasil. O número de ações políticas voltadas para os jovens tem aumentado tanto na esfera municipal, quanto na estadual e federal. Mais relevante que o aumento no número das políticas públicas para os jovens tem sido a alteração na representação dos jovens no discurso dos formuladores dessas ações.

Em meio aos ambientes onde ocorrem a formulação de políticas públicas para a juventude parece ter sido superada a imagem de jovem como indivíduo que merece atenção especial por viver uma fase de vida propensa a riscos e experiências de vida problemáticas. Essa imagem, até então predominante, dá espaço a imagem de jovem como indivíduo potencialmente estratégico para o seu próprio desenvolvimento e para o desenvolvimento social. Essa alteração foi possível a partir das ações construídas desde o final do século XX, que no Brasil culminou com uma série de feitos voltados para a juventude, dos quais pode-se destacar a criação da Secretaria Nacional da Juventude em 2005. Esse tem sido o contexto em que surgem as políticas públicas para os jovens no Brasil e onde se insere a criação do PLUG Minas.

Em 2009 o governo de Minas implantou o Centro de Formação e Experimentação Digital – Plug Minas, projeto que faz parte das políticas públicas estaduais, voltado para a população jovem de Belo Horizonte e região metropolitana. Esse programa atende jovens que se encontram na faixa etária de 14 a 24 anos de idade, estudantes ou egressos de escolas da rede pública de ensino, e tem como foco a inovação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de novas formas de convívio social, através do uso da cultura digital. Trata-se de um projeto com pretensões bastante amplas, que pretende resultados não apenas no campo do trabalho juvenil, mas também nas esferas sociais onde o jovem atua.

A gestão do Plug Minas é feita pela Organização da sociedade civil de interesse público - OSCIP – Instituto Cultural Sérgio Magnani e é organizado em núcleos independentes com propostas distintas, que são mantidos e coordenados por parceiros da iniciativa privada e entidades da sociedade civil. O funcionamento interno do programa

obedece à lógica da orquestração dos núcleos, onde se desenvolvem atividades relacionadas ao uso da cultura digital, da tecnologia, das artes e do empreendedorismo. (SILVA, 2012).

Os núcleos possuem autonomia em suas formas de organização e também em seus processos de seleção para os jovens que desejam participar do programa, porém existem parâmetros e diretrizes estabelecidas por alguns documentos que regem o programa em sua totalidade. Consta no Regimento Interno do Plug Minas que “as atividades devem ser guiadas pelos princípios gerais deste documento e pelas Diretrizes Pedagógicas do Plug Minas, e se unificam com as características e objetivos de cada Núcleo”. (Regimento Interno – Plug Minas).

O Plug Minas tem como objetivo fazer com que os jovens participantes desenvolvam competências para lidar com os mais variados aspectos da cultura digital, da tecnologia e das artes e que a partir da apropriação dessas competências os jovens coloquem-se no mundo, como protagonistas de sua própria trajetória, seja no mundo do trabalho ou em outras esferas sociais nas quais seja possível a participação deles. O documento intitulado *Termo de Replicação*, que contém a missão do Plug Minas, destaca além do interesse em inovações para o trabalho, a expectativa de que os jovens também desenvolvam novas formas de convivência social e se beneficiem de oportunidades educacionais, especialmente na área da cultura digital. Segundo este documento, a missão do programa é:

Construir novas formas de convivência sócio-econômica baseadas no protagonismo e na inovação para o mundo do trabalho, atuando em diálogo com o jovem na criação de oportunidades educacionais e aprendizagens significativas em domínios da cultura digital (Termo de Replicação, 2009, p. 6).

Lara (2010) sugere que a proposta do programa é atuar no potencial da juventude como co-produtores de um presente concreto baseado em suas competências emergentes nas áreas da tecnologia e arte, com ênfase no mundo do trabalho, na educação e na sua participação como agentes mobilizadores de forças políticas e sociais. A autora aponta que o programa tem por objetivo alcançar resultados nas áreas da educação, da participação social e do trabalho, com ênfase na qualificação, inserção profissional e empreendedorismo juvenil. (LARA, 2010).

Percebe-se, então, a atenção dos formuladores e dirigentes do Plug Minas a uma série de elementos importantes para o sucesso e aceitação entre os jovens participantes desse programa. A participação ativa e a autonomia dos jovens no que se refere ao funcionamento das atividades é um traço característico do Plug Minas. Além disso, ter a cultura digital como

eixo de suas atividades faz com que o Plug Minas seja bastante atrativo para os jovens que lidam com uma linguagem que é própria desse grupo geracional, para o desenvolvimento das atividades desenvolvidas nos núcleos.

O Plug Minas concebe o jovem como ator social relevante e estratégico para o desenvolvimento pessoal e social. Esta concepção pode ser percebida na documentação oficial do programa, no discurso dos gestores e entre os próprios participantes que se percebem dessa maneira. Além disso, desenvolvem-se uma série de canais para que o jovem expresse sua opinião e participe ativamente dos processos de aprendizagem que ocorrem dentro de suas instalações. Outro elemento que se destaca no Plug Minas e que deve ser apontado é a valorização da diversidade juvenil. O ambiente do programa é reconhecido pelos jovens que dele participam como um lugar de diversidade e de respeito ao diferente, o que é constantemente valorizado nos discursos juvenis.

A grande aceitação do Plug Minas entre os jovens parece ter relação com a relativa superação dos desafios que Rodrigues (2009) apontou como sendo os principais elementos que impedem a produtividade de políticas públicas entre os jovens. O Plug Minas ao utilizar e valorizar a cultura digital em suas atividades, com vistas à preparação do jovem para a vida social e o mundo do trabalho, fornece a ele a possibilidade de contato com um ambiente que lhe interessa, ao mesmo tempo em que lhe oferece conhecimento e certificação que servirão a ele como importante diferencial para sua vida futura. Ao incentivar a fala dos jovens, que participam desse programa, através da realização de inúmeras pesquisas internas, verificou-se que os gestores, além de fazerem com que os jovens se sintam parte do Plug Minas não apenas como alunos, ainda contam com as informações adquiridas para adequar e modificar aspectos que não estejam atendendo às expectativas do público alvo.

Diante das propostas do Plug Minas, parece correto afirmar que embora a formação técnico-profissional não seja sua única pretensão, a formação e capacitação para o trabalho são objetivos estratégicos do programa, uma vez que o tema trabalho aparece de forma bastante recorrente na documentação oficial do programa. No discurso dos jovens participantes da pesquisa, percebe-se que estes também entendem o Plug Minas como uma possibilidade de aumentar suas chances de inserção no mercado de trabalho. Dessa forma, mesmo que o Plug Minas não seja uma instituição que pretende tão somente a formação profissional dos jovens, muitos deles têm buscado o programa com a expectativa de instrumentalizar-se para uma inserção mais qualificada no mundo do trabalho.

Nesse sentido, ocorre uma compatibilidade de interesses, pois de um lado existe a expectativa dos jovens em relação ao mundo do trabalho, do outro a expectativa do Plug

Minas de que o jovem que esteja envolvido com o programa seja capaz de se posicionar na sociedade como protagonista, destacando-se em algumas áreas, das quais está incluída a profissional.

A inserção produtiva no mundo do trabalho, condição capaz de gerar uma série de benefícios sociais aos jovens, como poder de consumo, aceitação social e a configuração da identidade como trabalhador em oposição ao desocupado, parece ser essencial para se pensar no desenvolvimento da autonomia do jovem, na capacidade para tomar decisões, fazer escolhas, o que pode ser associado ao protagonismo juvenil. Quando se trata de jovens de estratos sociais mais baixos, como parece ser a situação de muitos dos jovens estudantes ou egressos de escolas públicas (público do Plug Minas) a condição de trabalhador parece trazer benefícios ainda mais evidentes, como a própria sobrevivência ou aquisição de bens materiais básicos para sua vida.

Como existe relação estreita entre o indivíduo estar empregado e ter aumentada sua autonomia individual e sua capacidade para fazer escolhas, entende-se que se justifica a preocupação do Plug Minas com a inserção dos jovens no mundo do trabalho, já que o programa faz uso do discurso do protagonismo juvenil. Isso não quer dizer que a ideia de protagonismo juvenil é pensada aqui de forma restrita ao campo do trabalho, mas sim que se considera o desenvolvimento de habilidades que possam ser usadas no ambiente competitivo do trabalho como uma possibilidade para pensar e até mesmo como condição indispensável para o desenvolvimento do protagonismo juvenil.

Mediante a análise da forma como o Plug Minas percebe o jovem, os objetivos e as expectativas do programa, nota-se que se trata de uma política pública coerente com a nova concepção de ações políticas para a juventude, apresentadas anteriormente, que considera os jovens como atores estratégicos para o desenvolvimento e não como sujeitos que vivem uma fase de risco social ou que devem ser pensados somente como indivíduos que devem ser preparados para o mundo adulto. Tendência verificada em anos anteriores. Sendo assim, justifica-se a preocupação do programa com a inserção dos jovens no mundo do trabalho e em outras esferas como protagonistas de suas próprias trajetórias.

Essa nova concepção traz a tendência de reconhecer os jovens como indivíduos que têm demandas legítimas na esfera pública e que representam sujeitos estratégicos para o desenvolvimento social. Como esta é a forma com que os formuladores e dirigentes do Plug Minas percebem a juventude, acredita-se que esta concepção esteja presente nos parâmetros norteadores das políticas públicas para a juventude em Minas Gerais, que são representadas nesta pesquisa pelo Plug Minas.

### ***1.3.1 Estrutura e Funcionamento do Plug Minas em 2012***

O Plug Minas funciona com 8 (oito) núcleos, no entanto, somente 5 (cinco) são direcionados aos jovens, através do desenvolvimento de cursos ou atividades que exigem matrícula e frequência. Por essa razão, apenas jovens matriculados em um desses núcleos fizeram parte desta pesquisa. Os outros núcleos referem-se a centros administrativos ou lugares que desenvolvem atividades esporádicas ou com outros públicos, como por exemplo, o núcleo Amigo do Professor, que oferece atividades de capacitação ou aperfeiçoamento voltadas para os professores da rede pública de ensino.

Os núcleos que fizeram parte da investigação são: *Empreendedorismo juvenil*, que segundo informações institucionais, oferece curso técnico em administração com ênfase em gestão de negócios, o que possibilita ao candidato enfrentar os desafios da gestão de empresas, através da contribuição sistemática para sua inserção no mercado de trabalho e/ou a empreender novos negócios. O núcleo denominado *Inove – Jogos Digitais*, que oferece aos estudantes formação e profissionalização em Jogos bidimensionais e que tem intenção de que, após a conclusão do curso, o jovem tenha conhecimentos e habilidades em tecnologia de Jogos Digitais bidimensionais e esteja apto a atuar em áreas correlatas como Game Design, Programação e Arte 2D, com conhecimento artístico e cultural na área digital. O núcleo *Valores de Minas*, que trata-se de núcleo atuante desde 2005, sendo um programa do Governo de Minas Gerais em parceria com o Serviço Voluntário de Assistência Social - Servas que oferece, anualmente, cursos de: teatro, circo, música, dança, artes visuais. Por meio da experimentação e da reflexão sobre essas linguagens artísticas, os jovens desenvolvem sua criatividade, identidade e percepções individuais e coletivas. O núcleo *Oi-Kabum*. Escola de Arte e Tecnologia que atua junto à juventude popular urbana e que oferece formação em design gráfico, *webdesign*, computação gráfica, vídeo e fotografia. Além de tudo isso, promove-se, nesse espaço, oportunidades para o desenvolvimento dos jovens por meio da arte, comunicação e de suas tecnologias e ainda sistematiza e compartilha metodologias inovadoras de educação, formação para o trabalho e mobilização social dos jovens. E por fim, o núcleo *Laboratório de Culturas do Mundo*, que oferece cursos de idiomas. 1) Espanhol – desenvolvido pelo Instituto Cervantes, com 1 hora presencial semanal (noite) e o restante via plataforma de ensino à distância. 2) Inglês, com 2 horas presenciais semanais (noite) e conteúdo online.

Embora exista grande diversificação entre os núcleos do programa, como é possível perceber pela descrição das atividades desenvolvidas pelos mesmos, os formuladores do

projeto entendem que todos esses núcleos estão interligados, pois têm como eixo o uso das tecnologias, da cultura digital, do empreendedorismo e/ou da arte<sup>2</sup>. Para os formuladores do Plug Minas e representantes institucionais, a utilização de um desses eixos como norteador das atividades realizadas em cada núcleo, confere ao Plug Minas uma unidade enquanto programa.

Em 2012, ano da realização desta pesquisa, o Plug Minas contava com 1.320 jovens matriculados nos 5 (cinco) núcleos apresentados acima. No mesmo ano, 7846 jovens inscreveram-se para o programa, mas não efetivaram sua matrícula por não terem sido aprovados no processo seletivo ou por não darem sequência ao processo de efetivação da matrícula até a conclusão de todas as etapas. Esses dados mostram que o número de jovens que tentaram, mas que não conseguiram efetivar sua matrícula é quase 5 (cinco) vezes maior do que o número de jovens que se encontravam matriculados no ano de 2012, conforme demonstra a Tabela 1.

**Tabela 1 - Composição do universo da pesquisa por sexo**

GRUPOS	GRUPO DE JOVENS MATRICULADOS		DEMANDA – NÚMERO DE INSCRIÇÕES	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
SEXO	761	559	4982	2864
TOTAL	1320		7846	

**Fonte: Dados da pesquisa.**

A Tabela 2 apresenta a distribuição dos jovens matriculados no Plug Minas por núcleo em 2012 em comparação com o número de vagas oferecidas no mesmo ano. Os dados apontam que existe maior porcentagem de jovens matriculados no núcleo Valores de Minas e menor porcentagem de jovens matriculados no Oi-Kabum. Ao analisar os dados dos editais dos processos seletivos de 2011 e 2012, verifica-se que esses dois núcleos ofereceram um número de vagas bastante diferenciado em relação aos outros núcleos. Enquanto que os núcleos Empreendedorismo juvenil, Inove – Jogos Digitais e Laboratório de Culturas do Mundo ofereceram um número semelhante de vagas (entre 210 e 250 – cada), o núcleo Valores de Minas ofereceu 500 vagas e o Oi-Kabum apenas 100 vagas. Diante disso, percebe-

<sup>2</sup> Para saber mais sobre o funcionamento do Plug Minas, ler LARA, Ana Carolina de Siqueira. Plug Minas: A Gestão de um Projeto Social por uma OSCIP em Minas Gerais. III Congresso Consad de Gestão Pública. 2010.

se que a diferenciação numérica de jovens matriculados por núcleos, 44% no Valores de Minas e 6% no Oi- Kabum!, pode ter a ver especificamente com o número de vagas que são oferecidas e não somente com alguma predileção por determinado núcleo e menor procura por outro.

Percebe-se ainda que houve uma pequena variação entre o número de vagas oferecidas e o número de jovens matriculados no ano de 2012. Embora houvesse grande demanda pelas vagas ofertadas, os núcleos não estavam funcionando com todas as vagas ofertadas preenchidas. Essa diferença pode ser explicada pela evasão de alguns jovens que abandonaram os cursos por razões diversas. Alguns por terem conseguido emprego no mesmo período do curso e terem feito opção pelo emprego a continuar no Plug, outros por incompatibilidade de horário entre as atividades do Plug e as atividades escolares, etc.

Situação distinta é observada no núcleo Valores de Minas, em que foram oferecidas 500 vagas para o ano de 2012 e que contava com 588 jovens matriculados no mesmo ano. Esse número de mais jovens matriculados do que o número de vagas ofertadas naquele ano, provavelmente tem relação com os jovens matriculados em 2011 que não terminaram o curso no tempo previsto (10 meses para o núcleo Valores de Minas) e se juntaram aos jovens que ingressaram em 2012.

**Tabela 2 - Vagas oferecidas e número de jovens matriculados por núcleo no ano de 2012.**

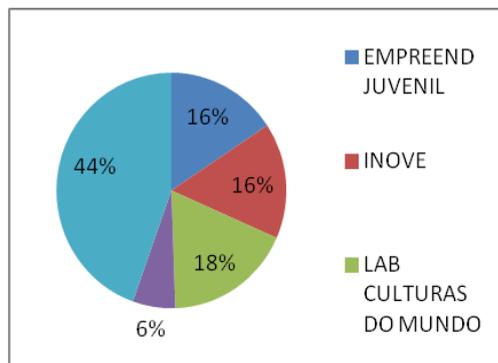
<b>NÚCLEOS</b>	<b>VAGAS OFERECIDAS</b>	<b>JOVENS MATRICULADOS</b>
EMPREENDEDORISMO JUVENIL	210	207
INOVE- JOGOS DIGITAIS	250	210
LABORATÓRIO DE CULTURAS DO MUNDO	240	236
OI-KABUM!	100	79
VALORES DE MINAS	500	588
<b>TOTAL</b>	1300	1320

Fonte: Dados da pesquisa.

A distribuição dos jovens matriculados no Plug Minas, de acordo com o núcleo onde participa, apresentou um equilíbrio numérico entre os núcleos Empreendedorismo Juvenil,

Inove – Jogos digitais e Laboratório de Culturas do Mundo e diferenças significativas entre o núcleo Valores de Minas e Oi- Kabum, como é possível visualizar no gráfico 1.

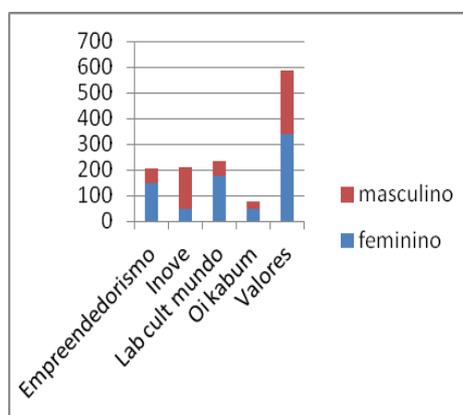
**Gráfico 1 - Porcentagem de jovens matriculados por núcleo no ano de 2012.**



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à faixa etária e ao sexo dos jovens, os dados mostram que a maioria dos jovens participantes do Plug Minas é do sexo feminino e encontram-se na faixa etária entre 16 e 20 anos de idade. O único núcleo onde a maioria dos alunos era do sexo masculino é o núcleo Inove, núcleo que oferece curso relacionado a jogos digitais bidimensionais e que visa preparar o jovem para atuar em áreas relacionadas à programação e design de games. Nos demais núcleos, há um predomínio de alunos do sexo feminino, o que faz crer que esse dado seja uma indicação de que atividades relacionadas a jogos digitais são mais características da preferência de jovens do sexo masculino e menos de jovens do sexo feminino, o que justificaria a maior procura destes pelo núcleo Inove.

**Gráfico 2 - Distribuição dos jovens frequentes por sexo.**



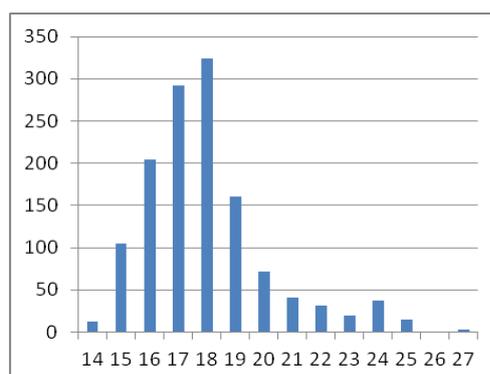
Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos jovens que participam do Plug Minas tem entre 16 e 20 anos. Esse dado representa maior preocupação dos jovens que se encontram nessas idades com uma preparação educacional que possibilite, posteriormente, inserção profissional no mercado de trabalho. Analisando a situação dos jovens metropolitanos no que se refere ao trabalho, estudo e procura por trabalho, a pesquisa feita pelo Dieese em 2012, que analisa a situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000, aponta para a tendência dos jovens com menos de 18 anos se dedicarem mais aos estudos e menos ao trabalho, ao passo que uma maior parcela de jovens maiores de 18 anos se dedica mais ao trabalho e menos aos estudos. Os dados referentes ao Plug Minas no ano de 2012, no que se refere à idade dos participantes, corrobora essa indicação, já que a maioria dos jovens matriculados nesse ano tinham dezoito anos.

Segundo a referida pesquisa, em Belo Horizonte em 2009, 57,6% dos jovens de 16 e 17 anos só estudavam, enquanto que apenas 4,2% só trabalhavam, 17,4% estudavam e trabalhavam e 2% nem estudava e nem trabalhava. Quando observado a faixa etária de 18 a 24 anos, os números se invertem, diminuindo a quantidade dos que só estudavam e aumentando o número dos que só trabalhavam. Nesta faixa etária, os que só estudavam em Belo Horizonte representam 14,7%, enquanto que os que só trabalhavam representam 41,4%, os que estudavam e trabalhavam são 18,1% e os que não trabalhavam e nem estudavam representavam 9,6%.

Conforme indica a pesquisa do Dieese (2012) a transição da escola para o trabalho ocorre por volta dos 18 anos. Esta parece ser a realidade da maioria dos jovens envolvidos com o Plug Minas. Os jovens que tem entre 16 e 18 anos vivem a fase de transição da escola para o mundo do trabalho, esperando que a participação no Plug contribua de forma significativa para essa transição.

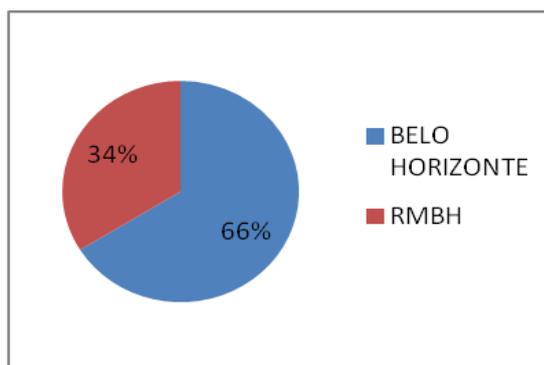
**Gráfico 3 - Distribuição de jovens matriculados por idade.**



Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere ao local de moradia dos jovens que frequentam o Plug Minas, os números indicam que 66% residem em Belo Horizonte e os outros 34% residem na região metropolitana, nos municípios de Contagem, Betim, Ibirité, Esmeraldas, Ribeirão das Neves, Santa Luzia, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Sabará, Mateus Leme e Vespasiano.

**Gráfico 4 - Percentual de jovens frequentes no Plug Minas por local de moradia – Belo Horizonte/Região Metropolitana/2012**



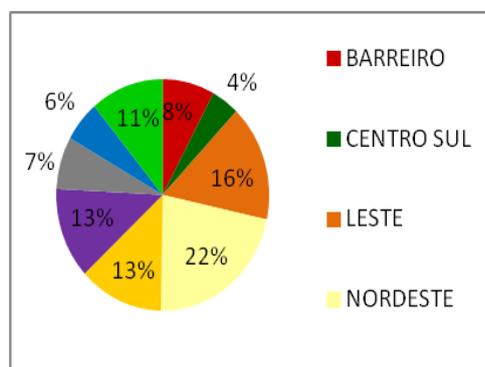
Fonte: Dados da pesquisa

Para os jovens que residem em Belo Horizonte a questão da localização da moradia parece ser um fator relevante para a participação no programa. Para formular essa suspeita, utilizou-se como referência a divisão regional feita pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte que agregou o espaço urbano do município em nove regiões ou regionais administrativas. (MARQUES, 2006). Diante desses dados percebe-se que há uma concentração de jovens frequentes no Plug Minas que residem em regionais administrativas próximas à regional onde se situa a sede do programa e um número bastante menor de jovens que residem em regionais mais distantes daquela onde está localizada a sede do Plug Minas.

As regiões que apresentam maior número de jovens matriculados no programa são as regionais: Leste, onde se situa o Plug Minas, Nordeste, Noroeste e Norte. Como estas regionais administrativas são as que se encontram mais próximas da regional do Plug Minas, pode-se sugerir que, embora, os núcleos forneçam recursos para o deslocamento dos jovens de suas casas até a sede do programa para a realização dos cursos, a localização e dificuldades de deslocamentos parecem influenciar no que se refere à participação dos jovens no programa.

Como o gráfico 5 demonstra, 64% dos jovens matriculados no Plug Minas no ano de 2012 residiam nas 4 (quatro) regionais administrativas que foram citadas anteriormente, enquanto que 36% residiam nas outras 5 (cinco) regionais que completam a divisão administrativa da cidade de Belo Horizonte, estabelecida pela prefeitura.

**Gráfico 5 - Distribuição dos jovens, residentes em Belo Horizonte, matriculados no Plug Minas por regional administrativa – 2012**



Fonte: Dados da pesquisa.

Outro fator que nos pareceu servir para explicar essa concentração de jovens participantes nas regionais administrativas próximas do Plug Minas é a maneira como ocorre a divulgação do processo seletivo para ingresso em um dos núcleos do programa. Embora exista a utilização de meios de divulgação mais abrangentes, como a televisão ou jornais impressos de circulação por toda a cidade de Belo Horizonte e Região Metropolitana, algumas escolas são selecionadas para a divulgação das vagas que são oferecidas. Seria interessante analisar se as escolas selecionadas, durante os últimos processos de divulgação, encontram-se nessas mesmas áreas que residem a maioria dos jovens envolvidos com o programa. Isso possibilitaria saber se a divulgação direta nas escolas é mais eficiente para a concretização da procura pelo Plug Minas do que os outros meios utilizados. Ao mesmo tempo, saber-se-ia se a grande concentração de jovens de áreas próximas do Plug está relacionada diretamente com o processo de divulgação nas escolas da região.

Nos interessou investigar qual é a meta de cobertura do programa Plug Minas, afim de sabermos quantos jovens o programa objetiva atender em cada ano. Ao que parece, essa meta, se existe, já sofreu alteração desde o início do programa em 2009, até o presente, já que a pretensão é ampliar o número de jovens participantes por meio da abertura de novos núcleos. No entanto, a documentação a que tivemos acesso não esclarecia as pretensões numéricas do Plug Minas e as informações solicitadas nesse sentido, não foram fornecidas.

Embora o Plug Minas tenha uma missão estabelecida oficialmente e representada em seus documentos, os jovens que participam do programa constroem representações sobre suas participações de acordo com suas experiências e expectativas, o que passaremos a discutir a seguir.

#### **1.4. A imagem do Plug Minas no imaginário dos jovens envolvidos com o programa**

Durante as análises privilegiou-se para conhecer o Plug Minas, as percepções e sentidos dos jovens matriculados em um de seus núcleos. Para tanto, durante as entrevistas, explorou-se assuntos relacionados à maneira como os jovens percebiam o Plug Minas. De todas as informações a que tivemos acesso, nenhuma delas foi tão repetida e intensa quanto a que se relacionava com a forma positiva como o Plug Minas é percebido pelos jovens participantes do programa. Durante as entrevistas os jovens faziam questão de ressaltar a influência que a participação no Plug Minas exerce sobre suas condutas, formas de ver o mundo e de se relacionar com as outras pessoas. É expressiva a satisfação desses jovens com as atividades que são desenvolvidas em qualquer um dos núcleos do programa. A ideia de que a participação no Plug Minas representa um marco na vida dos jovens, de forma que após saírem do programa, estes, serão outras pessoas, mais capazes e aptas para enfrentar os desafios do mundo do trabalho, dos relacionamentos interpessoais e da vida social como um todo, esteve presente na fala de praticamente todos os jovens entrevistados.

Na maioria das entrevistas os jovens demonstravam perceber o Plug Minas como um projeto transformador, além de entenderem que a participação no programa possibilita conhecer uma forma diferente de aprendizado. Os envolvidos com o Plug Minas demonstram prazer em estar naquele lugar, desenvolvendo atividades consideradas, por eles, interessantes. O programa, na concepção desses jovens, representa uma realidade que se distancia muito das realidades escolares com as quais os jovens tiveram experiências anteriores. A satisfação em participar do programa aparece, em muitos momentos, vinculada à insatisfação dos jovens em relação à escola tradicional onde eles estudam ou estudaram. Nessa relação, o Plug Minas ganha uma representação de lugar ideal, que oferece várias possibilidades para o jovem se desenvolver, a partir de uma linguagem dele mesmo, que é construída e transmitida com a participação deste. Dessa forma o Plug Minas é visto como um espaço onde é bom estar, tanto pela infraestrutura que oferece, quanto pelas pessoas que dele participam e que são vistas como mais interessantes e mais acessíveis do que as pessoas dos outros ambientes frequentados pelos jovens. É dessa maneira que o jovem do Plug Minas vê e fala sobre o projeto.

Mas a infraestrutura aqui também é muito boa, quando eu entrei aqui pela primeira vez eu falei: meu Deus que lugar é este? Verde, natureza, eu acho aqui perfeito. E aqui os professores também são assim, de primeira. Eu não conheço os professores

assim dos outros cursos e tal, mas os professores de administração, eles são nossa, eles tem uma dedicação com a gente e eu percebo também a diferença muito grande entre os professores que eu tenho aqui e os professores que eu tinha na escola. Porque assim na escola, os professores assim, dão a matéria e meio assim, que tem que dar aquilo meio que obrigado. Aqui não, os professores daqui realmente querem ver você crescer, tá no meio da aula eles vão e te perguntam e se você não entender eles explicam quantas vezes for necessário e eu acho que isso também é a dedicação deles que conta muito. (Mariana, 18 anos, Empreendedorismo Juvenil)<sup>3</sup>

A forma positiva como os jovens veem o projeto, é, portanto relacionada à forma negativamente oposta a que eles veem as escolas públicas das quais eles fazem parte ou são egressos. Foram poucas as vezes em que os aspectos positivos do Plug Minas foram ressaltados, sem que os entrevistados apontassem aspectos negativos das escolas de onde eles vêm ou vieram. As queixas sobre as escolas davam-se em relação aos professores considerados “chatos” em oposição aos professores do Plug Minas considerados “bons”. Também reclamavam da falta de autonomia, da impossibilidade de criação e da ausência de uma estrutura tecnológica semelhante a do Plug Minas, nas escolas de onde vinham. A fala da jovem abaixo aponta a forma de ensinar no Plug Minas como fator determinante para sua preferência pelo Plug Minas e não por sua escola. Segundo ela, enquanto que os professores da escola sentem-se superiores aos alunos e comportam-se como chefes, os do Plug são mais próximos dos alunos e propiciam o gosto por estudar no programa.

Eu não gosto de estudar em escola normal, mas no Plug já é diferente, porque o jeito de ensinar aqui é bem diferente do que a escola normal. Na minha escola normal, parece que o professor é o... ele é o chefe. Ele é superior a todo mundo que está ali. Ele se sente o chefe, o superior. E aqui já não é. Aqui eles, os professores, são iguais a gente. Então eu prefiro estudar aqui que estudar na escola. Aí você fica com mais interesse do que se fosse numa escola normal, com aquele chato na frente dando ordem pra gente. Aqui já é o contrário: você se interessa e faz o que você quer. (Karine, 18 anos, OI- Kabum!)<sup>4</sup>

A possibilidade de mostrar o que produziu ao final de cada semestre é apontado por esse jovem como outro ponto positivo do Plug Minas, pois apesar de ser uma atividade avaliativa é diferente da prova tradicional. Aqui mais uma vez é destacada a figura do professor como referência de todo o processo.

A Kabum tem um sistema avaliativo diferente. Não é de pontos distribuídos. E por trabalhos. Cada semestre a gente tem que mostrar o que a gente está produzindo, como está o nosso processo criativo, desenvolvimento na Kabum. Tem uma banca que a gente tem que apresentar o que a gente faz, como que a gente está

<sup>3</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 Jun. 2012

<sup>4</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 Jun. 2012.

desenvolvendo os trabalhos como provas, só que com o auxílio dos professores. (Davi, 17 anos, Oi –Kabum!)<sup>5</sup>

Muitos fatores foram apontados como responsáveis pela satisfação generalizada entre os jovens, no entanto, essa satisfação nos parece estar relacionada mais diretamente com os seguintes elementos: a aproximação com os professores e o uso da cultura digital nas atividades do programa. Esse último trata-se de uma atividade destacadamente de interesse da juventude do século XXI. Por essa razão o uso da cultura digital é uma estratégia do programa para lidar com a juventude. Independente do tipo de atividade desenvolvida em cada núcleo, exige-se dele o uso da cultura digital para a realização das atividades de cada curso ministrado. Em alguns núcleos, é possível perceber maior aproximação com o mundo digital, através da permissão do acesso às redes sociais virtuais durante suas atividades e do diálogo entre alunos e professores através desses meios, conforme atesta a fala do jovem Davi:

Lá na Kabum eles deixam a gente deixar o Face aberto. Às vezes eu uso o Face com o Túlio, Tulinho, fazendo projeto pelo Face e eu estou conversando com várias pessoas ao mesmo tempo. Túlio é o professor. Ele é um professor que não é professor, mas que é professor. (risos). Ele é professor da Oi Kabum. (Davi, 17 anos, Oi-Kabum!)<sup>6</sup>

Muitas atividades desenvolvidas nos núcleos do Plug Minas são realizadas ou complementadas por meio virtual, o que os jovens percebem como ponto positivo. Os jovens destacam também a facilidade que eles têm em usar a internet no ambiente do Plug Minas, pois apontam a qualidade da conexão da internet como ótima, que permite acessar e baixar coisas de seu interesse com muita velocidade.

Aqui no Plug tem um negócio ... como é que fala, mesmo? O wi fi, né? É violento. O daqui é ótimo. Tem várias antenas espalhadas aí, qualquer clique que cê dá, tudo abre. Tudo abre, é ótimo. (Valéria, 22 anos, Laboratório de Culturas do Mundo)<sup>7</sup>

Também aparece como diferencial do Plug Minas a infraestrutura do local e a autonomia/possibilidade de criação que os jovens têm na realização das atividades do programa. A aquisição de conhecimento por meio eletrônico, o uso da tecnologia, a autonomia na busca e construção do conhecimento, a perspectiva de futuro, são, segundo os

<sup>5</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 22 Jun. 2012.

<sup>6</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 22 Jun. 2012.

<sup>7</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 27 jun. 2012.

jovens, elementos presentes nas relações entre os jovens e o Plug Minas e que inexistem nas escolas tradicionais.

Parafrazenado Medeiros (2006), a escola inserida na sociedade contemporânea, que é marcada pela exacerbação da informação e pela disponibilidade de equipamentos tecnológicos, não representa mais o lugar exclusivo de transmissão do conhecimento, nem tampouco garante a inserção do jovem no mercado de trabalho. Além disso, a escola apresenta limitações no que diz respeito a orientações sobre o futuro, o que deixa, assim, de ser também um lugar onde seja possível construir projetos.

Inserido nesse ambiente de incertezas e ausência de garantias a partir da escola e da formação ali recebida, o jovem que vive uma fase de formação identitária e constituição do sujeito, busca em outros segmentos sociais o que a escola regular não foi capaz de oferecer a ele. (MEDEIROS, 2006). Além disso, o jovem busca um retorno social ou econômico em outros ambientes diferentes da escola, já que ela é, para a maioria dos jovens entrevistados, um lugar improdutivo e de realização de tarefas sem sentido e significados.

A participação no Plug Minas, através das atividades educativas que usam a cultura digital, representa para o jovem o inverso do que ele encontra no ambiente escolar. Enquanto as atividades escolares são marcadas, na concepção juvenil, pela previsibilidade, pela repetição de ações enfadonhas e sem utilidade, muitas vezes descritas como chatas, o Plug Minas é visto como um lugar moderno, atraente e repleto de significados para o presente e planos futuros dos jovens. Diante disso, infere-se que a satisfação com o Plug Minas, ao menos em parte, ocorre devido à experiência anterior com o ambiente escolar, que é marcado pela ausência de todo o aparato tecnológico e de profissionais com o perfil daqueles encontrados no Plug Minas.

Para a jovem Laura, o Plug Minas é interessante, porque possibilita ao jovem fazer o que gosta e não ter que lidar com a exigência de um tipo de conhecimento (conteúdo formal da escola) que não compreende devido à falta de estímulo a aprender.

No Plug Minas, eu aprendo o que eu gosto. Eu faço o que eu gosto, o que eu amo. Na escola não, eu fico... Português, Matemática. Ai Matemática é um tédio. Eu não sei. Então assim, tipo muita coisa, vou lidar com muita coisa que eu não sei, sabe? Eu sei que eu sou capaz de fazer, mas eu não gosto, então num tem pra que me esforçar. (Laura, 17 anos, Valores de Minas)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 Jun. 2012.

Quanto às expectativas futuras, o jovem entende que toda estrutura e assistência, com base na cultura digital, produzem ganhos de conhecimento e experiências para que ele possa utilizá-los posteriormente em outras esferas da vida social. A participação no Plug Minas é constantemente atrelada, no discurso juvenil, a um futuro bem sucedido e, portanto desejado. Os jovens entrevistados entendem que a participação nesse programa aumenta, de forma considerável, as possibilidades de inserção no mundo do trabalho como melhores demandantes de emprego. Porém essa mesma relação não é percebida, quando os jovens falam sobre a escola tradicional onde cursam ou cursaram o Ensino Médio.

A própria organização do espaço dentro dos limites do Plug Minas tende a conduzir o jovem para a crença de que estar ali contribuirá para o seu futuro. Isso é explícito no Núcleo que se encontra na entrada principal do programa que é denominado *Caminhos do Futuro* cujo espaço é destinado à exposição de trabalhos que são desenvolvidos pelos jovens dos outros núcleos do programa e que servem como porta de entrada para as demais instalações do Plug Minas. Os jovens parecem entender que entrar por aquele espaço significa ingressar em um ambiente que será responsável por fornecer a ele elementos significativos em sua preparação para um futuro próximo; porque os jovens já começam a experimentar o futuro em suas primeiras experiências de trabalho, do convívio com outras pessoas fora da esfera familiar e escolar e das experiências de trabalhos (produtos) que são produzidos dentro do Plug Minas. Essa ideia pode ser percebida na fala da jovem Isabella, quando analisa o que representa para ela a imagem do núcleo Caminhos do Futuro, do Plug Minas, e diz que:

Eu acho muito importante aquela entrada (*o núcleo Caminhos do Futuro*), porque realmente a gente tá aqui pra fazer o nosso futuro. Então eu acho muito interessante. (Isabella, 18 anos, Empreendedorismo)<sup>9</sup>

Entrar por aquele espaço parece servir como uma confirmação para o jovem que estar no Plug Minas significa buscar elementos para uma qualificação pessoal em um lugar que possui reconhecida capacidade para oferecê-la. Mesmo que existam diversas outras motivações para participar do Plug Minas que se relacionam com o presente, aquela entrada comum para todos os jovens serve como uma confirmação de um interesse estratégico, tanto do programa quanto dos jovens participantes, que é a preparação para o futuro.

Na percepção dos jovens entrevistados, a possibilidade de criação, de autonomia e de contato com a diversidade, representada pelas pessoas dos mais diversos estilos que participam do Plug Minas, fazem parte do cotidiano do programa e são fatores que

---

<sup>9</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 Jun. 2012.

contribuem para a satisfação com o programa e com a preparação para o futuro profissional, como explica o jovem João Pedro:

Quando eu fiz inscrição pra KABUM (Forma como os participantes chamam o núcleo Oi-Kabum!) eu tinha uma visão muito pobre do curso. Pensava que era uma coisa e quando eu entrei eu vi que era uma coisa totalmente diferente. É o que me motivou a querer ficar na KABUM, além dessa questão do conhecimento, de adquirir novas coisas, lá a gente tem a possibilidade de fazer alguma coisa, de criar e a gente tem um contato muito grande com o desconhecido, com diversidade de pessoas, de várias possibilidades. Acho que foi isso. (João Pedro, 19 anos, Oi Kabum)<sup>10</sup>

Por todos esses fatores apresentados, os jovens expressam a satisfação com o programa Plug Minas, pois se percebem como jovens privilegiados por participarem de um ambiente que acreditam ter o potencial de alterar significativamente o rumo de suas vidas, tanto no âmbito do mundo do trabalho, quanto no âmbito do convívio social e forma de ver e se posicionar na sociedade. A ideia de serem privilegiados é construída desde o momento em que são aprovados no processo seletivo do programa. Desde então esses jovens passam a se perceberem como pertencentes a um grupo restrito que foi escolhido entre tantos outros jovens que não obtiveram sucesso na seleção. Dessa forma a visão que eles têm de si mesmo é construída em oposição àqueles que foram excluídos, os reprovados.

#### ***1.4.1 Os aprovados e os reprovados no processo seletivo do Plug Minas***

Dos dados apresentados anteriormente, a fim de caracterizar o Plug Minas em 2012 e o perfil dos jovens pesquisados, destaca-se o número de jovens matriculados, 1.320, frente ao número de jovens inscritos, 7.846. O número de jovens atendidos pelo programa pode ser considerado expressivo, porém, é relevante a grande demanda pelo programa que não é atendida. Por essa razão os aprovados desenvolvem um sentimento de pertencimento a um grupo também visto como privilegiado, elemento importante para a construção de suas identidades.

No ano de 2012, 6.526 jovens iniciaram o processo objetivando matricularem-se no Plug Minas, em um dos 5 núcleos, mas não obtiveram sucesso. O insucesso desses jovens se deve ao desinteresse em concluir as etapas do processo até a efetivação de matrícula, o esquecimento dos prazos e principalmente à reprovação no processo seletivo.

---

<sup>10</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 Jun. 2012.

Sabe-se que grande parte dos jovens que não efetivaram sua matrícula passou pelo processo de seleção, mas não foi classificado conforme o número de vagas em disputa. Por isso, considera-se que tentar entender aspectos do processo de seleção contribua para conhecer melhor o perfil tanto dos jovens que fazem parte do Plug Minas, quanto daqueles que desejaram participar desse programa, mas não conseguiram.

Na percepção dos jovens aprovados, o processo seletivo serve como etapa essencial para a escolha de um tipo específico de jovem que se enquadra nas expectativas dos selecionadores. Eles ressaltaram ainda a dificuldade de entrar no programa e as características que eles percebem que os jovens precisam ter para conseguir entrar no Plug Minas, apontando que determinados tipos de jovens não se enquadram no perfil desejado pelos condutores do processo seletivo. Durante as entrevistas, quando questionada sobre como acontece o processo de seleção, a jovem Valéria relata que a escolha prioriza jovens que possam contribuir de alguma forma para preservar e até mesmo melhorar a imagem da instituição na sociedade.

Sem contar também que as entrevistas são feitas com psicólogos, são pessoas de RH. Então, eles analisam seu perfil pra saber quem que você é mesmo. Porque eu acredito que o intuito do Plug também seria formar pessoas e essas pessoas saírem daqui, darem um resultado grandioso e também, a instituição, o nome da instituição. Então é bem analisado, o perfil é traçado. (Valéria, 22 anos, Laboratório de Culturas do Mundo – monitora do processo seletivo)<sup>11</sup>.

Quando indagada sobre os reprovados no processo seletivo, a jovem explica qual é o perfil desses jovens:

Descompromissados, né, quem você percebe que não tem compromisso. Que nem ... um curso de dois anos e meio, se você não tem responsabilidade pra cumprir aquela carga horária, pra cumprir esses anos, deleta, porque o intuito não é você começar a fazer um pouquinho e parar. É você levar ele todo, então, se a pessoa não demonstra responsabilidade pra isso, automaticamente ela já é deletada ali, não serve. (Valéria, 22 anos, Laboratório de Culturas do Mundo)<sup>12</sup>.

Nessa afirmativa, é possível perceber que nos critérios de escolha, o compromisso e a capacidade de concluir todas as etapas do processo durante o curso são fatores determinantes para a escolha do candidato.

Olha eu não consigo explicar direito, mas eu acho que, assim, o pessoal aqui do Plug, eles demonstram muita motivação porque, assim, apesar de ser aberto (público), não é super fácil entrar no Plug. O pessoal tem os critérios pra poder

---

<sup>11</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 27 jun. 2012.

<sup>12</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 27 jun. 2012.

escolher quem vai estudar no Plug. Então, pra gente estar aqui, a gente tem que estar estudando. E eu acho que o pessoal daqui é mais seletto, não sei, mais bem selecionado. E eu gosto muito do pessoal daqui. (Denise, 17 anos, Laboratório de Culturas do Mundo)<sup>13</sup>.

Embora não consiga precisar, a jovem entrevistada reconhece que faz parte de um grupo seletto, já que os selecionados apresentam características que os diferenciam dos demais candidatos em vários aspectos.

Conforme o discurso dos jovens entrevistados foi possível observar, durante a realização das entrevistas e observações diretas, algumas características comuns entre os jovens que haviam sido aprovados no processo de seleção. Os grupos compostos por jovens aprovados para o Plug Minas apresentavam jovens motivados; com facilidade para se expressar; que discutem assuntos variados, como viagens feitas ou cursos de idiomas ou pré-vestibulares que pretendiam fazer (alguns já frequentaram esses cursos ou frequentavam ao mesmo tempo em que participavam do Plug Minas). Alguns jovens valorizavam a participação e demonstravam desejo de participar de algum movimento político. Além disso, foi possível perceber durante as entrevistas que alguns jovens chegavam ao Plug Minas por meio de transporte particular da família para se locomover até o Plug Minas.

Por outro lado, os grupos de entrevistados compostos por jovens que não foram aprovados na seleção do Plug Minas apresentavam características distintas. Nesses grupos, encontraram-se jovens com dificuldades de se expressarem e que se diziam tímidos, inclusive relacionando o desejo de participar do Plug à expectativa de acabar com a timidez. Como é possível verificar na fala da jovem Simone, na qual esta explica as razões do desejo para participar do Plug Minas.

Eu procurei porque eu quero, eu queria participar, fazer teatro. Eu procurei porque eu sou uma pessoa muito tímida, então, eu queria, queria perder um pouco da timidez, eu acho que o teatro tem apresentações, eu acho que ia me ajudar bastante. Por que eu não consegui, eu não sei. (Simone, 15 anos, fez o processo seletivo para o núcleo Valores de Minas)<sup>14</sup>.

Nas entrevistas com esses jovens, percebeu-se a diferença no desenvolvimento das respostas, que eram breves e quando era solicitada uma explicação mais fundamentada sobre suas opiniões e posicionamentos, os próprios jovens admitiam não saber ou poder explicar melhor o que pensavam. Exemplo disso, um dos entrevistados quando questionado se o jovem

---

<sup>13</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 27 jun. 2012.

<sup>14</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 28 agosto. 2012.

atualmente tinha condições de conseguir empregos que pagam salários bons, respondeu que achava que não. Questionado por que não? Ele respondeu:

Não sei explicar direito não. (Frederico, 18 anos, fez o processo seletivo para o núcleo Inove – Jogos Digitais)<sup>15</sup>

Uma jovem do mesmo grupo, ao ser questionada sobre o que o jovem precisa para conseguir emprego, respondeu:

Eu sei o que é, mas eu não sei explicar. Como é que eu vou explicar? (Simone, 15 anos, fez o processo seletivo para o núcleo Valores de Minas)<sup>16</sup>

Entre esses grupos, foi comum momentos de silêncio em que pareciam faltar palavras adequadas para expressar o que o jovem queria transmitir, ou ainda ideias e opiniões sobre determinados assuntos. Portanto, supõe-se que o processo seletivo privilegie jovens que, de certa forma, pertençam a grupos sociais já privilegiados pelo sistema social, em detrimento a outros candidatos que pertencem a grupos sociais que não tenham acesso a certas oportunidades. A partir dessas observações, considera-se que o perfil predominante dos jovens do Plug Minas apresenta semelhanças em muitos aspectos, o que pode ser uma indicação de que jovens com perfil distante do pretendido pelos dirigentes do programa não tenham sucesso no ingresso em um dos núcleos do Plug Minas.

As entrevistas feitas com alguns técnicos do Plug Minas confirmam a percepção identificada do tipo de jovem que é aprovado. Esses técnicos ressaltaram a grande concorrência do processo seletivo para os núcleos com os quais eles estavam envolvidos e a maneira de escolher quais os jovens seriam aprovados. Se referindo aos critérios de escolha dos candidatos, os técnicos indicavam que muitos deles tinham que ser eliminados por não demonstrarem condições de obterem bom aproveitamento no curso. Em alguns núcleos foi apontado a necessidade de conhecimento prévio relacionado às atividades ali desenvolvidas e a inexistência desse conhecimento, por parte do jovem, representava um elemento que resultaria em sua reprovação no processo.

---

<sup>15</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 28 agosto. 2012.

<sup>16</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 28 agosto. 2012.

Logo, supõe-se que é possível que jovens com trajetórias sociais marcadas por algumas privações, que os impeçam de desenvolver habilidades desejadas pelos selecionadores do Plug Minas, não sejam aprovados no processo de seleção. Essa situação se apresenta de forma problemática e até mesmo contraditória, já que esses jovens que não conseguem aprovação no processo de seleção poderiam aproveitar de cursos no formato dos cursos que são oferecidos pelo Plug Minas, para experimentarem algum nível de ascensão e desenvolvimento social e econômico. Estes poderiam utilizar da oportunidade de realização dos cursos do Plug Minas para desenvolver as habilidades e adquirir o conhecimento e competências que lhes faltaram no momento da seleção. Diante disso, pode-se dizer que o processo seletivo do Plug Minas, aparentemente, exclui os jovens que não apresentem algum tipo de potencial, identificável pelos selecionadores, para alterar positivamente os rumos de suas trajetórias sociais, já em muito marcadas por carências das mais diversas formas.

## **2. JUVENTUDE E TRABALHO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: TRANSFORMAÇÕES, EXPECTATIVAS E POSSIBILIDADES**

Existem diversos sentidos que podem ser atribuídos ao trabalho, que variam, principalmente, de acordo com a origem e com a condição social de cada indivíduo. No entanto, é facilmente observável que, para muitos, o trabalho é essencial, pois garante a sobrevivência e a realização de projetos de vida. Ao indivíduo que trabalha, associa-se a imagem de indivíduo responsável, capaz e merecedor de respeito. Esta imagem, construída socialmente, confere um status social positivo ao trabalhador em oposição ao desocupado, que é tido como vagabundo. No entanto, até meados do século XVIII, a condição de trabalhador não tinha essa conotação, pois o trabalhador era considerado pessoa desprovida de condições econômicas e sociais, e, por essa razão, se via forçado a trabalhar por não possuir outra forma de sobrevivência.

Neste capítulo será discutido a mudança de sentido do trabalho e da imagem do indivíduo trabalhador, buscando fazer uma caracterização do mundo do trabalho, baseado em uma perspectiva das transformações, sobretudo daquelas observadas nos últimos anos, a partir do que se convencionou chamar reestruturação produtiva. O objetivo é apresentar como se processaram as transformações, tanto na forma quanto no sentido do trabalho, que afetam diretamente não apenas os processos de produção, mas as relações de trabalho e o próprio trabalhador.

O cenário atual do mundo do trabalho apresenta a flexibilização e a precarização como principais tendências, e atinge, mais agressivamente, grupos sociais específicos, dos quais os jovens são um exemplo. Nessa perspectiva, é necessário entender como as trajetórias juvenis se estabelecem nesse ambiente, que é marcado pela lógica da empregabilidade, vista como marca mais evidente de uma nova cultura do trabalho que tem emergido nos últimos anos. Destaca-se, nessa análise, a lógica da empregabilidade como aspecto que tem influenciado a forma dos jovens se comportarem e se perceberem como demandantes de emprego em meio à estrutura da sociedade contemporânea, que valoriza o trabalho, dentre outras coisas, como forma de acesso ao consumo.

O tema consumo ocupa um espaço estratégico em nossa abordagem, uma vez que ele se relaciona a todos os temas que foram abordados nesse estudo. Desde as transformações do mundo do trabalho, que passa pela caracterização da sociedade contemporânea, até a forma como o jovem se insere nesse ambiente, nota-se que o consumo é fator que influencia esses

processos. Dessa forma, entende-se que o consumo serve como aporte para a compreensão da dinâmica de funcionamento da sociedade contemporânea, em suas mais variadas manifestações, particularmente nas relações que se estabelecem no mundo do trabalho que passaremos a analisar a seguir.

## **2.1 A formação da sociedade salarial e a alteração do sentido do trabalho**

Um número considerável de estudos aponta as transformações pelas quais o mundo do trabalho tem passado ao longo do tempo, como perspectiva importante para se compreender a atual configuração das relações de trabalho nas sociedades contemporâneas. (CASTEL, 2010; SILVA, 2012; LEITE, 2009; COTANDA, 2011; SORJ, 2000; NASCIMENTO, 2011). Esses estudos mostram as mutações que o trabalho sofreu não apenas em suas formas, mas também em seus sentidos. A observação das transformações mais recentes, possibilita a compreensão de aspectos relevantes de uma conjuntura emergente, modificada e ainda em transformação, que tem surgido nas últimas décadas com implicações profundas nas relações sociais no âmbito do trabalho.

Sabe-se que as mudanças relacionadas ao trabalho não são recentes, assim como também não são as transformações na forma de acumulação produtiva, nos sentidos atribuídos ao trabalho e nas representações em torno dele. Segundo Cotanda (2011), o conceito trabalho já serviu para se referir, de forma restrita, às atividades desenvolvidas por servos ou por aqueles que cumpriam jornadas de trabalho, denominados jornaleiros. Apenas estes eram considerados trabalhadores, já que os indivíduos, que se dedicavam a produzir algo durável, portanto considerados de maior valor, como os artesãos, não eram denominados trabalhadores, mas realizadores de obras. (COTANDA, 2011).

Essa distinção não era apenas nominal. Os trabalhadores eram tidos como inferiores se comparados com os realizadores de obras. Enquanto esses últimos eram tratados como indivíduos que tinham capacidade de criação e realização, os primeiros eram vistos como indivíduos incapacitados de viver de outra maneira que não fosse através da venda de seu trabalho.

A mesma situação, em relação ao trabalho, é apontada por Castel (2010), que observa que a condição de trabalhador assalariado foi, durante muito tempo, uma condição das mais incertas, indignas e até mesmo miseráveis. O autor aponta que para alguém chegar à condição

de assalariado, deveria estar na situação de não ter nenhum meio para se manter, além de sua força de trabalho. Normalmente o assalariado era alguém arruinado, que teve sua situação social degradada e não encontrava outra forma para sobreviver a não ser do seu próprio trabalho. (CASTEL, 2010).

Por essas indicações, observa-se que o trabalho era visto como atividade a ser desempenhada por um tipo específico de pessoa. Trabalhador era aquele que dependia de seu esforço contínuo para sobreviver, não tendo nenhum tipo de reserva para se manter. Os grupos favorecidos socialmente, por terem acesso a outros meios de sobrevivência e não depender do seu próprio esforço para se manter, não se submetiam ao trabalho, já que esta atividade estava associada a pessoas de condições sociais desfavorecidas.

A mudança de sentido em relação ao trabalho está relacionada ao momento em que as relações de trabalho do tipo assalariado generalizaram-se a partir da industrialização. Como ressalta Castel (2010), na sociedade pré-industrial, o trabalho assalariado já existia, porém de forma fragmentada, sem conseguir se impor como modelo predominante. Essa imposição somente foi alcançada com a consolidação, de fato, da industrialização. (CASTEL, 1998). A partir desse momento o sentido negativo do trabalho é superado.

A desaprovação do trabalho e associação dele com atividade destinada aos desprovidos de propriedades e de condição social desfavorável foi superada a partir do século XVIII em que a concepção que, até então predominava, deu lugar a uma nova concepção, mais ampla e moderna. Segundo Cotanda (2011), no Ocidente a partir desse período, o termo adquire o sentido que hoje lhe atribuímos. Essa nova concepção que engloba distintas atividades que vão desde as manuais até as mentais, que podem ser simples ou qualificadas, superou assim o sentido restrito de que trabalho era uma atividade para pessoas em condições sociais marcadas por privações. (COTANDA, 2011).

Essa transformação de concepção ocorreu concomitantemente às transformações nas condições do trabalho industrial. As condições desfavoráveis e precárias do trabalho assalariado, características do início do processo de industrialização, foram sendo superadas por meio das conquistas do movimento operário e pela atuação do Estado, no sentido de regular o mercado de trabalho através das leis trabalhistas, o que interfere nos limites da exploração do trabalhador e garante proteção social a esse grupo. (THÉBAUD-MONY; DRUCK, 2007). Pode-se, portanto, associar as melhorias nas condições de trabalho à melhoria da imagem do trabalhador.

A partir da intervenção do Estado nas relações de trabalho ocorreu o surgimento de uma série de benefícios que perpassaram as relações entre vida social e trabalho nos países europeus, que se denominam seguridades sociais. Estas se relacionam às condições dos trabalhadores, que, quando se tornaram assalariados passaram a ter acesso a “seguros sociais, direito do trabalho, ganhos salariais, acesso ao consumo de massa, relativa participação na propriedade social e até mesmo no lazer”. (CASTEL, 2010, p.444).

O desenvolvimento de uma nova estrutura produtiva nas sociedades industriais, posterior a esse momento inicial da industrialização, denominada fordismo, contribuiu para completar o novo sentido da condição de trabalhador assalariado. Esta estrutura de produção industrial, desenvolvida no século XX, que “se baseia na produção em massa de produtos homogêneos, utilizando a tecnologia rígida da linha de montagem, com máquinas especializadas e rotinas de trabalho padronizadas” (CLARKE, 1991, p.119), fez surgir um trabalhador de massa, que integrado a sindicatos, faziam acordos para obter salários uniformes para seus filiados e esses salários aumentavam de acordo com os aumentos da produtividade. Aos poucos, esse período foi sendo marcado pelos avanços que resultaram dessa forma de organização produtiva, na qual se verificou melhorias nas condições de trabalho, nos salários e na vida da classe trabalhadora. (THÉBAUD-MONY; DRUCK, 2007).

Essa nova situação fez com que Castel (2010) associasse a transformação do sentido do trabalho assalariado, o que ele chama de quase-mutação antropológica da relação salarial, ao fordismo. Segundo o autor, é a partir da política salarial de Ford, que integra um modo de consumo às condições de produção, que “amplas camadas de trabalhadores – mas não todos os trabalhadores – saíram da situação de extrema miséria e de insegurança permanente que tinha sido sua condição desde há séculos”. (CASTEL, 2010, p.432).

Nesse ponto, embora Castel não atribua exclusivamente ao fordismo o feito de transformar a concepção de trabalhador assalariado, antes estigmatizada, em algo aceitável e positivo, o autor destaca o fordismo como importante elemento dessa mudança. Já que com o fordismo, e sua nova forma de organização produtiva e tratamento ao trabalhador, o assalariado passa a perceber uma política de salários ligada ao que ele produz, o que possibilita a ele superar o status de simplesmente produtor e chegar ao status de consumidor e conseqüentemente, isso se torna atrativo para outros grupos sociais.

Castel (2010) ainda observa que, a partir da década de 50, surge um novo discurso sobre o trabalhador assalariado onde ocorre uma “quase-mitologização” de um modelo de homem eficaz e dinâmico, que era ao mesmo tempo trabalhador assalariado e consumidor.

Essa nova maneira de ver o trabalhador faz com que indivíduos de diferentes grupos sociais desejem essa posição. Consequentemente “uma parte das classes dominantes tradicionais também ingressou, e no nível mais alto, no mercado salariado”. (Castel, 2010, p.471). A expectativa em beneficiar-se das vantagens adquiridas pelos trabalhadores assalariados fez com que grupos profissionais considerados médios, como os engenheiros, entre outros, reivindicassem a condição de trabalhadores assalariados, sem, no entanto, deixarem de afirmar a distinção que havia entre eles e os demais assalariados. (CASTEL, 2010).

Alguns estudos sobre o tema afirmam que esse novo sentido do trabalho se desenvolveu totalmente atrelado e dependente do fato de que ser detentor de um emprego formal e estável significaria ter acesso à estrutura de proteção social oferecida pelo Estado nesse período. Essas circunstâncias explicam o porquê de grupos de profissionais que, até então, desprezavam a condição de trabalhador assalariado, passem a desejar estar nessa condição. O acesso à estrutura de proteção social foi possível principalmente após os anos de 1950, nos países centrais, onde se desenvolveu um modelo de sociedade organizada através do mercado de trabalho, marcado pelo emprego assalariado e estável. (NASCIMENTO, 2011).

Não mais uma benesse ou um favor ditado pela obrigação moral de ajudar os fracos ou incapazes, mas um direito de proteção garantido pelo Estado, e, como tal exigível pelo beneficiário, seja este um operário idoso sem condições de trabalhar, ou o empregado que deseja ver cumpridos os direitos mínimos que lhe foram assegurados pela Lei face ao empregador. (NASCIMENTO, 2011, p. 70)

Nesse contexto, a condição de trabalhador garantia ao indivíduo proteções e direitos vinculados exclusivamente a essa condição. O que faz com que a partir dessas garantias, surjam sociedades organizadas em torno da condição salarial, o que possibilita ao indivíduo acreditar que os ganhos conseguidos com o seu trabalho possibilitar-lhe-ia ascensão social e acesso à cidadania. (NASCIMENTO, 2011). A possibilidade de consumo que a classe trabalhadora adquire a partir do século XX, somada ao atrelamento da condição de trabalhador aos benefícios sociais, resulta na definitiva alteração da concepção formulada sobre o que representava o trabalho nessas sociedades. A partir de então, o trabalho não é mais visto como atividade para os desprovidos, mas passa a ser visto como um mecanismo de acesso ao consumo e aos benefícios sociais que são reservados para aqueles que ocupam a posição de assalariado.

A condição de trabalhador assalariado passa de condição sem valorização para uma espécie de modelo ideal. Para Silva (2012), o sucesso das relações de trabalho assalariado pode ser percebido à medida que esse tipo de trabalho tornou-se um ideal e uma referência cultural quase universal, sendo capaz, inclusive, de destruir ou modificar outras formas de organização social diferentes desta. Cotanda (2011) observa que o significado do que é o trabalho foi reorganizado nas sociedades capitalistas industriais, o que fez com que, a partir de então, a existência do indivíduo fosse relacionada diretamente ao trabalho. Castel (2010) também observa que a condição de assalariado superou a desvantagem que esse status carregava para se tornar a base do que ele chama de sociedade salarial moderna. Esses estudos convergem para a demonstração de um processo histórico de transformações, que é responsável por alterar definitivamente a maneira como os indivíduos percebem o trabalho e a condição de trabalhador assalariado.

É importante dizer que assim como outras transformações sociais, essa alteração na qual se verifica a mudança no status de assalariado de condição indesejada e mal vista para uma condição aceitável e até mesmo desejada, não se processou de forma repentina. Esse processo é gradativo e seu início no século XVIII se consolidou com a intervenção do Estado, o que fez surgir uma relação estrita entre garantias sociais e a condição de trabalhador assalariado. Posterior a essas mudanças surge a tendência de flexibilização do trabalho, importante aspecto modificador das relações sociais no interior das instituições e das condições de trabalho contemporâneas.

### ***2.1.1 O mundo do trabalho flexibilizado***

Tão significativo quanto as transformações que fizeram do trabalho assalariado a forma predominante de relação trabalhista e alterou o significado de ser trabalhador, são as transformações que tem ocorrido no mundo do trabalho<sup>17</sup> no cenário atual. Os estudos

---

<sup>17</sup> Entendido aqui não apenas como mercado de trabalho, que se define como conjunto de mecanismos sociais através dos quais o trabalho é vendido e comprado. (Definição de JOHNSON, Allan G. do dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997). Entendemos que a expressão *mundo do trabalho* é mais adequada para expressar os múltiplos aspectos que levamos em consideração em nossa pesquisa, já que muitos dos jovens entrevistados não possuíam, até aquele momento de suas vidas, experiência de trabalho. Estes jovens embora ainda não trabalhassem, já se encontravam inseridos em um ambiente onde o trabalho era central para seus projetos de vida, através dos muitos sentidos criados em torno dele. Dessa forma a expressão Mundo do Trabalho aqui é pensada como o mercado de trabalho, mas também como as expectativas, opiniões e principalmente a preparação para conseguir se inserir nesse mercado.

apontam a década de 70, como momento de início de transformações recentes que provocaram o esgotamento do modelo de desenvolvimento produtivo baseado no fordismo, modelo que se consolidou nos trinta anos pós-guerra e que tinha na sociedade salarial (garantidora de direitos sociais) suas bases. (CLARKE, 1991; NEVES, 2009; LEITE, 2009; NASCIMENTO, 2011).

À medida que os mercados de massa não atendiam mais aos interesses vigentes, os novos métodos de produção se ocuparam de uma crescente diferenciação nos tipos de produtos fabricados. Nesse momento, a ênfase deixa de se produzir em série, produtos idênticos e em grande quantidade, como durante o fordismo, e se desloca para a diferenciação, para o estilo e para a qualidade do produto. “Novas tecnologias fornecem os meios pelos quais se pode realizar vantajosamente esta produção flexível”. (CLARKE, 1991 p.120).

Leite (2009) considera que os processos de globalização e reestruturação produtiva, que surgiram a partir do esgotamento do modelo de acumulação anterior, são rearranjos sociais resultantes de decisões políticas de alguns setores sociais que decidiram romper com o modelo vigente e acabar com as garantias que foram instituídas durante a chamada sociedade salarial, mediante a uma nova correlação de forças entre o capital e o trabalho.

Certo é que como resultado desse processo, houve uma alteração não apenas na forma de produzir, mas também nas relações entre empregados e trabalhadores. A flexibilização deixa de ser característica apenas do modo de organização produtiva, para ser também característica das relações trabalhistas. Flexibilizam-se os contratos de trabalho, o que acarreta em perdas significativas para os trabalhadores das garantias sociais preservadas até então. Para Nascimento (2011), o padrão de empregos estável e todas as garantias vinculadas a ele, foram quebrados à medida que avançava o capital reestruturado, não mais vinculado ao modelo de Estado de Bem Estar Social. Novos fenômenos como: globalização financeira, novas técnicas de produção e ampliação do setor de serviços, provocaram o surgimento de “formas de trabalho desprotegidas e desreguladas em um quadro que, por vezes, parece remeter a tempos que pareciam superados”. (NASCIMENTO, 2011, p.79).

Como observa Neves (2009) “o deslocamento da matriz centrada no Estado Social como regulador das relações sociais e econômicas para o mercado como dinamizador da economia” foi um dos responsáveis por promover mudanças nas relações sociais de trabalho, o que afeta o trabalho formal assalariado e de tempo integral, predominante até a década de 70. A autora ainda observa que esses novos aspectos do mundo do trabalho fazem com que as empresas tenham a necessidade de implementar novas maneiras de organização produtiva, a

fim de dinamizar todo o processo e as decisões envolvidas nele e “a preparação de uma mão-de-obra para assumir novas responsabilidades e desafios” (NEVES, 2009).

Sem objetivar esclarecer os fatores causais do declínio do modelo anterior de organização produtiva, importa-se, para esse estudo, apontar aspectos dessa nova forma de organização produtiva, que trouxe implicações diretas para as relações sociais e de trabalho que se desenvolvem nesse contexto. Antes, é necessário reforçar que essas mudanças que são apresentadas pelo cenário atual são complexas e não se restringem apenas às formas de organização da produção. Portanto, não se pode falar apenas de uma reestruturação produtiva, mas também em mudanças que ocorrem nas formas como os indivíduos percebem o trabalho, nos valores vinculados a ele, no caráter coletivo do trabalho e mesmo na relação entre trabalho e a construção da identidade do indivíduo. (LIMA, 2010).

Nesse novo cenário, um dado é marcante: o novo modelo de acumulação traz a flexibilização como uma de suas principais características, que pode ser vista como um produto desse processo que ganhou o status de novo paradigma da organização dos processos de trabalho. Ela estaria assim substituindo o paradigma anterior, o fordista. As características da flexibilização apresentam-se de várias formas: o processo produtivo, as jornadas de trabalho, as formas de contratação e demissão e principalmente os vínculos empregatícios que tem gerado uma série de tipos de empregos considerados atípicos até pouco tempo, são afetados pela flexibilização. Nesse contexto o emprego considerado típico, estável e por tempo indeterminado, cede lugar a formas flexibilizadas de trabalho como o por tempo determinado, por tempo parcial, por conta própria e não registrado. (LEITE, 2009).

Para Druck (2011), a flexibilização ocorre a partir de condicionantes sociais e macroeconômicas que derivam de uma face recente onde o sistema capitalista se mundializou e a esfera financeira tornou-se hegemônica. O cenário atual mostra que as relações de trabalho adquiriram a forma do capital financeiro, flexível e volátil cujas transformações produzem um ambiente com características novas, no qual surgem instabilidades, riscos, incertezas, inseguranças e adaptabilidades que marcam as relações sociais em torno do mundo do trabalho. Por isso as empresas adotam uma forma de gerir as relações de trabalho em que o aspecto flexibilizado de todo o sistema produtivo se reproduz nas relações de trabalho, nas leis trabalhistas e chega até mesmo nos sindicatos. (DRUCK, 2011).

Houve uma mudança de paradigma, pois o mundo do trabalho reconfigurou-se e trouxe como novidade aspectos que contrastam com aqueles anteriormente existentes. Não obstante a todos esses novos aspectos do mundo do trabalho flexibilizado, alguns parecem

mais evidentes e provocam efeito social mais direto ao trabalhador, especialmente na forma como ele passa a se perceber e percebe o trabalho.

A procura por um tipo específico de mão de obra, que seja considerada apta a assumir novas responsabilidades e desafios, que as empresas inseridas nesse novo ambiente produtivo vêm demonstrando (NEVES, 2009), é uma das maiores implicações desse novo contexto. As empresas passam a buscar trabalhadores que apresentem o que tem se chamado de empregabilidade, que segundo Silva (2012) é a soma dos atributos subjetivos, como as habilidades, competências, disposições pessoais, de uma pessoa. Para o autor, a empregabilidade “corresponde às necessidades de uma produção flexibilizada”. (SILVA, 2012, p.7).

A lógica da empregabilidade estabelece uma relação estreita entre as características pessoais do empregado e sua adequação ao trabalho, destacando: a aparência, idade, raça, gênero, nível de escolaridade, entre outras. Essas características são critérios observados para a entrada e permanência de um indivíduo nesse novo mercado de trabalho. (SORJ, 2000). As responsabilidades para a adaptação a esse mundo do trabalho em construção, recaem tão somente sobre o trabalhador, que é apontado e passa a se ver como único responsável pelo seu sucesso ou fracasso profissional. Assim, não se considera fatores externos, como por exemplo, a situação da economia que afeta diretamente o mercado de trabalho ou as responsabilidades estatais na geração de empregos.

Para Silva (2012) a empregabilidade é o coração de uma nova cultura do trabalho que se encontra em fase de gestação. Essa fase, bem distinta da anterior, chamada de sociedade salarial, coloca no lugar da valorização da especialização a valorização da polivalência, pela qual o trabalhador deve se mostrar apto a desempenhar funções distintas, ter autonomia profissional, independência pessoal e ser competitivo. Essa nova cultura do trabalho faz surgir a imagem de um “novo trabalhador” que não tem mais como ideal uma carreira em um emprego assalariado estável de longo prazo. Ao contrário, o que esse trabalhador almeja é o seu desenvolvimento individual, que é alcançado através dos investimentos em si próprio, para atingir oportunidades em atividades e formas de trabalho em constante mudança. (SILVA, 2012).

Ainda ressalta Silva (2012), que o debate sobre a empregabilidade não gira em torno apenas da discussão sobre as novas competências técnicas que o indivíduo precisa adquirir para se adaptar às mudanças do modelo produtivo flexibilizado, mas também da dimensão simbólica e ideológica que se configura a partir do convencimento e adesão dessa lógica da

empregabilidade que interfere na construção da imagem do trabalhador sobre ele mesmo e sobre o mundo.

Nesse contexto aparecem novas identidades baseadas e articuladas no consumo de produtos e serviços variados, que pode ocorrer de forma muito diferenciada entre as pessoas, e novas formas culturais que contribuem para aumentar a necessidade de produtos cada vez mais diferenciados. (CLARKE, 1991). Nesse sentido, as novas identidades dos trabalhadores que não têm mais como referência o trabalho, mas o consumo, fornecem as condições necessárias para o funcionamento dessa nova estrutura produtiva flexibilizada. Os indivíduos passam a sustentar níveis elevados de consumo variável e sempre renovável, além de terem a necessidade de consumir marcas específicas e de atualizarem sua capacidade de consumir cada vez mais. Por isso, sustentam o modelo de produção no qual eles se encontram inserido, que atende, ao mesmo tempo, as necessidades individuais.

Como apontado anteriormente, a flexibilização não é percebida apenas no processo produtivo, mas também nas formas de ocupação, nas relações de trabalho, nas formas de consumo, que influenciam diretamente a configuração das identidades sociais. A flexibilização é uma característica disseminada nos setores que compõem a sociedade contemporânea e se apresenta como um pilar da mesma.

Diante desse quadro, interessa-se saber como se apresenta o trabalho em meio a essa nova configuração de sociedade que tem sido chamada de sociedade contemporânea ou mesmo sociedade do consumo. Nitidamente, percebe-se que se formou um novo cenário em torno da questão do trabalho e das novas formas e sentidos que ele vem adquirindo. Trabalhar, nesse ambiente, significa ter possibilidade de consumir e assim se sentir parte integrada de uma sociedade que parece ter sua razão de existir vinculada à produção flexibilizada que se renova constantemente para atender o desejo de consumo dos indivíduos. Por outro lado, não trabalhar, para um número grande de indivíduos, representa estar privado de participar do que essa sociedade tem de mais característico que é o consumo frequente.

Ao analisar esse novo momento das relações sociais no mundo contemporâneo, Castel (2010) chama a atenção para o que ele chama de nova questão social, que apresenta grupos, chamados por ele de populações invalidadas pela conjuntura, que não são integrados ao corpo social. Essa conjuntura apresenta “pessoas e grupos que se tornaram supranumerários diante da atualização das competências econômicas e sociais”. (CASTEL, 2010, p.34).

Para o autor, aqueles indivíduos que não são vistos como aptos ou detentores das competências exigidas pelo cenário contemporâneo, não conseguem se inserir no mercado de trabalho e passam então à condição de supranumerários ou invalidados pela conjuntura. Na visão de Castel, a sociedade se torna estratificada e marcada por um conjunto de indivíduos que engrossam as filas daqueles que se encontram deslocados do seio social, em razão da falta da qualificação exigida. A atual configuração social e consequentemente o mundo do trabalho, atuam separando aqueles que ocupam os postos de trabalho desejados e os que ocupam os postos que embora não se deseja, submetem-se a ele, por questões de necessidades. Essa realidade provoca a separação daqueles indivíduos que servem e os que não servem, evidenciando aqueles que são excluídos dessa ordenação. Diante disso, pergunta-se como estão inseridos os jovens nesse contexto.

## **2.2 Sociedade contemporânea e juventude: características e processos de consumo**

Frederic Jameson (1985) observa que um novo tipo de sociedade começa a se formar após a Segunda Guerra Mundial e aponta a década de 60 como período chave da transição para uma nova forma de organização social, denominada sociedade contemporânea ou sociedade de consumo. A partir de então, a principal característica dessa sociedade passa a ser o surgimento de novos tipos de consumo em um ambiente onde os produtos são programados para se tornar obsoletos em curto espaço de tempo e as tendências mudam em um ritmo muito mais rápido do que nos anos anteriores. Antes do surgimento dessa nova sociedade, o consumo estava vinculado, quase sempre, à necessidade que as pessoas tinham de determinados produtos e não apresentava índices elevados e variados como se observa nos dias atuais.

Segundo Bauman (1998), a atual estrutura social é caracterizada pela ausência de solidez e continuidade que, segundo o autor, eram marcas das estruturas do mundo moderno. No lugar desses traços, o mundo contemporâneo apresenta sensações de incertezas que não se restringem apenas ao nível individual, já que os indivíduos, além de se demonstrarem incertos quanto ao seu próprio futuro e ao que dependem deles próprios, estão também incertos em relação às futuras configurações do mundo e em relação à maneira correta de viver nele. De acordo com Bauman, a incerteza não é mais um inconveniente temporário, e sim uma marca permanente e constituidora das relações sociais. (BAUMAN, 1998).

Harvey (2011) sugere que os sistemas de produção flexíveis possibilitaram uma aceleração do ritmo das inovações dos produtos. O tempo acelerado de giro na produção foi possível devido ao uso de novas tecnologias e novas formas organizacionais. Dessa forma, o consumo reconfigura-se, pois passa a ser prática disseminada na sociedade, incentivado, em grande parte, pela propaganda que desperta o desejo de produtos muitas vezes que não são necessários para quem os obtém. As alterações dos tipos de consumo ocorreram em função de uma aceleração simultânea do tempo de giro da produção e do tempo de giro do consumo das mercadorias. A partir dessa aceleração passa a fazer parte desse cenário social, “modas fugazes” e estratégias de indução de necessidades. Neste ambiente, desenvolve-se o culto ao consumo em meio a uma sociedade que favorece essa prática, a qual é marcada por “instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais”. (HARVEY, 2011, p. 148).

Cabe considerar também a valorização do individualismo, da necessidade de realização pessoal ou ainda o desejo de atingir certo status ou posição social, como algo que distingue e caracteriza os indivíduos. Como apontado por Harvey (2011) essas são características dessa nova sociedade. Esses traços são apresentados pelo autor como elementos centrais que, atualmente, configuram os modos de consumo e estilos de vida dos indivíduos contemporâneos, já que a valorização máxima da possibilidade de consumo é um fator determinante de reconhecimento e de bem estar social.

Na análise de Bauman (1998) o consumo abundante é visto como sinônimo de sucesso e é, portanto o caminho que leva o indivíduo ao aplauso público, por ser reconhecido como uma pessoa bem sucedida. Assim a posse e a possibilidade de ter determinados produtos ou mesmo a adoção de determinados estilos de vida, que são definidos pelo poder de consumo, pode ser traduzido em sensação de felicidade. Dessa forma, tendo o consumo como indício de uma vida bem sucedida e de satisfação e sucesso, nenhuma quantidade de aquisições pode satisfazer o desejo constante de possuir. (BAUMAN, 1998). A capacidade de renovar as posses apresenta valor bem maior do que o valor de possuir determinados produtos, pois esses produtos adquirem as características do contexto em que são produzidos, de efemeridade, instabilidades, incertezas, esgotamento e rapidamente não servirão mais para seus possuidores. A busca por novos espetáculos e sensações diferentes continua após o consumo, seja ele de que forma e em que quantidade for.

A incerteza, imprecisão e a instabilidade, traços evidentes desse novo cenário, também se encontram presentes no processo de construção das percepções que os indivíduos têm acerca de si mesmo; principalmente, quando estes são jovens e se encontram em momento privilegiado para a construção de sua identidade. É nesse processo que a percepção de uma fase não terminada ou mesmo não terminável passa a estar presente nas autodefinições sociais juvenis. O sujeito contemporâneo desenvolve um conjunto de atitudes e recorre a diferentes recursos que servem para dilatar a ideia de juventude para além dos limites definidos pela idade. Ocorre uma dissolução de barreiras sociológicas e biológicas tradicionais, que são agora insuficientes para demarcar o que vem a ser o jovem. (CANEVACCI, 2005).

Para Canevacci (2005), a passagem da juventude para a vida adulta tornou-se um momento indeciso, uma espécie de zona cinzenta e lenta onde o sujeito tem autonomia nessa travessia para dilatar esse processo. Dessa forma, as características da sociedade contemporânea estão presentes nesse processo de definição da percepção dos próprios indivíduos sobre suas vidas e o consumo aparece como elemento capaz de auxiliar o indivíduo nesse processo de dilatação, pois uma forma de dilatar a condição juvenil processa-se através da constante aquisição de produtos que possibilitam ter um estilo de vida considerado típico da juventude. Se vestir como jovem, frequentar lugares frequentados por jovens, ter gosto musical identificado com o gosto deles, produz, no indivíduo, a sensação de prolongamento da condição juvenil. Os elementos caracterizadores da contemporaneidade, relacionados às incertezas, fazem parte dos processos de construção de identidade, e essa possibilidade de dilatações da condição juvenil corrobora essa afirmativa. (CANEVACCI, 2005).

Não se é mais jovem de modo objetivo ou coletivo, mas sim transitivo. Transita-se ao longo de uma condição variável e indeterminável, atravessa-se essa condição de acordo com modalidades determinadas pelas individualidades momentâneas do sujeito-jovem. Das contratações entre vários, heterogêneos, múltiplos eus (selves). (CANEVACCI, 2005, p. 31).

De acordo com Canevacci (2005), a juventude parece ser o grupo que melhor se encaixa na atual forma de organização social. Os jovens possuem traços específicos capazes de favorecer o consumo, devido à tendência em incorporar mensagens expressas e veiculadas pelos meios de comunicação. O autor associa a situação juvenil ao consumo quando ele diz que:

Contudo, antes de tornar-se adulto, entrando no mundo sério e irreversível do trabalho, o jovem é tal porque consome. E pela primeira vez, o consumo juvenil adquire um papel central que se amplia concentricamente para toda a sociedade. O jovem consome – o adulto produz. A expressão sociológica por excelência, que nasce desse contexto é, não por acaso, “a sociedade de consumo”. (CANEVACCI, 2005, p. 23)

Mais do que associar a condição juvenil ao consumo, o autor ressalta que a condição juvenil é determinante para a consolidação desse tipo de sociedade, para os estilos de vida contemporâneos e como modelo para os outros grupos sociais.

Pela forma como o consumo é descrito na análise de Canevacci (2005), sobretudo o consumo juvenil, essa ação parece adquirir um caráter consciente e com vistas a um fim específico que vai além de simplesmente desejar determinados produtos. Consumir possibilita aceitação social e a produção/construção do seu eu. O que para alguns pode parecer um conjunto de códigos de massa sem significados, que são adquiridos de forma inconsciente, para o jovem, isso pode representar um conjunto de elementos coerentes que o serve para fins específicos no ambiente social em que está inserido.

A análise antropológica de Canevacci (2005) e Canclini (1995) referente ao consumo e aos sentidos que os indivíduos atribuem a ele na dinâmica do mundo contemporâneo, distancia-se das visões que afirmam que o consumo é uma atividade irrefletida e inconsciente. Os autores avaliam o ato de consumir pela perspectiva da motivação do sujeito, que usa o consumo como forma de integração e distinção na sociedade, o que amplia a visão de consumo para além das mercadorias industriais e considera, também, como consumo a esfera do espetáculo, da visão, do corpo e do estilo de cada indivíduo. Nessa perspectiva os sujeitos sociais consomem de forma consciente e com vistas a propósitos muito claros, escolhem determinadas mercadorias, posturas, estilos de vida e apropriam-se disso em detrimento de outras possibilidades.

Nesse sentido, o consumo, não está apenas relacionado à satisfação das necessidades básicas do indivíduo, como se alimentar, vestir ou morar, mas também a ser inserido em contextos sociais. Conforme formula Canclini (1995), a função mercantil dos bens é apenas uma das funções que eles desempenham, uma vez que possuir objetos serve para a satisfação do homem em relação aquilo que ele mesmo estabelece culturalmente como necessidade. Consumir, sobretudo, nesse cenário do mundo atual, adquire cada vez mais, também a função de inserção e distinção social entre os indivíduos contemporâneos, entre aqueles que têm e aqueles que não tem acesso ao consumo material ou simbólico.

Ao mesmo tempo em que as pessoas se sentem inseridas à atual dinâmica social, através do poder de consumo que possuem, elas se distinguem daquelas que não conseguem essa inserção, passando a se perceberem como pessoas adequadas ao contexto social vigente. Aqueles que não têm acesso ao consumo, além de não poderem satisfazer suas necessidades, quer sejam materiais ou simbólicas continuam a existir dentro de um cenário em que o que se valoriza é exatamente o que elas não podem fazer ou ter. E nesse sentido, não poder consumir ou possuir aquilo que se considera relevante, pode provocar uma sensação de inadequação social.

Acompanhando essa configuração efêmera, de uma sociedade onde a regra geral é a inovação, baseada na fugacidade e na superação dos elementos os quais são considerados ultrapassados em tempos mínimos, as identidades também são reconfiguradas. Canclini (1995) ressalta que as identidades dos indivíduos, antes do advento da sociedade atual, eram territoriais e quase sempre monolinguísticas, baseadas, acima de tudo, em sua origem nacional. Na contemporaneidade apresentam traço transterritorial e multilinguístico, o que os afasta dos critérios que são baseados na nação e nos símbolos histórico-territoriais.

Segundo Hall (2006), a identidade do sujeito contemporâneo é fragmentada, instável e unificada, possibilitando a identificação do indivíduo com diferentes e contraditórios eventos. As ideias de Hall (2006) e Canclini (1995) parecem convergir para uma mesma afirmação, a de que as identidades atualmente se apresentam como “foco de um repertório fragmentado de minipapeis mais do que como o núcleo de uma hipotética interioridade contida”. (CANCLINI, 1995, p.39). Logo, é possível inferir que, para ambos, a fragmentação identitária é uma característica do sujeito contemporâneo.

Diante da perda de espaço dos elementos tradicionais constituidores das identidades sociais, questiona-se quais seriam os elementos que ocupariam os seus lugares. Conforme a análise de Canclini (1995) o que ocupa, atualmente, o lugar da nação e seus símbolos, como elementos constituidores das identidades, é o mercado e o consumo diferido e segmentado de bens, marcado pela produção industrial da cultura e pela comunicação tecnológica.

O consumo passa a ocupar o lugar de elemento definidor das identidades, uma vez que a atividade de consumir tem o poder de integrar e promover a comunicação de indivíduos dentro de uma sociedade. A análise de Hall (2006) sobre a construção de identidades faz uso de um conceito que considera-se central para que se entenda a relação entre a necessidade de consumo por parte dos indivíduos contemporâneos e suas representações de si mesmos. Hall sugere que em vez de abordar identidade como algo acabado, é preferível o uso do conceito

identificação, pois deve-se pensar no processo de construção identitária como algo em andamento e em construção constante. Como complemento dessa ideia, o autor acrescenta que: “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser adquirida ou perdida”. (HALL, 2006, p. 21).

A identificação do sujeito, como apresentada por Hall (2006), depende das condições em que se encontra o indivíduo. Nessa perspectiva, entende-se que o consumo e a consequente aquisição de determinados produtos passam a ser vistos pelos indivíduos contemporâneos como elementos que potencialmente podem possibilitar sua identificação com tipos de indivíduos pretendidos. Como argumenta Canclini (1995), quando o indivíduo escolhe possuir algum bem, em detrimento de outros, ele define o que considera publicamente importante, ao mesmo tempo em que define as formas como ele se integra e se distingue na sociedade.

Mediante o espaço que o consumo ocupou na sociedade contemporânea, servindo como ação capaz de inserir ou excluir, produzir um sentimento de identificação e distinção social e mesmo trazer ao indivíduo a sensação de felicidade, os processos sociais contemporâneos se desenvolvem em torno dessa ação. Cada vez mais se evidencia a dependência que nossas sociedades capitalistas têm da manutenção e se possível aumento dos níveis de consumo atuais. Portanto o sucesso dessa forma de organização social existe, porque não só o Estado e o mercado econômico apropriam-se e beneficiam-se dela, mas também porque os indivíduos que detém poder de consumo fazem o mesmo.

Diante do exposto, é possível entender que consumir é uma necessidade juvenil na contemporaneidade e o trabalho representa a maneira mais usada pelos jovens como instrumento que possibilita a realização dessa necessidade. Por isso eles o percebem como essencial para seus projetos de vida, já que aqueles que não trabalham têm suas possibilidades de consumo bastante reduzidas ou mesmo são impossibilitados dessa ação.

### ***2.2.1 Onde se situam os jovens em meio à sociedade contemporânea e a nova cultura do trabalho***

Aspectos sobre as trajetórias e possibilidades de inserção da juventude no mercado de trabalho contemporâneo, a condição juvenil como elemento favorável ou dificultador da inserção desses indivíduos no mercado de trabalho, as possibilidades de acesso ao emprego

que dispõe o jovem em meio à estrutura social atual e os efeitos da conjuntura atual na formação identitária do jovem contemporâneo, são assuntos tratados constantemente no âmbito acadêmico e social.

Vários autores apontam que os jovens são representantes de um segmento social com claras dificuldades de inserção no mercado de trabalho nesse contexto pós-sociedade salarial, sobretudo quando se fala de inserção qualificada (CASTEL, 2010; LEITE, 2009; NEVES, 2009; SORJ, 2000; COTANDA, 2011). Esses estudos sugerem que existe uma hierarquia de ocupações na qual alguns indivíduos são selecionados e outros preteridos para compor o mercado de trabalho atual que é caracterizado, em seus processos de seleção, pela alta seletividade. A rigorosa seleção de pessoas, em que alguns servem e outros não, representa um traço marcante da nova estrutura flexibilizada e permite perceber que o jovem tem sido parte daquele grupo social que ocupa os piores postos de trabalho dessa hierarquia. Sobre isso, aponta Sorj:

O resultado disso é uma forte estratificação do mercado de trabalho em que os níveis inferiores de emprego, em tempo parcial ou temporário, são preenchidos predominantemente por minorias, mulheres e jovens com baixa escolaridade e, portanto, poucas oportunidades de carreira e mobilidade. (SORJ, 2000, p. 30).

Pessoas que compõem determinados grupos sociais, dos quais a juventude é um bom exemplo, são forçadas a ocupar os piores postos de trabalho, para evitar uma realidade ainda pior, que seria causada pela ausência de ocupação de qualquer tipo. O trabalho juvenil muitas vezes tem sido usado como justificativa para as empresas pagarem salários baixos aos indivíduos dessa faixa etária, o que acarreta em um número muito alto de jovens subempregados com baixa remuneração. Além disso, os jovens são também utilizados como mão de obra em empresas que organizam suas jornadas de trabalho em tempo parcial e empregam jovens com salários baixos e justificam essa condição salarial em função da jornada de trabalho diminuída. (LEITE, 2009).

Ainda sobre essas formas precárias de ocupação destinadas aos jovens, percebe-se que esses indivíduos, na maioria das vezes, inserem-se na esfera produtiva com contratos diferenciados dos demais trabalhadores. Para resolver o problema do desemprego, muitos jovens ocupam-se em estágios temporários frente à ausência de um posto de trabalho melhor. E quando se tornam mais uma vez desempregados, após o cumprimento do tempo determinado, deparam-se com a dificuldade de nova inserção no espaço produtivo em função

das exigências crescentes de se ter um perfil atualizado com competências diferenciadas. (NEVES, 2009).

A questão da relação entre Jovens e o mundo do trabalho tem sido retratada a partir de duas tendências principais. De um lado, destaca-se as ocupações precárias e desqualificadas que absorvem em grande medida a mão de obra juvenil, por outro, o problema do desemprego que atinge majoritariamente esse grupo social. Ao analisar os dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho), Cotanda (2011), observa que eles apontam que, em 2009, o desemprego atingiu os níveis mais altos da história e a metade da população desempregada era constituída por jovens entre 15 e 24 anos.

Essa situação é complexa e pode ser pensada, tendo por referência os estudos de Castel (2010) sobre a nova questão social. Para ele, desemprego e precarização do trabalho são manifestações de uma nova conjuntura do emprego que se encontra em transformação. Embora o desemprego seja mais visível e tenha maior repercussão, a precarização é uma manifestação ainda mais importante dessa conjuntura, por se tratar de um aspecto que alimenta a vulnerabilidade e, em última instância, produz o desemprego. As formas de trabalho que eram consideradas atípicas até pouco tempo atrás, tendo por padrão o emprego estável e de tempo indeterminado, têm se tornado típicas do novo mercado de trabalho.

Para Castel (2010), a precarização do emprego inseriu-se como traço característico da dinâmica da sociedade contemporânea e, nesse ambiente, a juventude tem se destacado como grupo social com maior tendência para se inserir em ocupações desse tipo. O mercado de trabalho, através das empresas, eleva o nível das qualificações exigidas para admissão, o que invalida a força de trabalho juvenil mesmo antes que ela comece a servir. Esse é o mecanismo que alimenta o processo de exclusão da juventude do mercado de trabalho e faz com que os jovens não encontrem outra ocupação que não seja a possibilidade de estágio ou empregos com baixas remunerações e sem garantias sociais. Como o mercado de trabalho exige dos jovens qualificações, o que eles ainda não tiveram tempo ou condições para adquirir, estes se veem diante do desemprego ou de ocupações que não as exigem, mas que em contra partida não oferecem muito em troca.

Outra tendência observada por Castel é a exigência de qualificações para cargos em que não há necessidade das mesmas. O que ocorre é que, diante desse quadro social de valorização das qualificações, as empresas têm contratado jovens com qualificações elevadas para ocupar postos de trabalho que não exigem tão alto nível de qualificação. Essa tendência gera um número grande de jovens que trabalham em áreas diferentes daquelas para as quais se

qualificaram e que exigem menos qualificações do que as que eles possuem. Como consequência, os jovens que não possuem qualificação ou que são menos qualificados, correm o risco de não ter alternativa para o desemprego, uma vez que os postos de emprego que poderiam ocupar encontram-se ocupados por jovens mais qualificados.

Essa nova conjuntura do emprego, apresentada por Castel, divide-se em dois segmentos distintos. Por um lado existe o mercado primário, que é constituído por indivíduos com maior nível de qualificação, que recebem melhores salários e gozam de maior estabilidade e proteção social. Do outro lado, encontra-se o mercado secundário, constituído por indivíduos com menor nível de qualificação ou sem qualificação e que por esta razão ocupam os postos de trabalho mais precarizados. O mercado secundário é composto por uma “periferia precária” formada por um número expressivo de indivíduos nessa situação.

Esse contingente, cada vez maior, faz emergir o que Castel chama de “nova questão social”, que se refere à presença de um tipo de indivíduo que parecia não mais existir em nossas sociedades. Aqueles considerados “inúteis para o mundo” e que “ocupam uma posição de supranumerários”. (CASTEL, 2010, p. 530). O autor apresenta os processos sociais que geram e evidenciam a presença desses indivíduos no meio social e entre eles estão os jovens, que são um dos grupos mais afetado pela nova conjuntura. Os processos apresentados por Castel são: desestabilização dos estáveis, instalação na precariedade e o surgimento de um déficit de lugares ocupáveis na estrutura social. Todos esses processos fazem surgir um número elevado de indivíduos desintegrados da esfera produtiva e o jovem tem estado no centro de todos esses processos.

Especificamente para os jovens brasileiros, o trabalho, embora tenha passado por todas essas transformações nas formas e sentidos, ainda aparece como conceito cheio de significados e indispensável para a realização dos seus projetos de vida. Para estes, o trabalho é importante elemento provedor de necessidades, produtor de independência, gerador de crescimento e auto-realização. Portanto, se destaca como assunto de maior interesse em relação a outros assuntos que poderiam parecer mais “tipicamente juvenis”, como sexo e drogas. (GUIMARÃES, 2008, p. 150).

Segundo Guimarães (2008), o trabalho é assunto de interesse tanto para os jovens que têm trabalho quanto para aqueles que não têm trabalho. Além disso, é um tema de interesse para jovens de todas as faixas de escolaridade e para quase todas as faixas de renda. Há uma queda de importância apenas para os jovens de faixa de renda mais elevada. A autora observa

que o trabalho para os jovens que são considerados mais vulneráveis, como os de menor escolaridade ou de menor renda, tem um sentido de necessidade. (GUIMARÃES, 2008).

Nesse mesmo sentido, Sposito (2003), mostra que o trabalho dá aos jovens a possibilidade de experimentar a condição juvenil em muitas esferas diferentes “como a da sociabilidade, do lazer, da cultura e do consumo”. Dessa forma a autora corrobora a ideia de que mesmo a ocupação precarizada é almejada pelo jovem que vê nessa condição algo de positivo relacionado à “maior independência da família, à autonomia e como condição de prazer”. (SPOSITO, 2003, p.23).

Conforme apontou Sposito (2003), o jovem percebe o trabalho como oportunidade de ter acesso a uma condição social mais independente e autônoma em relação à família, primeiramente e à própria sociedade. Entretanto, pelas condições de trabalho que os jovens têm se submetido, questiona-se se essas expectativas têm sido alcançadas. Não se trata aqui de querer sugerir que o trabalho não traga ao trabalhador jovem uma série de benefícios e oportunidades até mesmo no sentido dessa autonomia frente à sociedade. Como também já foi mostrado, mesmo em postos de trabalho dos mais precarizados existe a valorização do trabalho para o trabalhador que ocupa esse posto. O que se pretende é chamar a atenção para o descompasso, no qual as populações juvenis continuam a esperar uma série de vantagens e oportunidades por meio do trabalho e a oferta cada vez mais reduzida dessas vantagens e oportunidades para este grupo social no cenário atual.

É possível observar a existência do descompasso entre os sentidos que a população jovem atribui ao trabalho e a expectativa que se cria em torno dessa categoria com as condições reais e formas de inserção que os jovens têm tido acesso. E isso, porque o trabalho representa mais do que apenas um meio para a sobrevivência dos indivíduos que dele se beneficiam, quer sejam jovens ou não. Além de proporcionar a sobrevivência dos indivíduos que dependem dele para sua manutenção, o trabalho atua como elemento constitutivo das subjetividades do indivíduo, bem como de suas identidades e vínculos sociais. (COTANDA, 2011).

E mesmo que o trabalho tenha assumido novas formas em uma estrutura pouco favorável para alguns grupos, ele continua a ser central para os indivíduos, visto que a maioria das pessoas tem no trabalho um dos elementos mais importantes na determinação de suas condições de vida (SORJ, 2000). Leite (2009) reforça essa ideia, quando aponta que qualquer inserção ocupacional, por mais precarizada e deteriorada que seja ainda é central na vida de uma pessoa, pois é ela que garante sua sobrevivência.

As pessoas não retiram de um emprego apenas um salário, mas uma série de vantagens indiretas, como acesso à cultura, à educação, a possibilidade de consumo, status social, a facilitação de trânsito em determinados espaços da sociedade via trabalho. Como os estudos apontam (LEITE, 2009; COTANDA, 2011), o trabalho continua sendo referência nas identidades sociais dos indivíduos.

No entanto, conforme observa Guimarães (2009), para ser um “bom demandante de emprego” e ocupar uma vaga não basta ao indivíduo estar desempregado. Nem sempre um indivíduo consegue ser legitimado como um bom demandante de trabalho. No momento de tentar conseguir uma vaga de emprego cabe ao indivíduo, para ter êxito, saber agir de um modo tido como adequado e apresentar suas qualificações. Para grande parte dos jovens existe o agravante do percurso marcado pela ausência de experiências de trabalho, sobretudo daquela experiência registrada em carteira. O que se percebe é que quando localizamos a população jovem, ou ao menos parte considerável dessa população, nesse novo cenário criado a partir da reestruturação produtiva, falta para esses indivíduos uma experiência ocupacional e mesmo níveis de qualificação, desejados pelos ofertantes das vagas. (GUIMARÃES, 2009).

Quando trata-se das ausências que dificultam o acesso dos jovens aos postos de trabalho, há, mais uma vez, uma referência à lógica da empregabilidade que está presente em um mercado multifacetado que comporta indivíduos com trajetórias também multifacetadas e bastante desiguais. Guimarães (2009), explica que esse mercado está assentado num contexto que é marcado pela desigualdade social e pelas carências materiais. “Com isso falta aos indivíduos as condições para se apresentarem na situação de procura como bons demandantes de trabalho” (GUIMARÃES, 2009, p.166). Se o mercado de trabalho está assentado em uma estrutura de desigualdade social e não considera os resultados dessas desigualdades para os indivíduos, quando da seleção dos mesmos para ocupar os postos de trabalho, esse mercado serve como reprodutor das desigualdades sociais. Como exigir os mesmos atributos, capital cultural, qualificações de pessoas com realidades sociais tão diversas? Como esperar que indivíduos que vivem em situações de privações materiais e de vários outros tipos apresentem-se na busca por emprego como outros que não vivem em situação semelhante? Ou, como exigir qualificação e experiência de um jovem que está iniciando suas primeiras tentativas de conseguir emprego, mas que de alguma forma depende dele para sua sobrevivência, tanto quanto os outros indivíduos mais qualificados e experientes?

A lógica da empregabilidade, característica central do que tem sido chamado de nova cultura do trabalho (SILVA, 2012), não dedica espaço a estes questionamentos. Prefere atribuir a responsabilidade de sucesso ou fracasso ao próprio indivíduo. O discurso empresarial aponta como “bom demandante de emprego” um indivíduo que tenha um perfil flexível, aberto a mudanças, que esteja sempre investindo em sua formação e apto a enfrentar novos desafios. O trabalhador deve ser “um empreendedor de si mesmo que garantiria, dessa forma, sua empregabilidade e permanência num mercado em contínua transformação”. (LIMA, 2010, p.160). As condições que cada indivíduo tem para se apresentar da maneira esperada pelos agentes sociais que controlam o mercado de trabalho, não são levadas em conta.

Na tentativa de entender esse processo e as relações que se estabelecem entre os jovens e o cenário descrito, passamos a analisar as expectativas e experiências dos jovens integrantes do Plug Minas em relação ao trabalho e seus desdobramentos no cenário contemporâneo.

### **3. REPRESENTAÇÕES E SENTIDOS SOBRE O TRABALHO EM MEIO AOS JOVENS DO PLUG MINAS**

Este capítulo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida junto aos jovens participantes do Plug Minas sobre as relações que estes estabelecem com o mundo do trabalho e suas configurações atuais. Busca-se apresentar, com base na análise do conteúdo das falas dos entrevistados, quais são os sentidos que o trabalho adquire para a realização de um projeto de vida juvenil na contemporaneidade. Este estudo privilegiou, como meio para construção do conhecimento, as representações e percepções dos jovens.

O trabalho, entendido aqui como emprego que gera remuneração, apareceu no discurso juvenil relacionado a três elementos/benefícios principais: o dinheiro que possibilita o consumo, a autonomia em relação à família e à sociedade e ao reconhecimento social. Quando questionados sobre a importância do trabalho, os entrevistados utilizavam recorrentemente respostas que se relacionavam a um desses três elementos, predominando a ideia de que ele é importante por possibilitar o consumo.

Percebe-se que no imaginário juvenil existe um perfil ideal de jovem, que é adequado à forma de organização da sociedade contemporânea. Parece existir certos padrões de comportamentos ou características indispensáveis para a juventude atual se perceber como tal. Nesse contexto, é que o trabalho reveste-se de importância e significado, pois, para o perfil de jovem com quem se trabalhou nesta pesquisa, não ter emprego significa não poder acessar aquilo que ele e seus pares consideram importantes nesse momento da vida.

#### **3.1 A reprodução da lógica da empregabilidade no discurso dos jovens atores dessa pesquisa: “só basta força de vontade e correr atrás”**

Estar empregado, mesmo que seja em ocupações precarizadas, traz benefícios ao indivíduo, no entanto, por questões óbvias, todos tendem a buscar postos de trabalho que ofereçam melhores remunerações e melhores condições como recompensa para a realização das atividades inerentes ao ofício. O que se pode constatar é que a procura por emprego desse tipo nem sempre propicia êxito a quem procura. Muitos, diante da ausência de oportunidades em empregos desejados, submetem-se a àqueles que são considerados por eles inadequados, com o objetivo de resolver o problema imediato da sobrevivência.

Frente às dificuldades de se ter acesso a um posto de trabalho que seja considerado ideal, os jovens entrevistados entendem que precisam se qualificar para conseguir inserção no mercado de trabalho, principalmente, em ocupações de melhor qualidade. É notável que os jovens dessa pesquisa se deparam, em suas trajetórias, com um descompasso entre o tipo de emprego que eles desejam e aquele que eles encontram no mundo atual.

A qualificação, representada pela busca constante de realização de cursos, parece significar para os jovens a única possibilidade para que estes possam superar a condição social de não ser um bom demandante de emprego e conseqüentemente de não ter acesso aos postos de trabalho desejados e passem a ter condições de fazer escolhas profissionais. Ao mesmo tempo em que o jovem entende a necessidade de se qualificar, percebe também que a busca por qualificação e a procura por cursos que possam favorecer a sua inserção no mercado de trabalho é resultado exclusivo da escolha e disposição de cada um. Dessa forma, o jovem passa a se perceber como responsável direto pela forma de inserção a que ele tem acesso e pela sua não inserção profissional, quando este não consegue emprego.

A maneira como o jovem se percebe corresponde à reprodução da lógica da empregabilidade. Aspectos dessa lógica permeiam a fala dos jovens entrevistados, pois estes entendem que a qualificação, a necessidade constante de continuar estudando, de adquirir qualidades exigidas pelo mercado de trabalho, como responsabilidade, compromisso, maturidade, são elementos importantes e, por isso, eles constantemente aparecem no discurso juvenil. A forma como os jovens responsabilizam-se pelo sucesso ou fracasso de suas futuras trajetórias profissionais pode ser identificada na fala de Alessandra, quando ela se posiciona diante do questionamento sobre o que o jovem precisa para conseguir emprego.

Se ele (o jovem) quiser mesmo e tiver força de vontade ele consegue tudo o que quer. Da mesma forma das pessoas de antes poderiam ter. Só basta força de vontade e correr atrás. (Alessandra, 16 anos, INOVE)<sup>18</sup>

A jovem Alessandra entende que para o jovem conseguir emprego basta apenas “força de vontade e correr atrás”. Essa expressão usada por ela, “correr atrás”, se refere à disposição para se preparar através da qualificação para atender as exigências do mercado de trabalho. “Correr atrás” é uma atitude do jovem que investe em cursos, qualifica-se, desenvolve um perfil flexível adequado às demandas variadas do mercado e não fica parado à espera de oportunidades, mas ao contrário disso, vai atrás delas. Da mesma maneira que muitos outros

---

<sup>18</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

jovens posicionam-se sobre esse questionamento, Alessandra centraliza a questão no indivíduo, pois acredita que se qualificar e ter força de vontade para conseguir emprego é suficiente para o sucesso no empreendimento. Em nenhum momento, quando perguntados sobre o que era preciso para conseguir emprego, os entrevistados apontaram fatores externos ao indivíduo, como por exemplo, ações políticas para a criação de novos postos de trabalho ou para o crescimento econômico. A ideia que predomina no meio juvenil é que a disposição do indivíduo na busca por qualificação é o fator mais importante para conseguir emprego. Vejamos um exemplo:

Afinal o futuro depende só de mim, ninguém vai fazer ele por mim. Então desde agora eu vou começar planejar a minha. E vou tentar conquistar tudo que eu sonhei pra mim. (Isabella, 18 anos, Empreendedorismo juvenil)<sup>19</sup>

A lógica qualificação garantia de emprego aparece de forma naturalizada no imaginário juvenil, como se todos os jovens participantes de cursos de qualificação, do Plug Minas ou de outras instituições, fossem conseguir emprego após o término dos mesmos. No entanto, o que se percebe atualmente é que nem sempre estar qualificado tem servido como garantia de ocupação profissional. A juventude que se encontra no início de sua trajetória no mundo do trabalho parece ignorar esta questão para apostar na qualificação como aspecto mais relevante para o sucesso profissional, e, assim desconsidera outros aspectos que envolvem a complexa dinâmica do mundo do trabalho.

A partir da busca por ser considerado um melhor demandante de emprego, os jovens procuram o Plug Minas interessados na possibilidade de se aperfeiçoar e adquirir conhecimento técnico em alguma área específica que possa ser útil a eles para o sucesso no mundo do trabalho. O estar no Plug Minas é apontado por eles como uma ação capaz de potencializar a sua entrada no competitivo mercado de trabalho de forma mais qualificada, pois entendem que o conhecimento adquirido, a habilidade no tratamento e convívio com as pessoas e o crescimento/aperfeiçoamento pessoal são elementos conquistados no programa que facilitarão suas inserções no mercado de trabalho.

Em seus discursos o Plug Minas interessa aos jovens, porque é visto como elemento estratégico para o desenvolvimento pessoal e profissional. Confirmando que a procura pelo Plug Minas está associada à expectativa de conseguir emprego, a jovem Isabella planeja ter

---

<sup>19</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

um futuro “bom”, a partir da participação no programa e projeta a conquista de um emprego na área administrativa, estudada no núcleo Empreendedorismo juvenil.

Bom, o meu futuro eu espero que seja bom né. Conseguir um emprego é pra isso que eu estou fazendo o curso. (Isabella, 18 anos, Empreendedorismo juvenil)<sup>20</sup>

Rafael entende que a diversidade de pessoas com as quais ele tem contato no Plug Minas é um fator que contribui de forma decisiva para que ele seja bem sucedido em seu emprego. Em sua concepção, antes de participar do Plug Minas ele não “se daria bem” em seu atual emprego.

Consegui manter contato com vários tipos de pessoa. Tipo assim, pessoas mais abertas, pessoas mais fechadas, algumas equilibradas. E acho que isso me preparou bastante. Igual de manhã eu trabalho. Se eu chegasse no meu trabalho hoje, ou melhor, se eu trabalhasse nesse lugar a seis meses atrás eu não me daria bem. Porque eu trabalho com público, atendimento na *lan house*. Toda hora chega alguém lá, pessoas diferentes. (Rafael, 17 anos, Oi Kabum!)<sup>21</sup>

A mesma ideia de Rafael é compartilhada pela jovem Betânia que, embora ainda não esteja trabalhando, acredita que se não tivesse passado pelo Plug Minas não se sairia bem por não saber lidar com as pessoas. Em sua concepção, foi no Plug Minas que aprendeu a se relacionar.

Se eu não tivesse passado pelo Plug e se fosse justamente trabalhar eu acho eu não me daria bem de jeito nenhum, porque eu não saberia lidar com as pessoas. (Betânia, 16 anos, Valores de Minas)<sup>22</sup>.

Confirmando a relação que os jovens estabelecem entre o Plug Minas e a expectativas de conquistar empregos, o programa é apontado pelos entrevistados como uma referência para os empregadores de Belo Horizonte e região, o que serve, por tanto, como fator positivo na hora de concorrer a um posto de trabalho. Alguns jovens relataram que o fator decisivo para a conquista do emprego atual, disputado com outros jovens, foi ter declarado que estavam matriculados no Plug Minas.

---

<sup>20</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

<sup>21</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

<sup>22</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

Se não fosse o Plug, eu não tinha conseguido o meu emprego, entendeu? Então foi pelo Plug e pelo SEBRAE também, que eu consegui, porque senão, sem o Plug eu não conseguiria, tanto é que no mesmo dia que eu fiz a entrevista já me contrataram, porque eu falei que estudava aqui no Plug e no mesmo dia eles me contrataram. Pra você vê como é que é reconhecido né? (Letícia, 17 anos, Empreendedorismo Juvenil)<sup>23</sup>.

A construção de um bom currículo é um objetivo perseguido pelos jovens que buscam suas primeiras oportunidades de emprego. Isso se faz através da participação em cursos, que os potencializam a serem indivíduos competitivos no mercado de trabalho. Em certa medida, o certificado dos cursos realizados tem mais valor do que o próprio conhecimento técnico conquistado com a realização dos cursos. Ao indivíduo importa não apenas participar de programas de qualificação, mas, principalmente, confirmar a participação através da aquisição de certificados que serão utilizados para a construção do currículo. Para os entrevistados quanto maior o número de certificados, mais ampliadas serão suas possibilidades de inserção profissional.

Na atualidade, o mercado de trabalho exige flexibilidade do indivíduo e uma formação mais ampla que lhe permita atuar em várias áreas e de diversas maneiras, principalmente no início de sua carreira. A posse de um currículo que atenda às exigências contemporâneas, isto é, composto por registros de cursos realizados em várias áreas, é visto como um recurso necessário diante da instabilidade característica do mundo do trabalho contemporâneo. A percepção dessa instabilidade encontra-se implícita na fala dos jovens que foram entrevistados e isso afeta diretamente a postura desses indivíduos no momento em que iniciam suas carreiras profissionais, o que faz com que estes tenham como uma prioridade a realização de cursos de qualificação.

Como aponta Sennett (2011), a carreira tradicional no trabalho que se restringia a uma ou duas empresas está desaparecendo. Da mesma forma que desaparece também aquele trabalhador que ao longo de toda a sua carreira utilizava as mesmas qualificações em suas atividades profissionais. O autor aponta que atualmente é comum as pessoas e principalmente os jovens mudarem de aptidões básicas pelo menos três vezes durante sua vida para atender as exigências do mercado de trabalho atual.

Para os entrevistados a experiência de participar do Plug Minas é um acréscimo significativo para auxiliá-los a se posicionarem nesse ambiente, pois, segundo eles, a

---

<sup>23</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

instituição representa um lugar de qualificação e é considerada referência em Belo Horizonte e região. Quando se refere à sua participação no programa, uma jovem diz que:

Acrescenta as coisas no currículo, né? Se eu não conseguir serviço numa área eu posso conseguir em outra, ou então um curso ajuda, acrescenta outro. É bom que eu não fico sem emprego. (Alessandra, 16 anos, Inove)<sup>24</sup>.

A fala da jovem Alessandra apresentada acima é representativa da maneira como o jovem tem se posicionado frente a esse cenário. Para ela, acrescentar cursos ao currículo, feitos em áreas distintas, facilita a conquista de emprego em alguma área, quando não se tem êxito em outra. Essa postura reflete a insegurança frente às incertezas do mundo contemporâneo e o reconhecimento da necessidade de constante aperfeiçoamento. Assim, a qualificação pode ser útil em diferentes momentos e situações e o reconhecimento dessa necessidade atua como elemento que constrói a identidade dos jovens que se encontram em processo de busca por um emprego.

Na tentativa de encontrar condições que os auxiliem a conquistar um emprego, os jovens consideram que a participação em programas de qualificação, seja de que tipo for, aumenta o potencial do indivíduo como demandante de emprego. Mais do que aproximar os jovens do mercado de trabalho, os programas de qualificação, como o Plug Minas, são vistos como capazes de promover uma inserção do jovem em ocupações com melhores condições de trabalho e remuneração, o que conseqüentemente melhoraria o nível de vida de seus participantes. Na percepção juvenil, a qualificação contribui para dar acesso a postos de trabalho mais coerentes com as demandas juvenis, o que afasta os jovens de empregos que não ofereçam boas condições de trabalho e boa remuneração.

Essa perspectiva reafirma a ideia da formação profissional como solução para o desemprego e ao mesmo tempo legitima a existência de programas institucionais direcionados a esse fim. Percebe-se a existência da ideia, reconhecida socialmente, que afirma que quanto mais qualificação, maiores serão as possibilidades de sucesso na carreira profissional. Essa lógica, embora coerente, desconsidera outros fatores para colocar a questão da necessidade de qualificação no centro do debate sobre o que é necessário para ter emprego.

As instituições que objetivam qualificar pessoas para o mercado de trabalho atuam reforçando a perspectiva da qualificação entre os indivíduos que participam de suas atividades. Sem levar em conta a complexidade que envolve a distância entre se qualificar e

---

<sup>24</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

conquistar um emprego, os indivíduos que participam dessas instituições, sobretudo os jovens, demonstram incorporar o discurso institucional no que se refere a depositar na qualificação a esperança para o acesso bem sucedido ao mundo do trabalho. A esperança, de que a qualificação adquirida bastará para a conquista de emprego, é muito acentuada, especialmente entre os jovens que buscam o primeiro emprego. Além disso, essa expectativa se renova no imaginário coletivo, à medida que esses programas encaminham alguns indivíduos para o mercado de trabalho e se utilizam desses casos como comprovação de seu discurso da efetividade da qualificação. Como resultado desse processo ocorre uma supervalorização das instituições ou programas que fomentam essa expectativa, principalmente para os grupos menos favorecidos.

O Plug Minas, instituição que embora não declare oficialmente interesse na formação profissional juvenil, na prática leva seus alunos a perceberem a preparação profissional como elemento determinante no enfrentamento dos desafios do mundo atual, além de possibilitar melhoria da qualidade de vida. Além disso, os jovens percebem o Plug Minas como instituição formadora e que prepara os jovens para o mundo do trabalho. Esse fato pode ser observado na valorização da possibilidade de conseguir trabalho após a participação no Plug Minas e dos trabalhos esporádicos que os jovens desenvolvem nas áreas da arte, empreendedorismo e cultura digital. O programa atua direcionando os jovens para a realização de trabalhos esporádicos, o que lhes possibilita conseguir ocupações internas no Plug Minas, como monitores de eventos promovidos frequentemente ou ocupações externas. Atuando dessa forma, o Plug Minas alimenta nesses jovens a ideia que a qualificação adquirida nos cursos ministrados é o fator responsável pela conquista de empregos na atual conjuntura. Uma das expectativas do Plug Minas é mesmo que os jovens que participam de seus cursos saiam do programa e consigam se inserir no mercado de trabalho, porém a instituição não se considera como formadora nos mesmos moldes das muitas instituições que oferecem cursos profissionalizantes aos jovens. Os dirigentes do Plug Minas entendem que os cursos oferecidos são mais abrangentes do que os de outras instituições.

No imaginário juvenil, o Plug Minas aparece como uma oportunidade de conhecer e ter contato com possibilidades de trabalho que não seriam conhecidas por eles, caso não participassem do programa e não tivessem adquirido as habilidades que seus cursos oferecem. Diante disso, a visão dos jovens sobre o Plug Minas é de uma instituição do Estado que além de potencializar suas habilidades, desperta suas atenções para campos variados de atuação.

Numa entrevista o jovem Matheus declara que não tinha conhecimento que a arte poderia servir como área de atuação profissional, o que foi possível saber a partir das atividades realizadas no núcleo que ele participa - Valores de Minas. Em sua concepção, o Plug Minas possibilitou a abertura para um mundo desconhecido, onde o profissional da música passa a ser visto como os demais profissionais. Sendo, portanto um indivíduo importante em razão da função que ocupa na sociedade.

Eu não achava que a arte poderia ser uma profissão e é uma profissão como qualquer outra, porque todo mundo fala assim que não consegue viver sem música e se não tivesse o profissional da música que faz a música? Sabe, (o Plug Minas) abre sua mente pra muita coisa. (Matheus, 18 anos, Valores de Minas)<sup>25</sup>.

Para Júlia, jovem matriculada no núcleo Empreendedorismo Juvenil, as novas possibilidades de atuação profissional que são apresentadas pelo Plug Minas chamam a atenção. Os núcleos distribuem material informativo que faz despertar o interesse por áreas que eles não tinham conhecimento antes de ingressar nos cursos.

Eu penso em trabalhar no direito. Eu gosto mais do direito da administração. Porque, aqui no Plug mesmo a gente tem várias matérias no Empreendedorismo e uma delas é o direito. É bem interessante, sabe? As leis, tudo. É... chama muita atenção. Aí eu sempre tive vontade. Eu nem sabia que tinha direito assim, ligado com o empreendedorismo. Depois que eu vi: oh! Que legal! Aí tem as apostilas, tem tudo. Muito legal. (Júlia, 17 anos, Empreendedorismo Juvenil)<sup>26</sup>.

Da mesma forma, a Jovem Giovanna, destaca que o Plug Minas amplia a visão dos jovens sobre as possibilidades profissionais.

Aqui aprende mais geral de jogos, e assim tem uma visão mais ampla entendeu? Da profissão, do que se pode fazer. (Giovanna, 21 anos, Inove)<sup>27</sup>.

A dinâmica de funcionamento do programa Plug Minas aproxima os jovens dessas novas possibilidades de trabalho, durante suas atividades, não apenas no campo teórico, mas também de forma prática. À medida que os jovens, que participam de algum núcleo, são selecionados para a realização de trabalhos dentro e fora do Plug Minas, nas áreas em que eles atuam, aumentam-se as expectativas de acesso ao trabalho via Plug Minas. Surge a possibilidade de mobilizar novos interesses. Nesse sentido, o Plug Minas serve como uma

---

<sup>25</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

<sup>26</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 22 jun. 2012.

<sup>27</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

espécie de ponte, um elo entre a juventude e o mercado de trabalho, pois ao atuar dessa maneira, o programa age como tutor das relações que estes jovens estabelecem com as questões do trabalho, durante o tempo em que permanecem matriculados em seus cursos.

Além disso, através do intermédio dessas relações, o Plug Minas estimula e motiva a permanência dos jovens no programa. Os jovens que foram ouvidos nessa pesquisa valorizam essa prática constante do programa. Dentre os selecionados para atuar no Plug Minas, encontra-se alguns que atuam como monitores de eventos, monitores do processo seletivo e mesmo como instrutores/professores de seus núcleos, ao final da realização do curso. Percebe-se que esses jovens desempenham um papel estratégico na dinâmica de aproximação entre jovem e trabalho, pois servem para os outros jovens e em certa medida para eles mesmos, como comprovação de que o Plug Minas é eficiente em oferecer o que muitos buscam ali, maiores possibilidades de inserção profissional. A imagem de programa efetivo no que se refere à inserção de seus alunos no mercado de trabalho serve para atrair novos alunos e para a adesão dos novatos.

O jovem espera que a conquista de um posto de trabalho adequado ao que se pretende ocorra depois do término da participação no Plug Minas, mas, durante todo o curso os jovens vivenciam e valorizam experiências de trabalhos realizados. Durante as entrevistas foi possível observar que grande parte dos entrevistados conhece jovens que conseguiram trabalho através do Plug Minas, durante ou após a realização do curso. Muitos outros declararam terem sido selecionados para trabalhar através do Plug Minas.

Eu fui indicado para fazer uma exposição aqui pelo banco BDMG. Banco cultural aqui. Também a gente faz alguns trabalhos fora. Eles encaminham a gente pra gente fazer trabalhos para as pequenas empresas em parceria com a OI. (Davi, 17 anos, Oi Kabum)<sup>28</sup>.

Os jovens relatam que existem muitas oportunidades de trabalho através do Plug Minas, e, ainda, ressaltam que as possibilidades de conquista de um emprego podem ocorrer através do núcleo onde o jovem estuda, ou diretamente através do Plug Minas.

Eu acho que o PLUG dá muita oportunidade pra trabalho . NPG<sup>29</sup>, no Caminhos do Futuro, pra dar monitoria, pra fazer oficina, como vai ter agora na festa junina. Eu consegui um emprego pela KABUM. Então eu acho que a gente tem, tem muita

---

<sup>28</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 22 jun. 2012.

<sup>29</sup> Núcleo de Planejamento e Gestão. Responsável pela gestão operacional do Plug Minas como um todo.

gente que consegue emprego aqui, tanto pelo núcleo, quanto pelo PLUG mesmo. (João Pedro, 19 anos, Oi Kabum)<sup>30</sup>.

Além dos trabalhos desenvolvidos concomitantes ao período de estudos no Plug Minas, que inclusive são conseguidos através de ações do próprio programa, os jovens falaram da possibilidade de sair do curso empregado, ou seja, eles creem que trabalharão na área em que estudaram. Essa situação representaria algo ainda mais desejado e interessante para os jovens, pois simboliza o alcance do objetivo de muitos que se matriculam no Plug Minas. Acredita-se que, quando o Plug Minas constrói a mentalidade de que a qualificação ofertada é a porta de entrada para o almejado posto de trabalho, o programa reforça a perspectiva da qualificação.

Tem gente na KABUM que saiu já fazendo a área que gosta, fotografando. E também tem os empregos do PLUG. Eu também fui selecionada para trabalhar no festival do PLUG Minas. (Maria Eduarda, 20 anos, Oi Kabum)<sup>31</sup>.

Toda esta lógica da qualificação, aceita socialmente e reforçada pelos cursos que se propõem qualificadores de pessoas e defendida principalmente pelos setores empresariais, apresenta complicações. Existem estudos que demonstram que a qualificação é uma construção social complexa, pois ter diplomas, de qualquer natureza, não significa acesso ao emprego. Dessa forma pode-se dizer que a qualificação aumenta as possibilidades, mas isso não significa garantia (FRANZOI, 2011). Os estudos de Guimarães, 2009; Sorj, 2000 e Franzoi, 2011, mostram que redes de relações sociais são vias importantes para que o indivíduo tenha acesso ao mercado de trabalho, pois, em alguns casos, elas servem mais ao indivíduo para a conquista de emprego do que a qualificação conquistada através da realização de cursos.

É importante que se diga também, que não se questiona a contribuição da qualificação para o indivíduo que se encontra à procura de emprego, como se a qualificação não representasse um diferencial positivo para o sucesso na conquista de um posto de trabalho. O que estes estudos enfatizam é que os dados empíricos apontam que nem sempre a qualificação resolve o problema do desemprego; porque outros elementos têm sido tão importantes quanto a qualificação ou até mesmo mais eficientes para que o indivíduo consiga se empregar. Entre estes fatores, tem se destacado, a participação em redes de relações sociais, que oportuniza

---

<sup>30</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

<sup>31</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

aos que buscam uma colocação no mercado de trabalho, encontrar pessoas que sirvam como facilitadores para a conquista.

No caso do Plug Minas especificamente existe a formação/qualificação profissional e a formação de uma rede de relações que o próprio programa estabelece com empresas e parceiros do programa. Esse aspecto pode contribuir para uma ampliação do sucesso na busca por empregos para os jovens participantes.

### ***3.1.1 De que tipo de trabalho falam os jovens e como percebem as possibilidades de acessá-lo***

Diante da acentuada importância dada ao trabalho pela juventude, tentou-se entender de que maneira os jovens consideravam o trabalho e de que tipo de trabalho eles falavam, quando declaravam a importância dele para seus projetos de vida. Para o grupo de jovens com o qual se trabalhou nessa pesquisa, a concepção de trabalho, apareceu bem definida e se aproxima bastante do discurso utilizado pelo Plug Minas. O incentivo por parte do programa, ao desenvolvimento da autonomia, do empreendedorismo, da criatividade, do protagonismo juvenil, estimula os alunos a imaginarem e desejarem um posto de trabalho que de alguma maneira corresponda a esse discurso e, conseqüentemente, seja semelhante às atividades desenvolvidas no programa.

O Plug Minas está localizado em um espaço físico, que é marcado pela amplitude de suas instalações, salas bem equipadas, espaços externos gramados, *Lan House* e refeitórios, o que lhe confere, esteticamente, uma condição de lugar atraente para os jovens. Segundo o que os jovens descrevem, o ambiente é caracterizado ainda pela realização de atividades prazerosas, pela acessibilidade aos professores e pela autonomia na realização das mesmas. Por isso a combinação desses fatores é responsável pela satisfação dos jovens com o programa e com as atividades desenvolvidas em suas instalações. Além disso, a experiência no Plug Minas parece servir para que o jovem crie certa associação entre o mundo do trabalho e o ambiente do programa, pois esperam que suas futuras experiências de trabalho, pareçam-se de alguma forma, com as experiências vividas no Plug Minas. Diante dessa expectativa, é que surge a ideia de que se deve trabalhar com o que se gosta.

Foi frequente, no discurso dos jovens desta pesquisa, que o trabalho deve estar associado ao prazer, a fim de amenizar os efeitos negativos da rotina do trabalho; desgaste físico e emocional, a falta de interesse pela profissão e o descontentamento. Muitos exemplos

foram dados durante as entrevistas de jovens que após saírem do Plug Minas empregaram-se na área em que estudaram e que, portanto encontram-se realizando atividades que gostam de realizar, como trabalhar com fotografia, games, arte digital, etc. Nesses momentos, era possível perceber que os exemplos serviam como esperança de que a realização de cursos no Plug Minas garantiria uma inserção profissional qualificada, e, que, por isso seria possível exercer atividades correspondentes ao conhecimento adquirido no programa.

No entanto, a ideia de que o trabalho deve ser prazeroso aparece junto às declarações, também frequentes, de que a função do trabalho é, acima de tudo, gerar um ganho econômico que garanta a realização dos desejos e necessidades dos jovens. Essas foram as duas representações predominantes acerca do tipo de trabalho ideal presentes no imaginário juvenil. Diante disso, percebe-se que existe uma concepção de trabalho ideal que acompanha o discurso desses jovens, pois este deve, ao mesmo tempo, gerar um nível de remuneração adequado aos anseios do trabalhador e, também, ser prazeroso.

Outra característica evidente no discurso juvenil foi o interesse em trabalhar de forma independente, onde seja possível trabalhar por conta própria em uma atividade que lhe proporcione maior autonomia e que não o coloque em uma condição de subordinação, na qual se devem seguir ordens de outras pessoas. Essa orientação reproduz o discurso institucional do Plug Minas sobre o protagonismo, autonomia e empreendedorismo juvenil. A experiência de trabalho vivida pela jovem Maria Eduarda serve a ela como parâmetro para apontar sua expectativa quanto às suas futuras relações com o trabalho. A falta de autonomia, a obrigatoriedade de atender as ordens do patrão e, principalmente, o trabalho com algo que não gosta, aparecem como pontos negativos da experiência vivida.

Eu espero trabalhar em uma coisa que eu goste. Tipo assim. O que eu não quero pra mim. É porque eu já trabalhei. O meu pai tem loja no mercado central e de vez em quando eu trabalho e eu já trabalhei lá também direto. Uma coisa que eu não quero é tipo assim, ser funcionária de alguém. Assim, trabalhar numa loja que você é pau mandado de alguém e você tem que fazer o que a pessoa quer e acatar as ordens do jeito que quer. (Maria Eduarda, 20 anos, OI Kabum)<sup>32</sup>.

Na contramão dessa situação, a imagem do trabalho desejado, que é construída e apresentada pelos jovens entrevistados, relaciona-se ao que faltou na experiência relatada de Maria Eduarda, ou seja, autonomia, criatividade e a possibilidade de trabalhar em uma área que seja de interesse do demandante de emprego.

---

<sup>32</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

Outro desejo muito comum entre os jovens envolvidos com o Plug Minas é aprofundar os estudos realizados no Plug Minas em outras instituições. Inúmeros alunos do núcleo Empreendedorismo Juvenil, que oferece curso técnico em administração, relatam que pretendem fazer curso universitário na mesma área. A passagem pelo Plug Minas é vista por eles como parte de um processo que se completaria com a realização de um curso superior, visando melhorar o nível de profissionalização. Para esses jovens a realização do curso no Plug Minas não é uma ação isolada em suas vidas. Trata-se de uma fase intermediária, uma etapa importante em suas trajetórias sociais. Uma fase de um projeto de vida que se completará mais tarde.

Eu vou fazer curso para profissionalizar no que eu já estou fazendo aqui. Para abrir o meu caminho, que eu nem sabia o que era. Aí eles, sei lá. Agora eu gosto do negócio e vou terminar e vou fazer o curso. (Karine, 18 anos, Oi –Kabum)<sup>33</sup>

É visível a satisfação dos entrevistados com o programa e mais ainda a expectativa que criam em torno dele. Exemplo disso, a jovem Karine que aponta o Plug Minas como responsável por fazê-la perceber o gosto pela área de atuação do núcleo Oi-Kabum (computação gráfica), considera que continuar investindo nessa área “abrirá seu caminho”. O uso da expressão “abrir o caminho” tem a ver com as oportunidades no mundo do trabalho, sucesso profissional e pessoal e ascensão social. Os jovens entrevistados demonstravam confiar que a participação no Plug Minas contribuirá significativamente nesse aspecto.

Na sociedade brasileira, são conhecidas as dificuldades em encontrar postos de trabalho que associem todas essas condições desejadas pelos jovens (trabalhar com o que gosta, ser bem remunerado e ser patrão de si mesmo), especialmente para a maioria dos que participam do Plug Minas (estudantes de escolas públicas, jovens de baixa renda, etc.). Como apontado antes, os postos de trabalho a que os jovens tem tido acesso são marcados pela precariedade das condições, além de, na maioria das vezes, o jovem chegar até ele de forma não totalmente espontânea. Isso ocorre principalmente devido as condições familiares, que exigem complemento de renda para o sustento de seus membros, direcionando para o mundo do trabalho em idade bastante precoce, os jovens que compõem a família.

O desejo de ser dono de alguma empresa ou estabelecimento dificulta ainda mais a possibilidade que esses jovens têm de sair do programa e conseguir uma inserção laboral em um ambiente que ofereça as características do trabalho do tipo ideal presente no imaginário dos jovens que participaram desta pesquisa.

---

<sup>33</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

Os jovens que se encontram matriculados no Plug Minas, aparentemente, são detentores de uma condição que favorece um tempo maior de preparação educacional, para que depois isso possa permitir a eles fazer escolhas profissionais ou mesmo ter acesso ao emprego mais próximo do que eles considerarem ideal. Ao menos é assim que o programa e eles mesmos se veem, já que entendem que um dos objetivos em estar ali é essa preparação. Essa visão otimista em torno desses jovens pode trazer implicação no momento em que estes forem de fato em busca de empregos fora da tutela do Plug Minas, pois, quando esses jovens depararem-se com oportunidades de empregos que não trazem as características do emprego idealizado, cuja construção se deu durante a participação no programa, pode haver uma total inadequação desses jovens frente à realidade encontrada.

Caso isso ocorra, o que parece provável, se houver a manutenção da tendência atual dos jovens trabalhadores ocuparem os piores postos de trabalho, estes saberão de forma prática que a lógica da qualificação é falha e que qualificação não é sinônimo de emprego garantido e, ainda que empregos com boas condições de trabalho não tem sido de fácil acesso aos jovens. Entende-se, portanto, que toda a expectativa presente no discurso dos jovens entrevistados pode gerar frustrações futuras. Essa situação colocaria o jovem frente a uma realidade bastante distinta daquela que lhe é apresentada pelo Plug Minas.

Se manter em cursos de qualificação e ter a oportunidade de registrar essa experiência em seu currículo, é uma forma do jovem tentar evitar essas frustrações futuras com o mercado de trabalho. Porém muitos jovens precisam lidar com as dificuldades encontradas para se qualificarem. Embora os entrevistados se encontrem satisfeitos com o Plug Minas, alguns deles deram indicações sobre dificuldades que encontram para permanecerem no programa, como: a necessidade de começar a trabalhar cedo, mais evidente em alguns grupos sociais, o que revela um paradoxo que acompanha parte da juventude entrevistada.

Enquanto a maioria dos jovens desta pesquisa demonstrou não haver fatores significativos que impedissem sua participação no Plug Minas, outros se encontravam em meio a esse grande paradoxo. O Plug Minas representava para estes, uma opção ambígua que poderia tanto contribuir para a qualificação e conseqüentemente para a conquista futura de um bom posto de trabalho, quanto ser um empecilho ao trabalho no presente, já que por razões de tempo, o jovem tinha que escolher entre trabalhar ou participar do programa. Esse impasse ganha relevância, já que muitos desses jovens são de famílias pobres e vivem em periferias e se encontram em situação de vida precária.

A necessidade ou o desejo de trabalhar leva os jovens a terem dúvidas entre permanecer ou se desvincular do Plug Minas. A opção por sair está relacionada à necessidade que alguns jovens têm de ajudar no sustento familiar. Essa necessidade existe, sobretudo para aqueles que têm grande número de irmãos que moram na mesma casa. No entanto esses jovens associavam a possível saída do Plug Minas com uma diminuição das possibilidades de conseguir empregos melhores futuramente, portanto eles demonstraram consciência de que, se não continuarem no Plug Minas, podem interromper um processo de qualificação que servirá como possibilidade de melhoria de vida por meio do acesso a empregos diferentes daqueles chamados por eles de “emprego lero, lero” ou “emprego chulé”. Tipos de postos de trabalho precarizados. É o que mostra as falas de duas jovens transcritas abaixo:

Eu tô procurando emprego. Eu tô sem emprego. Eu já pensei em sair para poder arrumar emprego, porque ficar sem dinheiro é muito ruim. Ainda mais lá em casa que são oito pessoas que moram. Todo mundo junto. Então ficar sem dinheiro é muito ruim. Tô procurando emprego, mas eu vou esperar terminar a kabum. Pretendo ficar mais um ano se rolar mais alguma coisa para mim ficar e também não arrumar um emprego “lero lero”. Primeiro eu quero terminar o estudo. (Karine, 18 anos, Oi –Kabum)<sup>34</sup>

Não é pra arrumar um emprego chulé. Tem que pensar no seu futuro também. Assim, tem que tentar equilibrar uma coisa e outra. (Janaina, 20 anos, Oi Kabum)<sup>35</sup>.

Como apresentado anteriormente, a juventude entende que ter emprego é essencial para a realização dos anseios típicos dessa fase da vida, porque os principais anseios, como consumo, autonomia e reconhecimento social, que serão retomados mais a frente, são em grande medida dependentes do trabalho. Porém se é consenso entre os jovens a necessidade de emprego e a ideia que o Plug Minas traz benefícios nesse aspecto, é também consenso entre eles que os empregos a que eles têm acesso não atendem de forma satisfatória esses anseios e necessidades.

O trabalho de campo mostrou que os jovens têm consciência de que os postos de trabalho que estão acessíveis a eles são postos de trabalho com condições pouco favoráveis à realização dos seus anseios. Serviços temporários, informais, de baixa remuneração e estágios são descritos como atividades predominantes ofertadas aos jovens. Na percepção deles, esses tipos de trabalho são os que mais facilmente pode-se encontrar nessa fase da vida, portanto eles sabem que conquistar tipos de trabalhos diferentes depende, em larga medida, ou mesmo

<sup>34</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

<sup>35</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

de forma exclusiva, das capacidades individuais de cada um e da busca por qualificação constante.

Geralmente, o que lhes é oferecido são ocupações como operadores de telemarketing, caixas de supermercados, Office –boys ou ocupações similares. Quando foram questionados sobre o que consideravam acerca dessas ocupações, muitos responderam que eram péssimas por não dar a eles condições de crescimento profissional e realização de seus projetos de vida. A fala de um jovem de 19 anos do núcleo Oi – Kabum é representativa nesse sentido:

Ah! Você não tem perspectiva de crescer. Como que eu vou crescer sendo um funcionário de telemarketing? (João Pedro, 19 anos, OI- Kabum!)<sup>36</sup>

Diante da realidade social encontrada, marcada pelo paradoxo da grande expectativa juvenil por emprego e da pequena possibilidade real de um jovem conseguir sua inserção em um posto de trabalho, que atenda suas expectativas de consumo e autonomia, observa-se a existência do desencontro entre o que o jovem tem buscado e o que ele tem encontrado no mundo do trabalho. Há uma grande disparidade entre aquilo que o trabalho representa para o jovem, com todos os sentidos criados em torno dele, e o mercado de trabalho contemporâneo que é marcado pela seletividade e pela oferta de empregos precarizados para os grupos juvenis.

O trabalho traz para o jovem uma série de benefícios e oportunidades, mesmo quando este ocupa postos de trabalho que oferecem poucas vantagens. Por isso ocorre o desejo de trabalhar e a valorização do trabalho por parte dos jovens. No entanto, a expectativa existente entre as populações juvenis que continuam a esperar uma série de vantagens e oportunidades por meio do trabalho e a oferta cada vez mais reduzida dessas vantagens e oportunidades para a juventude no cenário atual, colocam o jovem em uma situação ambivalente.

Diante da realidade e das expectativas juvenis não atendidas, o Plug Minas aparece na percepção dos jovens como instituição capaz de auxiliar a juventude para resolver esse problema, já que é percebido pelos jovens como programa capaz de qualificar e preparar o jovem para ocupar postos de trabalhos mais próximos daquele tipo considerado ideal. Se existe entre os jovens a consciência sobre as condições que dispõe o jovem no mercado de trabalho, existe também, de forma mais latente a expectativa que a participação em cursos de qualificação possa alterar essa situação.

---

<sup>36</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

A efetividade do programa no que se refere à preparação dos jovens para o mundo do trabalho é defendida pelos jovens entrevistados e exteriorizada por eles através da satisfação percebida em suas falas. A satisfação está relacionada com alguns aspectos considerados pelos jovens como diferencial do programa, como a acessibilidade aos professores, a estrutura moderna, com base nas tecnologias digitais, as oportunidades que o Plug Minas oferece para o jovem se expressar e participar dos processos que o envolvem, a concretização na aquisição de conhecimento, além da possibilidade de relacionamentos e convívio com pessoas diversificadas, são os pontos mais citados. Esses aspectos foram recorrentemente apontados como sendo o que faz os jovens desejarem permanecer no Plug Minas.

Na concepção juvenil, as habilidades que são adquiridas no Plug Minas, quer estejam relacionadas ao conhecimento adquirido ou ao desenvolvimento de características pessoais como tolerância, compromisso, responsabilidade e habilidade para trabalhar em grupo, são traços que servirão como diferencial para os jovens que participam de algum dos núcleos do programa, para que estes estejam melhor preparados em meio ao atual e competitivo mundo do trabalho.

Os jovens entrevistados percebiam-se em uma posição diferenciada em meio a esses impasses do mundo do trabalho. Ao mesmo tempo em que reconheciam as dificuldades para encontrar empregos que fossem considerados bons, eles não se viam como pertencentes ao grupo de jovens com dificuldades para se inserir qualificadamente no mercado de trabalho, em função da participação no Plug Minas. Se no momento em que esta pesquisa se desenvolvia os jovens não estavam empregados em ocupações consideradas adequadas, essa situação parecia não ser vista como problema, já que a expectativa era que ao final da participação no Plug Minas isso se resolveria.

É importante destacar que as análises permitiram perceber uma amplitude de possibilidades positivas que os jovens participantes do Plug Minas acreditam ter por estarem envolvidos nos núcleos do programa. Embora nossas investigações buscassem informações sobre a relação entre juventude e trabalho, as entrevistas feitas mostraram possibilidades de outras interpretações acerca do universo juvenil e da motivação para participar do Plug Minas. Embora a procura por esse programa e a permanência dos jovens nele tenha relação direta com o desejo de inserção no mercado de trabalho e com perspectivas futuras, muitos deles demonstraram através da fala, a valorização dos processos de sociabilidades que são construídos com os outros jovens participantes do programa, o que extrapola a noção de participar do Plug Minas apenas para se habilitar para o trabalho.

Para alguns entrevistados a motivação para permanecer no Plug Minas era a possibilidade de contato com outros jovens, as amizades que são estabelecidas durante as atividades dos núcleos, o uso variado do espaço que a sede do programa dispõe, quer seja para as atividades dos cursos ou para o lazer em horários livres e toda a infraestrutura que o lugar oferece. Para esses jovens, mesmo que as pretensões relacionadas ao mundo do trabalho aparecessem como motivação, ela não se limitava a esse fator. Os processos de sociabilidades, lazer, o conhecimento de novas pessoas, lugares e possibilidades de interação social são significativos e aparecem como resposta à pergunta sobre a motivação dos jovens para a permanência no programa.

Percebe-se ainda que a participação no Plug Minas é importante para a construção das identidades juvenis. Cada núcleo parece contribuir para a construção de identidades específicas como marca de distinção para os jovens que dele participam. Os jovens do núcleo Empreendedorismo juvenil eram vistos pelos demais como os mais “certinhos”, enquanto que os do núcleo Valores de Minas eram vistos e se viam como os mais “extrovertidos, malucos e diferentes”, conforme apontou uma jovem do próprio núcleo. Os demais núcleos também carregavam essas marcas de distinção, sempre evidenciadas pelos jovens para diferenciar seu núcleo e eles mesmos dos demais jovens dos outros núcleos.

Diante disso, entende-se que as pretensões relacionadas ao mundo do trabalho não dão conta de toda a complexidade inerente às relações sociais que se desenvolvem dentro e fora do Plug Minas e que envolvem os jovens que dele participam, mesmo que este seja um fator determinante das motivações.

### ***3.1.2 O trabalho como elemento estratégico para a autonomia e consumo juvenil na sociedade contemporânea***

A estrutura contemporânea de organização social tende a conduzir o interesse do jovem para o trabalho, principalmente por sua capacidade de possibilitar o acesso ao consumo. Os processos de consumo são considerados de grande importância entre as atividades sociais que se desenvolvem atualmente e contribuem de forma decisiva para a construção identitária dos jovens. Dessa maneira, o trabalho, entre os jovens, é valorizado e tido como necessário, primeiramente por ser visto como instrumento que potencializa os processos de identificação juvenis, muitas vezes construídos através da posse de produtos que são adquiridos via consumo que servem a eles como marca de distinção social. O dinheiro

conseguido por meio do trabalho permite ao jovem se sentir parte ativa de uma sociedade marcada pelas modas fugazes e pela constante renovação dos desejos. Então, deriva-se, dessa situação, o valor atribuído pelo jovem ao trabalho, já que este enxerga nele o meio mais acessível, se não o único, para conseguir dinheiro.

Ficou evidente, durante as entrevistas, que para os jovens a função primária do trabalho é a possibilidade de gerar dinheiro para o indivíduo. Embora outras vantagens possam ser alcançadas por meio do trabalho, o dinheiro conseguido em consequência dele é apontado como primeiro motivador para que o jovem procure se estabelecer em um emprego. Como é possível perceber nas falas abaixo:

Acho que o que mais tem é jovem querendo trabalhar cedo pra conseguir dinheiro. (Denise, 17 anos, Laboratório de Culturas do Mundo)<sup>37</sup>.

Então assim, não trabalhar é como se tivesse me matando, porque ficar sem dinheiro é muito ruim. Tem que sair, você não tem dinheiro, você tem que ficar pedindo seu pai. Ele pergunta pra que. Ai você fica ai meu deus, tem que ficar dando explicação pra quê que eu quero dinheiro. Então assim, sei lá, ficar sem dinheiro é muito ruim. (Laura, 17 anos, valores de Minas)<sup>38</sup>

Nota-se que o dinheiro para o jovem aparece como condição elementar para a realização de um estilo de vida típico da sociedade contemporânea, já que sua posse além de permitir o consumo imediato, garante a autonomia em relação aos pais, evitando a necessidade de explicações toda vez que se pede dinheiro a eles. O dinheiro serve antes de tudo para o consumo imediato, pois os jovens entendem que dinheiro não serve para ser guardado. Como explica o jovem Gabriel:

Adoro gastar no shopping. Eu gasto com tudo. Com roupa, com shopping. Porque você é adolescente, tem dinheiro na mão não é pra ficar. (Gabriel, 17 anos, INOVE)<sup>39</sup>.

Outras formas de utilização do dinheiro, que não seja o consumo imediato, parece ser algo impensável para a juventude que entende que dinheiro não deve ser economizado, pelo menos enquanto se é jovem. A utilização do dinheiro está relacionada à satisfação de desejos, constantemente renováveis, de consumo. Fazer economia para o futuro ou colaborar com as despesas de casa, foram ideias pouco relevantes nas falas dos jovens, quando questionados sobre a utilidade do dinheiro para eles.

<sup>37</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

<sup>38</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

<sup>39</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 22 jun. 2012.

O desejo de frequentar o shopping aparece como atividade preferida da grande maioria dos jovens entrevistados. Embora, muitas vezes o consumo juvenil ali se restrinja à alimentação e ao ingresso do cinema, ao jovem também interessa a sensação de estar naquele lugar, ser visto e percebido pelos demais, o que também pode ser entendido como uma forma de consumo do próprio lugar. O estar no shopping parece ser percebido pelos jovens como uma indicação de pertencimento ao grupo daqueles que representam bem a juventude contemporânea, munidos de autonomia e poder de consumo.

Se levarmos em conta que as culturas juvenis, como aponta Pereira e Garbin (2010), são performativas e que os próprios corpos dos jovens servem como marcas de pertencimento e processos de identificações, o consumo, que é representado pelo que se veste, adereços corporais, o que se come e onde se está, ganha muita relevância para a definição das identidades juvenis. Nesse processo, o jovem contemporâneo absorve os valores da sociedade de consumo e passa a entender a condição de ser consumista como algo desejável. Mesmo quando percebem que o consumo pode prejudicar e atrapalhar sua organização financeira e pessoal, consumir é tido por eles como algo positivo. Como explicam os jovens abaixo:

Então, assim, eu tenho que parar com essa coisa de comprar demais, me conscientizar e economizar um pouco mais. Às vezes isso me atrapalha. Fico meio perdido nisso tudo, mas é bom. (Davi, 17 anos, Oi-Kabum!)<sup>40</sup>

Eu gosto muito de ir para o shopping, cinema. Eu gosto muito de moda, ai eu gosto de olhar assim. Sou meio consumista também. (Alice, 16 anos, INOVE)<sup>41</sup>

Nas entrevistas foi observado que não existe uma relação entre o consumo juvenil e a necessidade. Para os jovens o consumo parece não ter relação significativa com a necessidade, mas sim com o desejo. Embora não seja impossível identificar produtos que o jovem, ao mesmo tempo, declare desejar e necessitar, nem sempre essa situação é verificada. As necessidades quanto existem podem ser velozmente passageiras, acompanhando o ritmo que guia a sociedade contemporânea. Em questão de dias, o que fazia todo o sentido para um jovem, perde o sentido e logo a utilidade. O comprar, o poder consumir são ações que ganham valor em si mesmas e passam a motivar o ato da compra totalmente desvinculado da ideia de necessidade. Na fala do jovem Jonathan, percebe-se uma anulação da lógica necessidade/consumo, quando ele declara que seu desejo para comprar se dá mediante àqueles produtos que ele não precisa.

---

<sup>40</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 22 jun. 2012.

<sup>41</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

Às vezes eu vejo uma coisa assim e eu não preciso. É uma coisa, um defeito que eu tenho que consertar em mim. Tudo que eu não preciso, eu quero comprar (risos). Eu tenho que parar com isso. Eu sou um tanto consumista. (Jonathan, 18 anos, laboratório de Culturas do Mundo)<sup>42</sup>

O jovem Samuel é enfático ao dizer que se tiver dinheiro, compra, mesmo que o produto não seja útil a ele. Caso ele goste do que vê, somente não compra, se não tiver o dinheiro.

Se eu ver uma coisa, assim, que me agrada, pode não ser muito útil pra mim, mas se eu gostar, aí eu vou comprar, se eu tiver dinheiro. (Samuel, 18 anos, Laboratório de Culturas do Mundo)<sup>43</sup>

A aquisição de produtos que não são úteis ocorre de forma acentuada entre os jovens, que demonstram fazer desse processo de aquisição um momento em que praticam algo que se identifica com o ser jovem atualmente. O poder de consumir parece ter maior importância do que o de ter a posse dos produtos, assim como o poder de frequentar determinados lugares, como o shopping e renovar esse poder através da aquisição de dinheiro, parece ser mais importante do que estar em outros lugares que não sejam, tão explicitamente, identificados com a sociedade atual.

Ao que parece, os jovens entrevistados não são capazes de visualizar muitas possibilidades para a realização do desejo de consumo sem contar com o dinheiro adquirido com o próprio trabalho. Não se trata de uma afirmação, mas é possível que se pense que o fato de todos os jovens envolvidos, nesta pesquisa, serem estudantes ou egressos de escolas públicas, indique que a maioria destes pertençam a contextos sociais onde não se pode contar com recursos de pais ou de outros membros familiares para a realização de seus desejos de consumo, em níveis que satisfaçam seus anseios. Como estão inseridos em um contexto social de valorização do consumo, os jovens entendem que a forma de ter acesso ao que se deseja é através da conquista do dinheiro, que para o grupo pesquisado é possível, principalmente, através do trabalho.

As atividades mais mencionadas pelos jovens entrevistados, quando questionados sobre qual é a utilidade do dinheiro, foram: o consumo, as possibilidades de frequentar determinados lugares como o shopping, de estar junto com os amigos e ter maior autonomia

---

<sup>42</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 27 jun. 2012.

<sup>43</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 27 jun. 2012.

para consumir sem a necessidade de pedir dinheiro aos pais. Quando foram perguntados porque o jovem se preocupa tanto em ter emprego, a resposta predominante foi: para ter dinheiro. Logo, entende-se que o trabalho tem se destacado como assunto central no interesse da juventude, porque ele é percebido como o principal meio que possibilita ao jovem um estilo de vida, que é considerado por ele, como adequado e típico da juventude contemporânea, dependente, em grande parte, da posse do dinheiro que o habilita para o consumo.

Em alguns momentos, o desejo de estar empregado parece estar exclusivamente relacionado a possibilidade de ter dinheiro para consumir. Verificou-se que o trabalho aparece também como condição para outras pretensões dos jovens, como ter autonomia ou ser reconhecido como trabalhador, porém, o consumo se destaca como pretensão mais determinante para o desejo de trabalhar.

O consumo, em alguns momentos, aparece com a conotação de “vício”. Observa-se na fala da jovem Valéria a necessidade constante de consumir determinados produtos todas as vezes que ela se encontra em situações específicas. Valéria diz que se não consumir produtos do McDonalds, todas as vezes que ela vai ao shopping, ela volta para casa com a sensação de não ter ido ao shopping.

E, assim, é um negócio compulsivo. Se eu for no shopping e não for comer um sanduíche no McDonalds, é como se eu não tivesse ido. Ou se não tomar um sorvete, nem que seja uma casquinha. É como se eu não tivesse ido. Então, é uma tentação. (Valéria, 22 anos, Laboratório de Culturas do Mundo)<sup>44</sup>

Alguns entrevistados apresentam exemplos do consumo de gêneros de baixo custo e que ocorrem corriqueiramente, como no caso do sanduíche ou do sorvete do McDonalds. Outros se referem ao consumo, quando falam sobre seus projetos de vida, e colocam a capacidade de consumir como parte dos planos para o futuro. Independente da maneira, o consumo sempre apareceu como elemento relevante quando os jovens falavam sobre seus cotidianos ou expectativas para o futuro.

Eu estipulei uma meta pra mim, que daqui cinco anos, eu pretendo estar numa estabilidade de vida, Não ser rica, mas eu quero estar numa estabilidade assim, onde eu possa entrar em qualquer lugar e falar assim: eu quero aquilo e eu posso comprar aquilo à vista. (Valéria, 22 anos, Laboratório de Culturas do Mundo)<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 27 jun. 2012.

<sup>45</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 27 jun. 2012.

Na sociedade contemporânea ou apenas sociedade do consumo, o que se consome é secundário, pois o importante é poder consumir, tanto no presente quanto no futuro; mas para que essa conquista torne-se real é necessário trabalhar. Para a grande maioria dos jovens desta pesquisa, essa possibilidade apenas existe, ou existe de forma mais ampliada, quando se tem um posto de trabalho que gere renda ao indivíduo. Dessa forma, não ter trabalho, para uma grande parcela dos jovens, é o mesmo que estar impedido de participar da sociedade contemporânea, através do que ela tem de mais característico, que é a constante aquisição de produtos que rapidamente são desprezados por seus proprietários, e substituídos por novos produtos no mercado.

Ficou claro, durante as investigações, que a maioria dos jovens entrevistados entendia o trabalho como único meio para concretizar a posse do dinheiro. Diante disso, os tipos de trabalho que os jovens conseguem não desqualificam o desejo juvenil pela posse de um posto de trabalho. Na concepção dos jovens entrevistados, ter emprego, mesmo que do tipo descrito anteriormente como de mais fácil acesso a eles, independente do salário e das condições, confere ao indivíduo a possibilidade de ter atendidas suas expectativas, mesmo que de forma parcial. E isto por si só já justifica a valorização e a busca por algum tipo de inserção laboral.

A primeira coisa que apareceu pra mim, depois de tanto tempo procurando um emprego, foi uma padaria. Eu entrei lá pra dentro meu filho e foi isso mesmo. É. Fiquei cheia de marca, aprendi a fazer pão, fazer um monte de coisas, mas é isso aí. Ganhei dinheiro. (Laura, 17 anos, Valores de Minas) <sup>46</sup>

Nesse caso a jovem demonstra uma postura paradoxal frente ao trabalho que ela desempenha, pois ao mesmo tempo em que ela não o considera como ideal, quando se refere a ele como “a primeira coisa que apareceu”, ela o valoriza, porque ele possibilita o acesso ao tão desejado dinheiro. É interessante observar que, embora os jovens entrevistados percebam que estes postos de trabalho que têm sido ocupados por eles, não são adequados e não correspondem às suas demandas de forma satisfatória, os mesmos se submetem a essas ocupações, a fim de evitar uma situação pior que seria a de estar desempregado e, conseqüentemente, sem dinheiro. Essa situação coloca esse jovem em uma condição social de impossibilidade de se sustentar, de ter autonomia e também de poder consumir.

Conforme sugere Leite (2009), o jovem entende que qualquer inserção ocupacional, por mais precarizada e deteriorada que seja, é essencial na vida de um indivíduo, pois é ela

---

<sup>46</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 25 jun. 2012.

que garante sua sobrevivência e a satisfação de seus desejos. Em relação aos jovens, a inserção no mercado de trabalho garante ainda a ideia de possibilidade de vivenciar a fase juvenil de forma mais próxima do que eles entendem como adequado. Ser detentor de um emprego significa evitar o não ter dinheiro e conseqüentemente ver sua autonomia para se locomover pela cidade e para consumir, restringida. Esta situação ameaçaria a liberdade do jovem, impedindo sua independência.

Eu acho que independência é o que todo jovem quer. Todo mundo, mas o jovem principalmente. Jovem precisa de dinheiro. Eu acho que isso é tudo pro jovem. (Isabella, 18 anos, Empreendedorismo juvenil)

Não ter dinheiro, portanto é uma situação que deve ser evitada a todo custo, pois significa dependência, menos possibilidade de consumo e dificuldade de interação com os amigos nos lugares preferidos para passeio, como o shopping. Além de restringir a sensação de autonomia tão almejada por aqueles que vivem essa fase da vida. A ideia, expressa na fala apresentada acima, de que o jovem precisa de independência e de dinheiro, foi repetida inúmeras vezes durante o trabalho de campo. Essa necessidade de ter dinheiro e a impossibilidade para conquistá-lo por outros meios que não seja por meio do trabalho faz com que os jovens estabeleçam-se em postos de trabalhos, que, por um lado, são precarizados e por isso oferecem baixas remunerações, mas que por outro, de alguma maneira, atendem parte de seus anseios.

### ***3.1.3 Reconhecimento social pela via do trabalho***

Embora seja destacado o interesse juvenil pelo trabalho em função da possibilidade do acesso ao dinheiro, o interesse não se limita apenas a esse fator. Como os entrevistados demonstraram valorizar o trabalho, mesmo quando este não oferecia grandes benefícios que fossem úteis para atender seus desejos de consumo e autonomia, buscou-se outras possíveis motivações para a valorização do trabalho. A partir dessa investigação, percebeu-se que o trabalho, mesmo quando de baixa remuneração e que oferece poucas garantias ao trabalhador, interessa ao jovem, pois este vê na condição de trabalhador uma forma de ser reconhecido e valorizado socialmente.

Esse é o caso dos jovens que trabalham como estagiários. O estágio é um tipo de trabalho com remuneração baixa e com período pré-determinado para permanência do

empregado, por essa razão não é visto como um tipo de trabalho adequado e capaz de satisfazer de forma plena os anseios juvenis. Mas, se por um lado o estágio não corresponde aos desejos de boas condições que podem ser representadas por alta remuneração e estabilidade profissional, por outro representa a possibilidade do jovem se reconhecer e ser reconhecido socialmente como trabalhador.

Eu comecei também a fazer estágio com 15 anos, na escola. E eu achava o máximo, quando me perguntavam, assim, cê trabalha? Trabalho, eu faço estágio. Eu sou estagiária, eu achava lindo. Eu acho o máximo, assim. É muito gostoso isso, porque parece que você tá dizendo assim: eu tenho independência, eu me banco, independente de qualquer outra coisa o que eu quiser fazer, eu posso fazer aquilo e pronto. (Denise, 17 anos, Laboratório de Culturas do Mundo)<sup>47</sup>

Tendo por referência a fala da jovem acima o valor do trabalho não está vinculado à possibilidade de gerar recursos que potencializam o consumo em grande escala, mas à possibilidade que essa jovem tem de se apresentar a outras pessoas como alguém que trabalhava, mesmo que fosse como estagiária. A condição social de trabalhadora permitia a esta jovem se reconhecer como alguém independente, capaz de se sustentar e de satisfazer seus desejos sem depender de outras pessoas.

Por vezes, pareceu controverso a valorização do estágio por alguns jovens, em um ambiente onde muitos outros o desqualificavam e o viam como trabalho inadequado. O jovem Gabriel, quando perguntado sobre qual o tipo de trabalho que o jovem tem acesso e se esse tipo era bom ou ruim, responde:

O jovem é estagiário. A maioria é estagiário. Nesta função você pode trabalhar como escraviário. (Gabriel, 17 anos, Inove)<sup>48</sup>

O uso da expressão “escraviário” foi bem compreendido entre os jovens participantes da entrevista em grupo, que através de falas simultâneas e manifestações de confirmação concordaram com o jovem sobre o que representa o estágio. A relação que se faz entre o trabalho de um estagiário e de um escravo tem a ver com trabalho mal remunerado e que não oferece boas condições de trabalho, tendência predominante para trabalhadores estagiários. O

---

<sup>47</sup>Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 27 jun. 2012.

<sup>48</sup>Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 22 jun. 2012.

estágio é visto pela maioria dos jovens como um tipo de trabalho que se ocupa por não ter a possibilidade de ocupar outro que lhe seja mais vantajoso.

No entanto, alguns jovens que trabalham em estágios sentem-se bem sendo reconhecidos como estagiários. Isso porque esta ocupação lhe confere o status de jovem independente em oposição ao jovem que não trabalha e que por essa razão é limitado em suas ações e desejos, pela dependência dos pais. Diante disso, entende-se que para alguns jovens interessa ser trabalhador pelo reconhecimento ou status social que essa condição vai lhe proporcionar, o que coloca em segundo plano, outras vantagens dessa condição, como a real autonomia e a capacidade de consumo.

Essa divergência que é percebida entre jovens que valorizam e jovens que não valorizam o estágio como uma forma de emprego, guarda relação também com o aspecto que mencionamos no início desse estudo, da necessidade de considerar a juventude a partir de perspectivas diversas. A opinião juvenil sobre renda, condições de trabalho e benefícios advindos do cargo ocupado pode variar significativamente se considera-se a origem familiar e, principalmente, a renda da família a que o jovem pertence. Assim, o estágio pode representar para alguns jovens uma forma de emprego inadequada, que não atende as expectativas criadas, enquanto que, ao mesmo tempo, pode representar para outros jovens um objetivo a ser alcançado, por se tratar de um tipo de ocupação visto como oportunidade de inserção no mercado de trabalho.

O desejo de ser reconhecido socialmente como trabalhador e a valorização deste reconhecimento, demonstrados na fala da jovem Denise, apresentada anteriormente, em alguns casos, tem relação com a incorporação de princípios culturais que ocorre com jovens que nascem e crescem em meio a familiares que constituem a classe trabalhadora. Para Guedes (1997), a vida de jovens advindos de classes trabalhadoras é marcada por um processo de aprendizado que se constitui concomitantemente à criação do indivíduo dentro de seu ambiente familiar. Assim, quando o jovem inicia sua vida profissional, ele já foi transformado em um trabalhador. Conforme aponta a autora, os homens reproduzem-se no interior de uma cultura, de forma que o jovem, que têm pais que compõem a classe de trabalhadores, desejará ser trabalhador como parte de sua identidade, o que contrasta com a ideia de desocupados e vagabundos. Condições sociais que carregam certo estigma.

Essa situação explica a postura de alguns jovens que mesmo diante de empregos com baixa remuneração e condições de trabalho pouco favoráveis, valorizam estas ocupações. Para esses a possibilidade e mesmo a necessidade de trabalhar é uma realidade presente desde

muito cedo. É assim que estes se deparam com as primeiras oportunidades de trabalhar e iniciam sua vida como trabalhador, já que esta posição, além de ser necessária para a manutenção, serve também como um fator de prestígio social entre os outros indivíduos do mesmo grupo.

Um processo pedagógico, natural e mesmo inconsciente é desenvolvido dentro do processo de criação e socialização dos jovens que vivem nesse meio, o que provoca o desejo de ser trabalhador como uma forma de marca identitária distintiva e mesmo de reconhecimento social. Embora menos evidente nas falas, em alguns momentos pode-se perceber o desejo de ser reconhecido socialmente pela via do trabalho, isolado ou concomitantemente ao desejo de consumo e autonomia, como atesta a fala desta jovem:

Eu não penso assim: ganhar milhões com isso não. Mas eu gostaria de ser reconhecida pelo meu trabalho. Não só passar num concurso e trabalhar ali. Vou chegar, fazer um projeto talvez. Vou chegar aos poucos, sabe? Vou entrar nas comunidades aos poucos, por onde eu moro, pelos meus amigos. Porque a maioria dos meus amigos mora na periferia. Entendeu? (Amanda, 17 anos, Valores de Minas)<sup>49</sup>.

Percebe-se que a jovem Amanda coloca a questão do reconhecimento social em primeiro plano e, ainda, aponta o desejo de trabalhar em meio às pessoas que fazem parte do seu convívio social. Esse desejo parece ser para Amanda mais relevante do que o desejo de ganhar dinheiro através do trabalho. Tal postura corrobora a ideia de que o desejo de ter trabalho também se encontra relacionado ao orgulho que o trabalhador tem de produzir e ser reconhecido positivamente por esta condição. (GUEDES, 1997).

Diante disso, entende-se que para o jovem, o desejo de ter emprego não está vinculado exclusivamente à possibilidade da renda, para assim poder consumir em larga escala ou ampliar consideravelmente sua autonomia frente à família e à sociedade. Embora essa relação seja a mais facilmente percebível, encontram-se outras motivações, como esta que é relacionada à identidade social, uma vez que o reconhecimento do indivíduo como trabalhador é muito valorizado em alguns contextos sociais e atua como motivação principal para a procura e o desejo por emprego.

---

<sup>49</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no Plug Minas em 26 jun. 2012.

## CONCLUSÃO

Para finalizar esta dissertação retomo as hipóteses que foram norteadoras da investigação, tanto na elaboração do referencial teórico, quanto no campo empírico, e que possibilitaram os apontamentos feitos neste estudo. É importante destacar que os resultados aqui apresentados não têm a pretensão de serem conclusivos, pois entende-se que as relações entre juventude e o mundo do trabalho são bastante complexas e exigem constantes análises e novos apontamentos. Esse estudo tem a intencionalidade de fazer uma reflexão que possa contribuir para a produção científica e colocar em debate as percepções da juventude sobre o trabalho. É necessário ainda apontar que para este estudo foi considerado como jovens os estudantes ou egressos de escolas públicas de Belo Horizonte e região metropolitana, de idade entre 14 e 24 anos, participantes ou que se inscreveram para participar do Plug Minas no ano de 2012.

Entre as questões analisadas, merece destaque a importância do trabalho na vida do jovem contemporâneo. Nesse aspecto, percebe-se que o trabalho, mesmo tendo sido alterado a partir da década de 70, em suas formas e sentidos, passando a ter a flexibilização e a precarização como principais marcas do processo produtivo e das relações de trabalho, continua sendo considerado assunto de importância central para a juventude brasileira e para os jovens que participaram da pesquisa. Mesmo conhecidos como grupo social com grandes dificuldades de inserção em postos de trabalho que não sejam marcados pela precarização e pela ausência de estabilidade, os jovens consideram o trabalho assunto de maior relevância para seus projetos de vida. Suas justificativas estão centradas na percepção de que o indivíduo que trabalha garante a sua sobrevivência, a realização de seus desejos e o acesso a bens materiais e simbólicos.

Assim é possível afirmar que o trabalho é valorizado não como um fim em si mesmo, mas como instrumento que potencializa, principalmente, a realização de desejos e o poder de consumo. Esse fato foi observado especialmente nos discursos dos jovens pertencentes a camadas sociais mais baixas. Para esses, não ter emprego significa limitação de possibilidades em vários campos de sua vida. Por essa razão, valorizam os postos de trabalho, mesmo quando não atendem de forma plena suas expectativas.

Os meios de comunicação de massa, na sociedade contemporânea motivam o sujeito a desejar produtos oferecidos no mercado por meio de propagandas sedutoras e instigantes. A partir da década de 60 o consumo atingiu uma significativa dimensão no que se refere à

produção e a diversificação de mercadorias, contribuindo para que os bens e produtos fiquem ultrapassados em curto espaço de tempo, e, com efeito, sejam substituídos em ritmo acelerado. Isso facilita o processo compulsivo de compra e a necessidade de inovação constante. A juventude, por estar diretamente relacionada a essa dinâmica da sociedade atual, aparece como grupo estratégico para o funcionamento e manutenção dessa forma de organização social. Nesse contexto, os pais, especialmente de camadas sociais menos privilegiadas, não conseguem sustentar os anseios dos filhos relacionados ao consumo e, em decorrência disso, os jovens buscam formas para garantir sua inserção no mercado laboral, já que percebem nele uma possibilidade de realização de seus desejos e suprimento de suas necessidades.

Os participantes da pesquisa entendem que o trabalho possibilita o acesso ao mercado de consumo, pois por meio dele podem conseguir dinheiro para a compra de bens desejados, como celulares, tênis, camisetas de marcas específicas, equipamentos eletrônicos variados, etc. Essa percepção motiva jovens de idade ainda bastante precoce a buscar um posto de trabalho.

Outro desejo do jovem contemporâneo, constatado nesta pesquisa é o de conquistar autonomia, especificamente relacionado à família e à sociedade. O desejo de se distanciar da família, para fazer suas próprias escolhas, expressar suas opiniões, posicionamentos, locomover-se e compartilhar espaços com pessoas diferentes daquelas que compõem sua família, se relaciona à construção da imagem do jovem independente. No entanto, percebe-se uma ambivalência nesse posicionamento, pois, ao mesmo tempo em que almeja autonomia e maior independência em relação à família, não quer sair do ambiente familiar por completo, já que nesse ambiente ele pode desfrutar das vantagens que existem em morar com os pais.

Na concepção juvenil, a posse de um celular, a capacidade de pagar por créditos que o habilite a fazer ligações, enviar mensagens, escolher músicas, aplicativos e jogos, se comunicar com as pessoas por meios eletrônicos, obter informações ou trocar de aparelhos, quando desejar, são considerados indícios de autonomia. Isso justifica a expectativa de trabalho e a noção negativa da falta do mesmo.

No que se refere aos ambientes urbanos a que o jovem prefere, podemos afirmar que os centros comerciais, e, sobretudo o shopping, são os lugares preferidos da maioria dos que foram ouvidos nessa pesquisa. Estar no shopping significa, para eles, ter liberdade, além de representar a possibilidade de consumo, de qualquer tipo de produto, pois nesse ambiente a oferta é demasiadamente extensa.

Além dessas questões objetivas, trabalhar para os entrevistados é ter reconhecimento, *status* social de trabalhador e, nesse sentido, não importa o tipo e nem as condições oferecidas pelo emprego que se ocupa. Mesmo os jovens participantes dessa pesquisa que trabalhavam como estagiários, ganhando pouco mais do que meio salário mínimo, demonstravam orgulho em serem reconhecidos como trabalhadores, pois para eles, essa posição social apresenta-se repleta de significações relacionadas à autonomia, maturidade e responsabilidade. Ao que parece, esse desejo relaciona-se com um aspecto simbólico da sociedade brasileira, observado, sobretudo entre as classes sociais trabalhadoras, na qual o trabalhador é concebido em oposição ao malandro, ao desocupado ou mesmo ao vagabundo. Esse aspecto está associado à questão moral, de bom comportamento e bons costumes.

Reconhecer a valorização que a condição de trabalhador possui em alguns ambientes sociais é uma atitude característica de jovens que são criados em meio a famílias de trabalhadores. Estes passam a desejar essa posição social precocemente, por estar em contato com pessoas que desempenham a mesma função e são reconhecidas e valorizadas por isso. Assim, quando chegam à fase da vida denominada juventude, esses indivíduos já possuem a admiração e o desejo pela posição social de trabalhador. Nesse sentido, pode-se afirmar que o trabalho serve como elemento de construção de identidades juvenis. A condição social de trabalhador, na percepção dos jovens, favorece sua imagem social, propicia o estabelecimento de vínculos com outras pessoas, o reconhecimento e a construção de uma imagem positiva diante da sociedade.

Outra questão com a qual se fundamentou os resultados da pesquisa refere-se ao posicionamento juvenil em meio à lógica da empregabilidade que vigora no ambiente de trabalho contemporâneo. Os entrevistados se percebem como responsáveis pelo seu sucesso ou fracasso na vida profissional. Dessa forma, o jovem se vê na obrigação de constante aperfeiçoamento e qualificação para que seja possível a inserção qualificada no mercado de trabalho e atua como reprodutor do discurso predominante no mercado contemporâneo. O discurso juvenil desconsidera totalmente qualquer fator externo ao próprio indivíduo para justificar o sucesso ou o fracasso profissional. Os atributos individuais como motivação, determinação e força de vontade para acompanhar as exigências do mercado são apontados como determinantes para o êxito profissional e como únicos responsáveis pelo sucesso do indivíduo na busca por emprego.

Ser detentor de habilidades diversas que possam ser comprovadas em um currículo é um dos principais desejos e objetivos dos atores desta pesquisa. Esse objetivo relaciona-se

com a consciência que eles têm das condições desfavoráveis que a juventude contemporânea possui no mercado de trabalho atual. Isso justifica a motivação de jovens pobres, estudantes de escolas públicas de Belo Horizonte e região metropolitana, para participarem de programas que visam a qualificação pessoal e profissional, como é o caso do Plug Minas. O desejo de conquistar um posto de trabalho que sirva como instrumento para a realização de seus desejos existe ao mesmo tempo em que existe o entendimento de que o indivíduo é o maior ou o único responsável pela conquista do emprego. Esses dois fatores atuam de forma combinada e impulsiona o jovem à procura de cursos de qualificação, que são percebidos como possibilitadores do aumento de oportunidades profissionais.

Nesse cenário o Plug Minas ganha uma importância indiscutível e exerce uma influência marcante na vida dos jovens que participam dos cursos oferecidos pelos núcleos. O programa se reveste de uma importância que vai além das expectativas relacionadas ao mundo do trabalho e representa para os jovens um marco em suas vidas.

Pode-se dizer que a imagem acentuadamente positiva do Plug Minas entre os jovens, tenha relação com a forma com que o programa percebe seus alunos e leva-os a se situar em seu ambiente. O discurso elaborado pelo Plug Minas, bem como as estratégias que são utilizadas para o desenvolvimento de suas atividades, prioriza uma visão de jovem mais coerente com as novas tendências seguidas pelos formuladores de políticas públicas para a juventude, que consideram os grupos juvenis como potencialmente capazes de promover mudanças positivas em suas trajetórias de vida, como protagonistas, e distanciam-se da visão que considera os jovens como grupo de risco social ou meramente como sujeitos em fase de preparação para a vida adulta.

É possível afirmar que teoricamente, o programa tem intenção de atuar em vários aspectos da vida do jovem, como no despertar do desejo de participação política, no incentivo ao relacionamento interpessoal e no desenvolvimento de habilidades no campo da cultura digital. Porém, na prática parece dedicar especial atenção à inserção dos jovens no mundo do trabalho, como sujeitos mais qualificados. Embora o Plug Minas seja uma instituição que, oficialmente, não reconheça que suas atividades são voltadas apenas para o mercado de trabalho, no discurso articulado dos técnicos e alunos dos núcleos é notório a ênfase dada à preparação para o mundo do trabalho. Portanto, a demanda pelo Plug Minas relaciona-se, em grande medida, com expectativas juvenis em se habilitar para as exigências do mercado de trabalho atual.

A intensidade com que questões relacionadas ao trabalho aparecem no discurso dos jovens, somada aos relatos dos entrevistados sobre as estratégias do Plug Minas para colocar os jovens em contato com o mundo do trabalho, evidencia que o trabalho é assunto de interesse não apenas dos jovens, mas também dos gestores e técnicos do programa. As análises feitas permitiram perceber ainda que o Plug Minas além de representar para os jovens maiores possibilidades no campo profissional atua reforçando a lógica da empregabilidade, quando relaciona de forma pouco problematizada a conquista da qualificação ao sucesso profissional. A prática de encaminhar os estudantes para a realização de trabalhos dentro e fora do programa, nas áreas em que eles atuam, aparentemente, trata-se de medida vista como positiva pelos jovens, mas traz implicações que merecem ser analisadas.

Os entrevistados não parecem ser capazes de perceber que o sucesso na busca por um emprego, sobretudo pelo mais adequado às suas pretensões, nem sempre depende apenas da qualificação e preparo pessoal. Muitos participantes, embora demonstrassem reconhecer as dificuldades em conseguir empregos com boas condições de trabalho no cenário contemporâneo, viam-se fora dessa situação por participarem de um curso de qualificação. Nesses momentos se percebia claramente os efeitos da ideologia da empregabilidade, em que os jovens por ainda não terem experiências reais, ou ter pouca experiência no competitivo mundo do trabalho, confiavam que a qualificação bastaria para a conquista de um bom emprego, capaz de atender suas expectativas de consumo e autonomia frente à sociedade. Os que trabalhavam na condição de estagiários ou de jovem aprendiz, que desempenham a função de operadores de *telemarketing*, *office boy*, caixas de supermercado, muitas vezes em jornadas de meio horário e conseqüentemente de baixa remuneração, entre tantos outros com o mesmo perfil desses citados, entendiam que essa situação seria alterada a partir de sua formação no Plug Minas.

Ainda sobre os efeitos da lógica da empregabilidade é importante destacar que os entrevistados desta pesquisa parecem ter criado, durante o período que frequentam o Plug, um tipo ideal de emprego que se caracteriza por uma remuneração adequada aos seus anseios, boas condições de trabalho e pela possibilidade de atuar em uma área que seja de interesse do jovem. Como se apontou, nesse estudo, não tem sido tarefa fácil aos jovens conquistar postos de trabalho que reúnam esses atributos. A forma como alguns programas de qualificação, representados aqui pelo Plug Minas, tem tutelado os jovens em suas primeiras experiências de trabalho, pode se distanciar da realidade e fazer parecer fácil o acesso ao trabalho de tipo ideal formulado pela juventude. Dessa forma, esses programas estariam formando reprodutores da

lógica da empregabilidade com grandes chances de se decepcionarem futuramente, quando estiverem em meio à competitividade do mundo do trabalho, ao invés de prepará-los para saber lidar com as questões próprias desse ambiente.

Por fim, é importante destacar que o Plug Minas apesar de estar localizado geograficamente no território da antiga Fundação Estadual do Bem-Estar ao Menor – FEBEM, lugar que na prática serviu como espaço de certo “aprisionamento” da juventude, passou por adaptações que modernizaram o espaço, fazendo dele um ambiente amplo, que é equipado tecnologicamente e bastante agradável. Tudo isso possibilita ao jovem circular pelo seu interior, fazer escolhas entre atividades diversas e transitar entre os núcleos e os espaços externos; o que contribui para que o jovem possa ter a sensação de autonomia, liberdade e independência. Essa estrutura somada às atividades que são desenvolvidas nos núcleos produz um nível de satisfação muito alto entre os alunos do programa, que o consideram como uma experiência transformadora de suas vidas, capaz de beneficiá-los posteriormente tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional.

Diante do que foi apresentado, entende-se que o Plug Minas, no imaginário juvenil, representa um lugar capaz de possibilitar ao jovem a realização de seus anseios relacionados à sociedade contemporânea (autonomia, acesso ao consumo, realização pessoal, reconhecimento social, etc). Um emprego, sobretudo um posto de trabalho considerado bom, que forneça ao jovem autonomia, acesso aos produtos desejados e reconhecimento social, é a principal motivação de muitos jovens para participarem do Plug Minas. A expectativa que os jovens têm em relação ao Plug Minas, visto como uma instituição capaz de fornecer a eles subsídios para que seus anseios sejam atendidos, está diretamente relacionada ao alto nível de satisfação com o programa.

Mesmo diante de toda satisfação dos sujeitos desta pesquisa com o Plug Minas e da expectativa criada em torno dos cursos de qualificação, que parece ser uma tendência entre os jovens, considera-se apropriado terminar este estudo questionando se o Plug Minas é eficaz no desenvolvimento do protagonismo juvenil entre os jovens participantes, apenas no período de permanência deles no programa, onde estes opinam, participam de processos e fazem escolhas, ou se ele contribui de fato para a prática contínua desse protagonismo após a saída desses jovens do programa.

Outros questionamentos podem ser interessantes para despertar novas inquietações acerca das experiências e expectativas dos jovens do Plug Minas com o mundo do trabalho. São eles: Quais são os índices de inserção do jovem no mundo do trabalho após sua saída do

programa? Como os jovens, que participaram do Plug Minas, lidam com a realidade do mercado de trabalho, distante da tutela do programa? Como os jovens participantes percebem o sucesso e o fracasso profissional após suas primeiras experiências de trabalho? E ainda, quais são os outros atores sociais que os jovens percebem como responsáveis diretos ou indiretos por sua inserção profissional? Estes questionamentos não foram trabalhados em nesta pesquisa, mas podem motivar outros estudos futuros no campo das ciências sociais.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. “Condição juvenil no Brasil contemporâneo”. In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 37-72.
- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina; SPOSITO, Marília (orgs). Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, n.5/6, mai/dez. 1997, p.25-36.
- ABRAMOVAY, M; CASTRO, M. G. (Coords.) Juventude, juventudes: o que une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006.
- ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R; ESTEVES, L. C. G. (orgs). Juventudes: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.
- AIRES, Luísa. Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional. Porto: Universidade Aberta, 2011.
- ANDRADE, Carla Coelho de. Juventude e Trabalho: Alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: IPEA, 2007.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. Cultura, Consumo e Identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BAUMAN, Zigmunt. O mal estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BRITTEN, Nicky. Entrevistas qualitativas. In: POPE, Catherine; MAYS, Nicholas (orgs). Pesquisa qualitativa na atenção à saúde. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1995.
- CANEVACCI, Massimo. Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni (Org.). Juventude e Políticas Sociais no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Brasília, 2008. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td\\_1335.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1335.pdf). Acesso em: 13 Set. 2012.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis: Vozes, 2010.

CLARKE, Simon. Crise do Fordismo ou Crise da Social Democracia? Revista Lua Nova, n. 24, CEDEC, Set, 1991.

COTANDA, Fernando Coutinho. Trabalho, sociedade e sociologia. In: HORN; COTANDA (org). Relações de trabalho no mundo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 5/6, n.24, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. A juventude no Brasil. Disponível em:[http://www.cmjbh.com.br/arq\\_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf](http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf). Acesso em 03. JAN. 2013.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIESSE. A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000. São Paulo: DIEESE, 2012.

DRUCK, Graça. Precarização e informalidade: algumas especificidades do caso brasileiro. In: VERAS, Roberto (Org.) sem título, 2011a. (No prelo).

FRANZOI, Naira Lisboa. Juventude, trabalho e educação: crônica de uma relação infeliz em quatro atos. In: DAYRELL, J; MOREIRA, M; STENGEL, M. (orgs). Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R; VANNUCHI, P. (Orgs.) Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.

GROPPO, Luiz Antônio. Ensaio sobre Sociologia e História da Juventude Moderna. Rio de Janeiro: Dief, 2000.

GUEDDES, Simoni Lahud. Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: EDUFF, 1997.

GUERRA, Isabel Carvalho. Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentido e formas de uso. Cascais: Princípia, 2008.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. A sociologia dos mercados de trabalho, ontem e hoje. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, nº 85, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n85/n85a07.pdf>. Acesso em: 26 Jan. 2012.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (orgs). Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós – modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo. In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, nº. 12, p. 16-26, junho de 1985.

LARA, Ana Carolina de Siqueira. Plug Minas: A Gestão de um Projeto Social por uma OSCIP em Minas Gerais. III Congresso Consad de Gestão Pública. 2010.

LEITE, Márcia de Paula. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. In: LEITE, M; ARAÚJO, A. O trabalho reconfigurado – ensaios sobre o Brasil e México. São Paulo: ANNABLUME, 2009.

LEON, A. L. P. Juventude, Juventudes: uma análise do trabalho e renda da juventude brasileira. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R; ESTEVES, L. C. G. (orgs). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

LIMA, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, nº 25, set/dez. 2010.

MARQUES, Robson dos Santos. Entorno, drogas e violência nas escolas: uma contribuição sobre espacialidades no município de Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina. (Org.). *A Escola no singular e no plural. Um estudo sobre violência e drogas nas escolas*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica/ 3ª Margem, 2006. v. 1. 216 p.

MEDEIROS, Regina. (Org.). *A Escola no singular e no plural. Um estudo sobre violência e drogas nas escolas*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica/ 3ª Margem, 2006. v. 1. 216 p.

MEDEIROS, Regina. Procedimentos metodológicos da pesquisa: a decisão pela pesquisa qualitativa. In: MEDEIROS, Regina; MARQUES, Maria Elizabeth. *Educação política da juventude: a experiência do Parlamento Jovem*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.

MEDEIROS, Regina. *Jovens, Violência e Drogas no contexto urbano. Prevenção ao uso indevido de drogas/ Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos*. –Curitiba: SEED – Pr., 2008. - 152 p.

MINAYO, Maria Cecília e Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MUNIZ, Luciano Borges; MEDEIROS, Regina de Paula. *Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira: Territórios interculturais de juventude* Organizadores: Jaileila de Araújo

Menezes; Tatiana Cristina dos Santos de Araújo; Mônica Rodrigues Costa. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

NASCIMENTO, Yuri Pinheiro do. A crise da sociedade salarial e a proteção social dos trabalhadores: a propriedade social como condição de cidadania. In: HORN, C H; COTANDA F C (org). Relações de Trabalho no mundo Contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

NEVES, Magda. Dinâmicas de trabalho na cidade: informalidade e autogestão. In: LEITE, M; ARAÚJO, A. O trabalho Reconfigurado – ensaios sobre o Brasil e México. São Paulo: ANNABLUME, 2009.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. In: PERALVA, Angelina; SPOSITO, Marília (orgs). Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação, n.5/6, mai/dez. 1997, p.25-36.

PEREIRA, Angélica Silva; BARDIN, Elisabete Maria. Paisagens juvenis urbanas: identidades cambiantes nos movediços terrenos da cultura. In: OLIVEIRA, T; GONTIJO, C; CASTRO, C. Políticas Públicas de Juventude: Contextos, percepções e desafios da prática. Belo Horizonte: Ed. UEMG, 2010.

POCHMANN, Márcio. Educação, trabalho e juventude: o dilema brasileiro e a experiência da Prefeitura de São Paulo. In: ABDALA, Ernesto; JACINTO, Claudia; SOLLA, Alejandra. La inclusión laboral de los jóvenes: entre la desesperanza y la construcción colectiva. Montevideo, OIT/Cinterfor: 2005.

RODRIGUES, Hila Bernadete Silva. Políticas públicas para a juventude e gestão local no Brasil: agenda, desenho e implementação. 2009. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais\\_RodriguesHB\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_RodriguesHB_1.pdf). Acesso em: 12. JAN. 2013.

SENNETT, Richard. A Corrosão do Caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Ed. 16. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SETTON, M. G. J. Sociabilidade juvenil, mídias e outras formas de controle social. In: DAYRELL, J; MOREIRA, M; STENGEL, M. (orgs). Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Mudanças no Mundo do Trabalho: Uma Nota. Disponível em:> <http://www.fafich.ufmg.br/nesth/IIIseminario/texto11.pdf>. Acesso em: 20 Jan. 2012.

SORJ, Bila. Sociologia e Trabalho: mutações, encontros e desencontros. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15 no. 43 junho/2000.

SPOSITO, Marília Pontes (coordenação). O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas públicas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: Revista Brasileira de Educação. Nº 24. São Paulo: Autores Associados, 2003, 16-39.

THÉBAUD-MONY, Annie; DRUCK, Graça. Terceirização: a erosão dos direitos dos trabalhadores na França e no Brasil. In: DRUCK, Graça e FRANCO, Tânia. A Perda da Razão Social do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 2007.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – PNAD/IBGE – 2009. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1708](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708). Acesso em: 14. Fev. 2012.

MINAS GERAIS. Plano Mineiro de Desenvolvimento Integrado – PMDI – 2007 – 2023. Disponível em: [http://www.planejamento.mg.gov.br/governo/publicacoes/arquivos/Plano\\_Mineiro\\_Developmento\\_Integrado\\_Final.pdf](http://www.planejamento.mg.gov.br/governo/publicacoes/arquivos/Plano_Mineiro_Developmento_Integrado_Final.pdf). Acesso em: 14 Fev. 2012.

PLUG MINAS. Termo de Replicação – Critérios. Dezembro de 2009. Disponível em: > [www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20110105105039109](http://www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20110105105039109). Acesso em: 14 Fev. 2012.

PLUG MINAS. Regimento Interno. Disponível em: [www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx ?i=20101130180816156](http://www.plugminas.mg.gov.br/download.aspx?i=20101130180816156). Acesso em: 23. JAN. 2012.

População Jovem no Brasil: a dimensão Demográfica. IBGE. Disponível em: > [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao\\_jovem\\_brasil/comentario1.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf). Acesso em: 14. Fev. 2012.

WELLER, Jürgen. La inserción laboral de los jóvenes: características, tensiones y desafíos. In: Revista de la CEPAL. Santiago de Chile, CEPAL, n. 92, ago. 2007. p. 61-82. Disponível em: <http://biblioteca.ues.edu.sv/revistas/107011164.pdf>. Acesso em: 08. NOV. 2013.